



ANDRÉA SOUZA MARZOCHI

**“HISTÓRIA DE VIDA DOS JOVENS DA
FUNDAÇÃO CASA: O LUGAR DA ESCOLA
NESSAS VIDAS.”**

**CAMPINAS
2014**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRÉA SOUZA MARZOCHI

**“HISTÓRIA DE VIDA DOS JOVENS DA FUNDAÇÃO
CASA: O LUGAR DA ESCOLA NESSAS VIDAS.”**

Orientador(a): Prof. Dra. Áurea Maria Guimarães

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA ANDRÉA SOUZA MARZOCHI
E ORIENTADA PELO PROF.DRA. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in blue ink that reads "Áurea M. Guimarães". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

**CAMPINAS
2014**

M369h Marzochi, Andréa Souza, 1987-
Historia de vida dos jovens da Fundação CASA : o lugar da escola nessas vidas / Andréa Souza Marzochi. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Áurea Maria Guimarães.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Fundação CASA. 2. História oral. 3. Juventude. 4. Violência. I. Guimarães, Áurea M. (Áurea Maria), 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Life history of young in CASA Foundation : the place of the school in these lives

Palavras-chave em inglês:

CASA Foundation

Oral history

Youth

Violence

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Áurea Maria Guimarães [Orientador]

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Fabiola Holanda Barbosa Fernandez

Data de defesa: 27-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

HISTÓRIA DE VIDA DOS JOVENS DA FUNDAÇÃO CASA: O
LUGAR DA ESCOLA NESSAS VIDAS

Autor : Andréa Souza Marzochi
Orientador: Prof. Dra. Áurea Maria Guimarães

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Andréa Souza Marzochi e aprovada pela Comissão Julgadora

Data: 27/02/2014

Assinatura: Áurea M. Guimarães

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Fabíola Holanda B. Fernandes
D. ...

2014

v

RESUMO

Este trabalho tem como proposta narrar e dialogar com as histórias de vida dos jovens que cumprem medida sócio-educativa de internação na Fundação Centro de Atendimento Sócio Educativo ao Adolescente (Fundação CASA). O campo da pesquisa foi uma unidade da Fundação CASA localizada na cidade de Campinas, com perfil de internos reincidentes, de onde foram selecionados sete jovens colaboradores para entrevistas realizadas dentro da unidade de internação. Pautada nos estudos de História Oral trazidos pelo Núcleo de História Oral da USP (NEHO), procurei exaltar o conjunto das experiências trazidas nas narrativas, buscando problematizar as relações desses jovens com o contexto social que os cercam e de que maneira isso afeta suas relações com a escola. A pesquisa tem como referencial teórico principalmente os estudos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Zigmund Bauman, quando refletem sobre as formas de poder e as mudanças nas relações sociais. Além destes, para pensar a respeito da juventude, estudo autores (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2007; PAIS, 2008; SPOSITO, 1997) que a entendem como uma construção social vivida de maneira singular por cada sujeito. Por meio das narrativas, almejei dar visibilidade às histórias contadas, buscando no conjunto das experiências narradas, compreender o contexto social que cerca esses jovens e o lugar que a escola ocupa em suas vidas.

Palavras Chave: História Oral, Fundação CASA, Juventude, Violência, Reincidência.

ABSTRACT

This work aims to describe and interact with the life histories of young people who undergo socio-educational measurements in the Foundation for Social Education of Teenagers (CASA Foundation). The field research was in a unit of the CASA Foundation located in Campinas, with recidivism profile, where seven young were selected for interviews within the unit. Guided by studies in oral history presented by the Center for Oral History at USP (NEHO), I aimed to exalt all the experiences brought by the narratives, seeking to problematize the relationship of these young people with the social context surrounding them and how it affects their relationships with school. The research is mainly based on studies of Michel Foucault , Gilles Deleuze and Zigmund Bauman, in which they reflect on the different ways of power and the changes in social relations . Besides these, for thinking about youth, I studied authors (ABRAMO , 2005; DAYRELL , 2007; PARENTS , 2008; SPOSITO , 1997)

who understand that as a social construction of uniquely experienced by each subject . Through narratives, I longed for giving visibility to stories, considering at all the experiences narrated, to understand the social context that surrounds these young people and the place that the school occupies in their lives.

Keywords: Oral History, CASA Foundation, Youth, Violence, Repeated infringement.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO,

20

INTRODUÇÃO,

32

FUNDAÇÃO CASA E ESCOLA,

38

JUVENTUDES,

52

HISTÓRIA ORAL, UMA OPÇÃO METODOLÓGICA,

56

ENTREVISTAS:

MARCOS, **66**

BRUNO, **78**

ALAN, **96**

VITOR, **107**

DANILO, **114**

PAULO, **121**

KELVIN, **132**

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E A HISTÓRIA ORAL,

146

SOCIEDADE DE CONSUMO,

152

O NÃO-LUGAR DA ESCOLA,

164

O QUE ESTAMOS FAZENDO DE NÓS MESMOS?

179

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA,

184

Dedicatória

*Dedico este trabalho ao meu melhor amigo e companheiro, desde sempre a parte boa da vida,
Fabiano.*

Agradecimentos

Agardeço a todos que fizeram deste trabalho um sonho possível:

À Áurea Maria Guimarães, por ser muito mais que uma orientadora.

À Dirce Zan, por sempre ter as palavras certas.

Aos amigos do grupo VIOLAR, pelas conversas.

À minha família, pelo apoio.

Aos amigos, pelo carinho, atenção e ouvidos.

À Fundação CASA, principalmente às unidades que frequentei.

A todos os colaboradores, por compartilharem suas histórias.

E aos amigos espirituais que me auxiliaram a chegar até aqui.

A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento
(Ponte, Lenine)

Lista de Siglas das Entrevistas

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano.

CDP – Centro de Detenção Provisória.

CEDAP – Centro de Educação e Assessoria Popular.

CENIP – Centro de Internação Provisória para Adolescentes do Estado de Pernambuco.

COMEC – Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano.

LA – Liberdade Assistida.

SEDEX – Serviço de Encomenda Expressa de Documentos e Mercadorias.

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

ROCAM – Rondas Ostensivas com Apoio de Motocicletas.

UIP – Unidade de Internação Provisória para Adolescentes do Estado de São Paulo.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.



Rhythm5.com

APRESENTAÇÃO

Este estudo foi feito a partir das histórias de vida dos jovens internos da Fundação CASA, com o intuito de conhecer a trajetória destes jovens, suas experiências fora e dentro da instituição. O objetivo maior é estudar a relação deles com a escola.

Minha relação com a Fundação CASA teve início ainda na graduação, em pesquisa de iniciação científica, posteriormente publicada como trabalho de conclusão de curso, com o título: “Professores na Fundação CASA: Condições e Relações de Trabalho”. O tema não surgiu por acaso, na verdade, sempre rondou meus interesses, nas reportagens de rebelião, de maus tratos dos jovens, etc. Eu queria entender como a instituição funcionava, como estava organizada e, principalmente, porque professores optavam em dar aula num ambiente estigmatizado socialmente.

Naquela pesquisa, investiguei o trabalho de professores dentro da unidade mais antiga da cidade de Campinas. O objetivo era entender por quais razões professoras e professores, contratados pela Secretaria Estadual de Educação optavam e permaneciam lecionando nas escolas localizadas dentro da Fundação.

Durante a pesquisa, visitei constantemente a unidade, acompanhando as aulas, os HTPC's¹ e toda rotina dos professores. Fiz entrevistas com todos eles, para compreender o que os levaram a dar aulas na Fundação e porque, diferente de outros professores que encontrei na unidade, permaneciam há muito tempo lecionando na instituição. Para os professores que entrevistei, a escola, e com isso seu trabalho, tem um importante significado dentro da instituição: ajudar os internos a alcançar outras possibilidades de vida, fazendo com que não transgridam a lei novamente, o que vai ao encontro dos objetivos da própria instituição.

Em relação aos adolescentes, não era objetivo da pesquisa entrevistá-los, por isso não estabeleci nenhum contato direto com eles, estando meu convívio restrito aos professores no período em que ministravam suas aulas. Mas, a opinião deles sobre a escola sempre me interessou e, naquele momento, apenas consegui levantar algumas hipóteses: os jovens ressignificariam a escola, tornando-a como importante espaço durante o período de internação e isso aconteceria,

¹ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo.

principalmente, pelo vínculo estabelecido com os professores, que se tornam importantes referências para os adolescentes.

Depois de formada, passei a trabalhar como educadora social da Obra Social São João Bosco, atuando junto a jovens de um bairro da periferia da cidade de Campinas no projeto Jovem.com Cidadania. A partir desta experiência, pude começar a conhecer a opinião dos jovens sobre a escola.

No projeto que trabalhava, além de aulas de informática, existiam também encontros semanais para discutir assuntos relacionados ao universo juvenil. Cada encontro tinha um tema proposto para discussão, em que o jovem falava, colocava seu ponto de vista, apresentava ideias ou possíveis soluções para conflitos que surgiam a partir do tema.

A todo o momento a escola esteve presente nos encontros, como um lugar de conflito para os jovens do projeto, que não os respeitava, que não atendia suas necessidades, enfim, um espaço de pouca importância, mesmo muitos deles gostando de estudar, querendo aprender, diziam que a escola não atendia mais a essa necessidade, porque estava superlotada, com professores estressados e desrespeitosos, com diretores e coordenadores ditadores e intransigentes, com alunos que só queriam conversar, namorar e se divertir dentro da escola.

Esses relatos me chamavam muita atenção, a escola sempre estava no pano de fundo de nossas discussões, era sempre um espaço citado pelos jovens para exemplificar um desrespeito ou para contar uma experiência, no entanto, sentia que cada vez mais estavam afastados desse ambiente como espaço de estudo, de conhecimento, de ensino e aprendizagem.

Passei a me perguntar qual era o sentido da escola para esses meninos e meninas? Qual a função da escola para a sociedade? Ela atende, de fato, as necessidades de seus alunos? Ela atende a quem? Muda a escola, o bairro, mudam as relações, as impressões, o sentido de escola? Se a escola pública é ruim, a da Fundação CASA é boa? O que tinha dentro da Fundação que fazia com que os jovens ressignificassem a escola? O que faziam lá? O que estavam deixando de fazer fora? O que faziam fora que estavam deixando de fazer dentro?

Essas questões deram origem ao meu projeto de mestrado, apresentado ao grupo VIOLAR, orientado pela professora Áurea Maria Guimarães.

No início do projeto, a hipótese maior, herdada do TCC, era que a escola dentro da Fundação CASA ganhava novo sentido em razão do vínculo criado com os professores, que são quem fazem a escola acontecer de fato², por isso, o vínculo criado entre os jovens e os professores esclarecia, até aquele momento, a mudança de postura em relação à escola, a partir da internação na Fundação. Baseada nisso, outra hipótese que levantava, a partir da vivência anterior, era a de que, saindo da Fundação, as relações com a educação seriam diferentes, que o sentido da escola seria outro quando os internos retomassem sua liberdade.

Para realizar a presente pesquisa, iniciei contato com a Fundação CASA no ano de 2011, pedindo autorização para frequentar duas de suas unidades e realizar entrevistas individuais com os jovens internos que tivessem interesse em colaborar. O pedido foi feito respeitando todas as normas da instituição para realização de pesquisa, expressas na portaria normativa 155/2008. A autorização veio quatro meses depois e, em Janeiro de 2012 passei a frequentar as unidades selecionadas.

A seleção das unidades deveu-se ao fato de serem a mais antiga, criada no ano 2000 com a política de descentralização da internação, e a mais nova unidade da cidade de Campinas, criada em 2012 a partir das novas políticas do Estado de São Paulo para jovens infratores, que teve como marco principal a mudança do nome da instituição de FEBEM – SP para Fundação CASA, o que poderia apresentar diferenças significativas para a pesquisa.

A opção em frequentar duas unidades me pareceu necessária, não sabia quais eram as especificidades e similitudes de cada unidade da Fundação, por isso frequentar duas unidades, com certo contraste entre elas me pareceu importante para o que eu estava pesquisando.

Comecei então a frequentar as duas unidades, com objetivos específicos em cada encontro, não de observação do cotidiano da instituição, mas, principalmente, de aproximação com os jovens internos. Os encontros em ambas unidades tiveram sempre o mesmo formato e intenção.

No primeiro encontro me apresentei falando do projeto, das etapas dentro da Fundação, sobre a questão da autorização para as entrevistas e a opção de não participar. Todos foram muito

² Na unidade que conheci, não há um espaço específico para a escola: ela está misturada com a Fundação. As salas de aula, apelidadas de *celas de aula*, são onde se realizam as aulas do ensino regular, do ensino profissionalizante e oficinas. Este assunto será aprofundado no decorrer do texto.

abertos e ficaram muito interessados, acharam diferente e curioso alguém querer entrevistá-los para falar de suas vidas.

Num segundo encontro conversei sobre a escola, o que eles faziam, como eram as escolas que estudavam e o que achavam da instituição. Foi o encontro mais longo que tive, pois tinham muito o que falar sobre a escola, observações importantes e experiências para contar. Parecia que estava novamente no projeto Jovem.com Cidadania, pois os relatos eram muito parecidos.

No terceiro e último encontro antes das entrevistas, apliquei um questionário, para ter registrado dados pessoais deles, como telefone e endereço, para posterior contato, e saber quem gostaria ou não de participar da pesquisa.

No questionário, fiz perguntas fechadas para conhecer previamente a trajetória de vida e escolar dos jovens, as perguntas foram as seguintes:

- 1 – Você tem filhos?
- 2 – Qual lembrança você tem da sua infância?
- 3 – Em quais escolas você estudou?
- 4 – Você parou de estudar antes de entrar na Fundação?
- 5 – Qual série você está cursando aqui?
- 6 – Qual lembrança você tem da escola?
- 7 – Você tem um professor que mais gostou? Por quê?
- 8 – Há quanto tempo você está na Fundação?
- 9 – Na sua opinião, como é a escola da Fundação?
- 10 – Você gostaria de contribuir com a pesquisa realizando a entrevista?

O questionário foi respondido por quase todos os internos, nas duas instituições, cerca de 100 jovens. Cinco jovens não quiseram responder. Os que responderam³, tiveram muita dificuldade na compreensão das perguntas, não entendiam, por exemplo, o que significava endereço, muitos

³ A maior parte desses jovens estava no matriculada no Ensino Médio.

não sabiam seus endereços ou o telefone para contato. As respostas foram bem curtas, muitas não foram respondidas, fiquei o tempo todo ajudando na compreensão das perguntas e na escrita das respostas.

Depois da aplicação dos questionários, fui agrupando as respostas que mais se aproximavam e separando os jovens que não quiseram participar da entrevista.

Nesse momento, um fator me chamou muita atenção, o tipo de jovem de cada unidade: em uma eram jovens internados pela primeira vez, muitos bem novos, que acabaram de completar idade mínima para ser internado; a outra, jovens reincidentes, que já tinham passado pela Fundação e cometeram novamente ato infracional.

Eu não pude ignorar essa diferença no perfil dos jovens e como isso refletiria na pesquisa. A internação primária me chamou muita atenção, principalmente pela idade dos internos, muito novos, com 12 anos. Eram, a meu ver, crianças ainda, mas que não se reconheciam como tal e sim como adultos pelas experiências vividas no contexto de suas vidas.

Na outra unidade, a questão da reincidência colocou em dúvida uma das certezas que tinha ao iniciar o trabalho de campo: se as relações estabelecidas dentro da Fundação mudam a vida dos jovens, principalmente a relação com a escola, por que a reincidência? Se havia mudança, por que retornavam para a fundação? Qual parte da história desses meninos que os faziam retornar à Fundação CASA? As hipóteses levantadas por mim anteriormente, passaram a ser questionadas ao pensar na reincidência.

Por esta razão, optei em realizar as entrevistas em uma única unidade, a mais nova, pois havia encontrado aí uma especificidade que me chamava muita atenção e que contribuiria muito para a minha pesquisa.

A partir disso, comecei a ler os questionários respondidos pelos jovens. Na unidade de primeira internação 52 jovens responderam, estes questionários ficaram guardados para pesquisas futuras.

Na unidade de reincidentes, de um total de 70 internos, 46 responderam o questionário, desses, 11 não quiseram participar da entrevista. Com isso fiquei com um total de 35 que se interessaram em ser entrevistados. Essa foi a parte mais difícil da pesquisa: selecionar aqueles que entrevistaria.

Os breves relatos escritos no questionário me intrigavam, minha vontade era entrevistar a todos. No entanto, me mantive focada no objetivo central da pesquisa e selecionei jovens que haviam passado por escolas particulares, por escolas públicas, que aprovavam a escola da Fundação, que reprovavam, que haviam estudado em escolas fora do estado e que tinham lembranças positivas com professores ou que não tinham lembranças nenhuma da escola.

Cheguei a um número de 20 possíveis entrevistados, mas que foi diminuindo conforme fui tentando entrevistá-los. Isso porque, alguns dos adolescentes que selecionei, em um prazo de quinze dias até retornar contato novamente para dar início às entrevistas, já haviam saído da instituição. Outros, um total de oito internos, não encontrei a família para pedir autorização formal para a entrevista, pois não visitavam o jovem. Dessa maneira, consegui fechar um número de sete entrevistados para a pesquisa.

As sete entrevistas foram realizadas individualmente respeitando os procedimentos indicados pela História Oral. É importante dizer também que foram gravadas em uma sala isolada e que os funcionários da unidade foram extremamente respeitosos em relação a privacidade para a entrevista e não interferiram em nenhum momento.

A cada entrevista eu me apaixonava ainda mais por esta pesquisa, cada história que ouvia me deixava mais envolvida com o trabalho, mais interessada em torná-lo público, para que não só eu, mas muitos outros interessados pudessem ter acesso a essas histórias.

A impressão que tenho, como pesquisadora que se utiliza da História Oral, é a de uma fotógrafa, que capturou um momento da história desses jovens e o transformou em narrativas. As histórias contadas pelos colaboradores foram transcritas, textualizadas e transcriadas para serem apresentadas na íntegra, sem recortes.

São histórias que levantam infinitos pontos para pesquisas, mas que principalmente, me ajudam a compreender um pouco mais a sociedade em que vivemos hoje.

CRIANÇAS LADRONAS

AS AVENTURAS SINISTRAS DOS “CAPITÃES DA AREIA” – A CIDADE INFESTADA POR CRIANÇAS QUE VIVEM DO FURTO – URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLÍCIA – ONTEM HOUVE MAIS UM ASSALTO

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo jus a uma imediata providência do Juiz de Menores e do doutor Chefe de Polícia.

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de “Capitães da Areia” porque o cais é o seu quartel-general. E têm por comandante um mascote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de ontem. Infelizmente a Identidade deste chefe é desconhecida. O que se faz necessário é uma urgente providência da policia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões. Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe dessa malta de jovens bandidos.

NA RESIDÊNCIA DO COMENDADOR JOSE FERREIRA

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos “Capitães da Areia”.

Os relógios badalavam as três horas da tarde e a cidade abafava de calor quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. O jardineiro tratou de afastar da frente da casa aqueles incômodos visitantes. E, como eles continuassem o seu caminho, descendo a rua, Ramiro, o jardineiro, voltou ao seu trabalho nos jardins do fiando do palacete. Minutos depois, porém, era o

ASSALTO

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armando-se de uma foice o jardineiro penetrou na casa e mal teve tempo de ver vários moleques que, como um bando de demônios na expressão curiosa de Ramiro, fugiam saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar. A empregada que havia gritado estava cuidando da senhora do comendador, que tivera um ligeiro desmaio em virtude do susto que passara. O Jardineiro dirigiu-se às pressas para o jardim, onde teve lugar a

LUTA

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos “Capitães da Areia”, que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava, porém, pela reação do moleque, que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que, quando pensava ter seguro o chefe da malta, o jardineiro recebeu uma punhalada no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso, que fugiu.

A polícia tomou conhecimento do fato, mas até o momento que escrevemos a presente nota nenhum rastro dos “Capitães da Areia” foi encontrado. O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuízo em mais de um conto de réis, pois só o pequeno relógio de sua esposa estava avaliado em 900\$ e foi furtado.

URGE UMA PROVIDÊNCIA

Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos “Capitães da Areia”. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre doutor Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão Jovens e já tão ousados.

A OPINIÃO DA INOCÊNCIA

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásios mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos “Capitães da Areia”. – Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras.

Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta idéia errada infunde às crianças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do doutor Juiz de Maiores. A ele volveremos.

Reportagem publicada no *Jornal da Tarde*, na página de “Fatos Policiais”, com um clichê da casa do comendador e um deste no momento em que era condecorado.

CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

“Sr. diretor do *Jornal da Tarde*

Cordiais saudações.

Tendo chegado ao conhecimento do doutor chefe de polícia a reportagem publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre as atividades dos “Capitães da Areia”, bando de crianças

delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o doutor chefe de polícia se apressa a comunicar à direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz de maiores que à polícia. A polícia neste caso deve agir em obediência a um pedido do doutor Juiz de Menores. Mas que, no entanto, vai tomar sérias providências para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido.

Pelo exposto fica claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações.

Secretário do Chefe de Polícia.”

Publicada em primeira página do *Jornal da Tarde*, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso.

CARTA DO DOUTOR JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO *JORNAL DA TARDE*

“Exmo. Sr. diretor do *Jornal da Tarde*.

Cidade do Salvador
Neste Estado.

Meu caro patrício.

Cordiais saudações.

Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável doutor chefe de polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor chefe de polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinqüência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável chefia de polícia, sou obrigado, a bem da verdade essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima, a declarar que a desculpa não procede. Não procede, senhor diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes.

Cabe velar pelo seu destino posterior. E o senhor doutor chefe de polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo.

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho.

Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim,

simples curioso da filosofia.

O que quero deixar claro e cristalino, senhor diretor, é que o doutor chefe de polícia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De V.Exa., admirador e patricio grato,

Juiz de Menores.”

Publicada no *Jornal da Tarde* com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso.

CARTA DE UMA MÃE, COSTUREIRA, À REDAÇÃO DO “JORNAL DA TARDE”

Sr. Redator:

Desculpe os erros e a letra pois não sou costureira nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos “Capitães da Areia” e logo depois veio a polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal do reformatório que eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte agüenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e há de ver quem tem razão. E por essas e outras que existem os “Capitães da Areia”.

Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar o coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho.

Maria Ricardina, costureira.

Publicada na quinta pagina do jornal da Tarde, entre anúncios, sem clichês e sem comentários.

CARTA DO PADRE JOSE PEDRO À REDAÇÃO DO “JORNAL DA TARDE”

Sr. Redator do *Jornal da Tarde*.

Saudações em Cristo.

Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, senhor Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, senhor Redator, daria um volume.

Muito grato pela atenção.
Servo em Cristo,
Padre José Pedro

Carta publicada na terceira página do *Jornal da Tarde*, sob o título “Será Verdade?” e sem comentários.

CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO À REDAÇÃO DO “JORNAL DA TARDE”

Exmo. Sr. diretor do *Jornal da Tarde*.

Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirigis, tem feito contra os crimes apavorantes dos “Capitães da areia”, bando de delinqüentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente.

Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modéstia e somente a modéstia, senhor diretor me impede que chame de modelar. Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o Reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o Reformatório. Mas, como já disse, senhor diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento. O que me abismou, senhor diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre que eu chamarei padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, senhor diretor abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação. Porém, senhor diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre

a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo.

Criado agradecido e admirador atento,

Diretor do Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados

Publicada na 3º página do *Jornal da Tarde* com um clichê do reformatório e uma notícia adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do *Jornal da Tarde* ao reformatório.

UM ESTABELECIMENTO MODELAR ONDE REINAM A PAZ E O TRATADO – UM DIRETOR QUE É UM AMIGO – ÓTIMA COMIDA – CRIANÇAS LADRONAS EM CAMINHO DA REGENERAÇÃO – ACUSAÇÕES IMPROCEDENTES – SÓ UM INCORRIGÍVEL RECLAMA – O “REFORMATÓRIO BAIANO” É UMA GRANDE FAMÍLIA – ONDE DEVIAM ESTAR OS “CAPITÃES DA AREIA”.

Títulos da reportagem publicada na segunda edição de terça-feira do jornal da Tarde, ocupando toda a primeira página, sobre o Reformatório Baiano, com diversos clichês do prédio e um do diretor.

Início do livro de Jorge Amado “Capitães da Areia”, 1979.

INTRODUÇÃO

A juventude infratora e sua relação com as instituições socializadoras compõem o tema central deste trabalho. Escolhi começar pelo texto de Jorge Amado, trazendo o início de seu livro “Os Capitães da Areia”, de 1979, porque me ajuda a ilustrar um dos principais modos pelo qual esta juventude foi durante muito tempo (ou ainda é?) percebida pela sociedade. Esclareço que não estou em busca de fazer comparações entre os jovens entrevistados desta pesquisa com os Capitães da Areia, nem tão pouco, a comparação com o autor da obra.

A forma com que Jorge Amado inicia sua história me chamou muita atenção, ele sabiamente, prepara o terreno para tratar de um assunto elucidado na vida dos personagens daquela história, fala da estigmatização de crianças e jovens infratores por um contexto social que não reconhece suas responsabilidades.

O tema central desta pesquisa busca problematizar a visão que pesa sobre os jovens transgressores. Percebo que este assunto vem sendo amplamente discutido pela sociedade em geral, embora, nem sempre com a profundidade que a temática exige. É possível que qualquer pessoa tenha uma opinião a respeito da juventude, da escola e da Fundação CASA, baseada em suas próprias experiências, na de algum conhecido ou vinculada pela mídia em geral, porém desvinculada da realidade vivida por esses jovens.

Desde que iniciei o mestrado, venho coletando algumas charges compartilhadas na internet, em blogs ou no *Facebook*⁴, com a intenção de saber quais ideias fora do meio acadêmico se fazem sobre as questões que venho estudando. Por meio delas, percebo como o assunto suscita as mais diversas opiniões, e como é difícil avançar a discussão para uma análise mais profunda.

Um exemplo disso é o debate a respeito da redução da maioridade penal⁵. Baseada na noção de aumento da criminalidade juvenil, muitas correntes sociais defendem a redução da idade

⁴ Site de Rede Social: www.facebook.com

⁵ No dia 14 de fevereiro de 2014, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC 33/2012), de autoria do Senador Aloysio Nunes Ferreira, que propõe a redução da maioridade penal para jovens envolvidos em crimes como homicídio qualificado, extorsão mediante sequestro e estupro, de 18 para 16 anos, desde que haja um laudo médico comprovando a compreensão do jovem sobre a gravidade do delito, foi rejeitada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), o que gerou muitos debates e até um pedido de revisão do Estatuto da Criança e do Adolescente. Para ler mais: <http://www12.senado.gov.br/>

mínima para ser preso no Brasil de 18 para 16 anos. Esta discussão é motivada, principalmente, pela noção de que cresce o sentimento de impunidade entre os jovens e que estes estariam cada vez mais envolvidos em crimes violentos, como os homicídios.

Segundo Adorno (1999, p. 63), os argumentos de quem é contrário ao determinado pelo Estatuto da Criança e Adolescente se baseiam na hipótese de que a "...criminalidade juvenil vem crescendo porque os jovens delinquentes não são punidos ou, quando o são, as medidas socioeducativas são brandas comparativamente à gravidade das ocorrências policiais, entre as quais roubos, homicídios, estupros, tráfico de drogas, porte de armas."

No entanto, o autor argumenta que, como pode constatar em pesquisa realizada por ele durante os anos de 1988 a 1991, no município de São Paulo, os jovens não são nem mais, nem menos violentos do que a população em geral, seus envolvimento com crimes violentos correspondem ao mesmo padrão dos não jovens. Ainda no período de 1993 a 1996 esta verificação se manteve.

Comparando as infrações cometidas por jovens nos dois períodos estudados, o autor percebe que os números praticamente se mantêm:

"As infrações contra o patrimônio cometidas por adolescentes infratores, entre 1993 e 1996, representam 51,1% (no período anterior correspondiam a 49,5%). Entre esses crimes, o roubo tomou a dianteira, antes ocupado pelo furto. Os registros relativos ao uso e porte de drogas representam 4,3%, enquanto aqueles referentes ao tráfico compreendem 2,9%. É muito pouco significativa a ocorrência de homicídios (1,30%), embora essa modalidade de infração tenha a faculdade de exercer ampla mobilização da opinião pública e estimular o imaginário coletivo de medo e insegurança. É significativo que 11,7% de todos os registros refiram-se a lesões corporais resultantes de agressões, uma proporção quase três vezes maior do que o porte ilegal de armas e do que as infrações relativas ao porte, consumo e tráfico de drogas." (Ibid, p. 67)

Essas informações, além de chamarem atenção para a falsa hipótese de aumento da violência juvenil com o passar dos anos, também desmistificam a ideia de que a infração mais cometida pelos jovens é o homicídio.

Outros dados importantes sobre a juventude são os divulgados pelo *Mapa da Violência*, estudo resultado da colaboração entre o Ministério da Justiça e o Instituto Sangari. Na publicação de 2011, o mapa apresenta dados sobre a violência contra a juventude, mostrando que o maior responsável pela morte de jovens é o homicídio. Dividindo a população em dois grandes grupos: jovens – 15 a 24 anos – e não jovens – 0 a 14 e 25 a mais – verifica-se que:

“Na população *não jovem*, só 9,9% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por 73,6% das mortes. Se na população *não jovem* só 1,8% dos óbitos são causados por homicídios, entre os jovens, os homicídios são responsáveis por 39,7% das mortes. Mas essas são as médias nacionais. Em alguns estados, como Alagoas, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo e Distrito Federal, mais da metade das mortes de jovens foi provocada por homicídio.” (WAISELFIZ, 2011, p. 18)

Fica claro, a partir dos estudos citados que, ao contrário do que expressa a opinião popular, a maior vítima da violência no Brasil são os jovens.

Como citado acima por Adorno, apesar dos homicídios cometidos por jovens ser a ocorrência de menor quantidade, é a que ganha maior visibilidade em ações públicas contra as medidas adotadas na punição de jovens infratores. No entanto, é muito remota, nas discussões populares, a noção de que são os jovens quem mais morrem vítimas de homicídios.

Pensando muito sobre isso, desenvolvi esta pesquisa com o intuito de aprofundar as análises e contribuir com as discussões. Desta maneira, o trabalho busca apresentar, por meio de suas trajetórias de vida, quem são os jovens considerados legalmente infratores e quais relações estabelecem com a escola e com a Fundação CASA, instituição responsável por se fazer cumprir a medida socioeducativa de internação no Estado de São Paulo, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Para tanto, a partir das entrevistas busquei compreender qual o sentido da escola e de uma instituição socioeducativa para a sociedade atual. Qual a função destas duas instituições sociais, será que são tão distantes quanto possa parecer? O que significa a escola dentro da Fundação CASA? Quem são os jovens que transgridem a lei?

No meio acadêmico, são inúmeros os estudos a respeito de três temas gerais: Juventude, Fundação CASA e Escola. Para o desenvolvimento deste trabalho, busquei aqueles que mais se aproximam do meu objetivo. O principal meio de busca no levantamento de pesquisas foi o banco de teses do site da CAPES.

Com a palavra-chave Fundação CASA, encontrei 39 estudos relacionados à instituição. Pela leitura dos resumos, foi possível perceber que as pesquisas trabalham de forma qualitativa, com entrevistas ou pelo método etnográfico. Estão mais voltadas para investigações a respeito dos jovens, sobre questões relacionadas principalmente a internação. Os outros assuntos investigados pelas pesquisas são: os funcionários da Fundação CASA; as medidas socioeducativas, conceituando o sistema socioeducativo; a escola, relacionada mais à questão curricular e à prática docente; e sobre a organização da Fundação, pautadas nas práticas da instituição.

Como referencial teórico, os autores citam principalmente os trabalhos de Erving Goffman, usando o conceito de Instituição Total e de Michel Foucault, para refletir sobre o disciplinamento dos corpos, o poder disciplinar e as técnicas disciplinares utilizadas nas prisões.

Ocupei-me dos estudos de Michel Foucault e Deleuze, para pensar o papel social da Fundação CASA e da escola, como elas se aproximam e se distinguem. A respeito da juventude, escolhi autores (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2007; PAIS, 2008; SPOSITO, 1997) que a entendem como uma construção social contemporânea, e ao mesmo tempo sendo vivida de maneira singular por cada sujeito.

Estruturei a apresentação dos dados da pesquisa em sete capítulos: os dois primeiros buscam discorrer sobre a Fundação CASA, a Escola e a Juventude, os debates que as cercam e de que maneira são compreendidas nessa pesquisa; no terceiro capítulo inicio a apresentação da metodologia de pesquisa adotada; o quarto capítulo traz as histórias de cada um dos jovens internos entrevistados; no quinto capítulo retomo a discussão sobre a metodologia de pesquisa; nos capítulos seis e sete, discorro sobre o contexto social que cercam as experiências dos jovens e de que

maneira a escola aparece no conjunto das narrativas; o último capítulo é uma reflexão sobre os processos de subjetivação que estão nos compondo, buscando novos caminhos de resistência.

A partir desta pesquisa espero poder contribuir para discussões sobre a juventude criminalizada e as instituições que a cercam.



FUNDAÇÃO CASA E ESCOLA

Passo a entender melhor a Fundação CASA a partir das histórias dos jovens colaboradores desta pesquisa. Todas as percepções descritas por eles me ajudam a pensar e a conhecê-la como um lugar muito maior do que seus muros e grades.

Ainda que as opiniões dos jovens sobre a Fundação sejam próximas, estar lá dentro, ser um interno, não é algo compreendido da mesma maneira por todos os colaboradores. Cada um expressa sua singularidade ao falar da Fundação, suas percepções são diferentes, pois suas trajetórias também são.

A Fundação tem uma história também, existe para fazer cumprir determinações legais, sustentadas por ideais de igualdade e respeito. No entanto, faz parte de um contexto social em que a ordem é mantida por meio da vigilância e da punição e acumula ao longo de sua história, denúncias, por órgãos nacionais e internacionais, de maus tratos, violência e desrespeito.

Antes de ser denominada de Fundação CASA, a instituição era chamada de Fundação para o Bem Estar do Menor do Estado de São Paulo- FEBEM-SP, e correspondia às determinações prescritas no Código de Menores, de 1927 e 1979 que adotava a Política Nacional do Bem-Estar do Menor, a qual, dentre outros aspectos, designava o termo “menor”, para todos os jovens em situação de vulnerabilidade social, estigmatizando estes sujeitos como violentos e passíveis de punição.

Os Códigos de Menores tiveram início a partir das primeiras décadas do século XX, espalhados por toda América Latina. O primeiro código brasileiro é de 1927, com ele o termo “menor” surgiu como categoria jurídica para nomear:

“...todos aqueles (crianças e jovens) que ainda não completaram a maioridade legal, definida pela idade de 18 anos e, portanto, não são responsáveis por seus atos e nem podem exercer alguns direitos e deveres.” (I Código de Menores, citado por Lopes, 2006, p.18)

Com o decorrer do tempo, o termo “*menor*”, foi ganhando um significado pejorativo, para nomear jovens das classes populares e defini-los como propensos à infração e a criminalidade.

A partir do Código, o Juizado de Menores criou um serviço baseado na centralização do atendimento pelo governo federal e no destaque a internação de crianças e jovens abandonados ou

infratores: o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), em 1941. Vinculado também ao Ministério da Justiça, o SAM servia para fiscalizar e controlar os internatos e educandários privados da época, que abrigavam crianças e jovens recolhidos das ruas pelo governo. No entanto, de acordo com Lopes (2006), sua criação estava mais voltada à manutenção da ordem nacional do que a assistência:

“...em toda a sua história, o SAM esteve envolvido em escândalos de corrupção e maus tratos (...) foi com relação aos menores transviados que se tornou uma “estrela de fama internacional”. Conhecido popularmente como “escola do crime” ou “sucursal do inferno”, os internos que por lá passavam eram temidos e considerados de alta periculosidade, sendo marcados para sempre como bandidos cruéis e desalmados” (Rizzini; Rizzini, citado por LOPES, 2006, p.27)

O resultado desta política é um tanto familiar: o SAM era sempre criticado e questionado pela imprensa, pela sociedade, por políticos, etc.

Com o golpe de 1964, o serviço foi substituído pela Fundação Nacional do Bem - Estar do Menor, FUNABEM. Isso ocorreu em razão da criação, ainda em 1964, da lei nº 4.513 que estabeleceu de fato a Política Nacional do Bem – Estar do Menor (PNBEM), tendo todas as suas ações determinadas pela FUNABEM.

O SAM deixou como herança à FUNABEM, principalmente a “cultura de internação” para a manutenção da ordem. Os internatos e abrigos eram conhecidos como “depósitos de menores”. À FUNABEM cabia, com a mesma cultura hierárquica e centralizadora, o mesmo modelo de organização, num governo ditatorial e repressivo, continuar primando pela ordem e controle social:

“Nesse contexto, não é de se estranhar que por mais que o discurso da FUNABEM difundisse que a internação só deveria ser o último recurso utilizado, a imensa maioria das instituições destinava – se ao atendimento em regime fechado, ou seja, internatos que em seu dia a dia, eram caracterizados por práticas repressivas e violentas de atendimento à infância e à juventude (...) pautadas em princípios preconceituosos,

voltados à população pobre, assim como em propósitos de controle e disciplina do povo.” (LOPES, 2006, p. 28)

Nos documentos oficiais da Fundação, a infração era explicada como uma doença ou disfunção, colocando a Família como principal responsável:

“Ora, essa criança traumatizada pelo somatório de problemas, sob suspeita de ter predisposição genética para a vida associal, que nunca soube o que é alegria de comer carne quando se está com fome (a não ser assaltando o açougueiro ou matando o gato da sua casa), já apresenta danos irreparáveis que jamais poderão ser consertados.” (CARNEIRO, citado por BAZILIO, 1985, p. 54)

A FUNABEM tinha autonomia frente ao Presidente da República e Ministério da Justiça e, por ser um órgão normativo, estimulou, no plano estadual, a criação das FEBEM'S – Fundação Estadual do Bem – Estar do Menor, como instituição executiva da Política Nacional do Bem-Estar do Menor.

No Estado de São Paulo, o governo baseado no Código de Menores (1927), criou em 1973 a Fundação Paulista de Promoção Social do Menor, o Pró – Menor, que se tornou em 1976, aderindo as orientações da FUNABEM, a Fundação Estadual do Bem – Estar do Menor de São Paulo (FEBEM – SP).

A FEBEM – SP seguiu a regra da época: internação como forma de controle social, transformando suas unidades em imensos complexos que misturavam crianças e jovens, abandonados ou infratores; esteve sempre a beira do caos, superlotada e enfrentando rebeliões. De acordo com Lopes (2006), um ano após sua inauguração já era denunciada por tortura e maus tratos.

Ainda segundo a autora, nessa época, havia no Estado de São Paulo 33 mil internos, quando a “necessidade” era de 360 mil; 96% dos internos eram provenientes da Capital e existiam 153 internatos em todo o estado, 145 contratados e 8 públicos.

O Código de Menor foi extinto em 1991, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, que acabou também com a Política Nacional do Bem-Estar do Menor, adotando a Política de Proteção Integral. No entanto, a reformulação dos serviços às crianças e jovens foi lenta,

se manteve por muito tempo ainda os mesmos dispositivos da FUNABEM, seguindo a cultura de internação em grandes complexos, ignorando as medidas socioeducativas proposta no Estatuto.

Essas práticas foram durante anos denunciadas pela imprensa, funcionários, internos, e por pesquisas que tinham como foco principal os adolescentes. Em entrevista à revista VEJA, o presidente do sindicato dos Monitores da FEBEM – SP de 1999, Antonio Gilberto da Silva, comparou a instituição a um campo de concentração:

“Fisicamente aquilo parece Auschwitz. Parece o inferno. É parede desabando, banheiro entupido, menino tomando banho com água suja até a canela. No Complexo Imigrantes, são três chuveiros para cada ala de 400 adolescentes. Quando terminam, estão piores do que quando começaram. Fica resíduo de sabão no corpo, dá micose. As doenças de pele passam de um para o outro, porque a roupa de cama é lavada, no máximo, uma vez por semana. As roupas com que eles dormem são as mesmas com que jogam bola e jantam.” (OYAMA, Revista VEJA, 1999)

Em 1999 a instituição sofreu a maior rebelião de sua história dentro da Unidade Imigrantes, que ficou marcada pela intensidade de violência física, culminando na morte de internos e funcionários.

Depois desse fato, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente – CONDECA, votou um novo modelo de atendimento a ser instituído. Tentando se adequar ao ECA, a proposta era a de substituir as punições por métodos mais pedagógicos, profissionalizar os funcionários, extinguir os grandes complexos de internação, devendo, cada unidade, abrigar até 40 internos, e funcionar de maneira descentralizada, permitindo aproximar os jovens de suas cidades e família.

Porém, já no ano seguinte à rebelião e às medidas propostas pelo CONDECA, o governo do Estado inaugurou mais uma unidade destinada a abrigar 960 internos no município de Franco da Rocha, mantendo por muitos anos ainda a principal característica da FEBEM - SP: os grandes complexos de internação.

O modelo previsto pelo CONDECA começou ser implantado só no ano de 2003, de maneira modesta, quando o governo iniciou a municipalização do atendimento à crianças e

adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas de liberdade assistida e prestação de serviços comunitários. Em 2004, depois de 14 anos da homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estado inaugurou sua primeira unidade para atendimento de adolescentes cumprindo medida socioeducativa de semi – liberdade e, somente em 2006, iniciou a desativação dos grandes complexos com a demolição de parte da unidade Tatuapé em São Paulo, que abrigava cerca de 1.200 adolescentes em um único prédio, ao todo 6.200 jovens na unidade. A partir desse ano, foram sendo construídas novas unidades espalhadas pelo interior paulistano em parcerias com as prefeituras municipais, marcadas por muita discussão contra a instalação de unidades da FEBEM - SP.

As unidades inauguradas a partir do ano de 2006, foram sendo denominadas de CASA e a Lei 12.469 alterou o nome efetivamente da Fundação Estadual do Bem - Estar do Menor para *Fundação Centro de Atendimento Sócio - Educativo para Adolescentes* e do Conselho Estadual do Bem - Estar do Menor para *Conselho Estadual de Atendimento Sócio - Educativo ao Adolescente*.

Esta mudança foi, teoricamente, o ponto final da Política de Bem-Estar de Menores, e abriu espaço para as medidas socioeducativas, previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Não foi uma estratégia utilizada apenas no Estado de São Paulo, pelo contrário, o Estado foi um dos últimos a mudar o nome da FEBEM.

Atualmente, em seu site oficial⁶, a Fundação CASA se define como uma instituição vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, que tem como missão aplicar todas as medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)⁷.

⁶ Informação retirada do site oficial da Fundação CASA: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao> , acessado em 15/04/2013.

⁷Com o ECA, foram sendo criados outros documentos oficiais para orientarem as medidas socioeducativas, mantendo sempre o princípio da proteção integral. Um destes documentos é o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), conjunto ordenado dos princípios, regras e critérios que norteiam as medidas socioeducativas de todo o território nacional. Envolve a responsabilidade de quatro sistemas: Justiça e Segurança Pública, Educacional, Sistema Único de Saúde, e Assistência Social. É composto por órgãos deliberativos, de gestão e de execução de sua política, entidades de atendimento, de controle e de financiamento separados hierarquicamente conforme competências e

As alterações ocorridas desde o ano de 2003 até a mudança de nome da instituição, não fizeram cessar os problemas da Fundação. Há ainda hoje rebeliões dos internos e denúncias de maus tratos. Outra questão é a da reincidência, depois de tantas mudanças e reformulações, a instituição lida com jovens que incidem novamente, retornando à Fundação.

Ainda que haja um esforço dos órgãos oficiais, a estrutura prisional da Fundação CASA, a sua história ao longo dos anos e a forma como vem cumprindo a ressocialização daqueles que infringiram a lei tornam quase impossível distingui-la de uma prisão.

As técnicas utilizadas para se fazer cumprir este processo ressocializador podem ser analisadas a partir do conceito de Instituição Total, trazido pelo autor Erving Goffman. Para Goffman (1999, p. 11), as instituições totais são aquelas que abrigam um grande número de indivíduos em situação semelhante, separados da sociedade por um considerável período de tempo, levando uma vida formalmente administrada pela instituição.

Este conceito é bastante utilizado nas pesquisas que envolvem a Fundação CASA⁸, pois o autor descreve detalhadamente como é a vida dentro da instituição, tendo como foco o mundo do internado e não da equipe dirigente ou o discurso oficial. Logo na introdução de seu livro, Goffman (1999, p. 11) afirma:

“Este livro trata de instituições totais de modo geral e, especificamente, de um exemplo, o de hospitais para doentes mentais. O principal foco refere-se ao mundo do internado, e não ao mundo do pessoal dirigente. O seu interesse fundamental é chegar a uma versão sociológica da estrutura do eu.”

Ou seja, Goffman (1999) estuda as instituições que denomina de totais, para entender de qual maneira estas atingem aquilo que o autor denomina de *eu*:

atribuições. Dentro da organização que aponta o SINASE estão previstas instituições educativas que deverão atender os adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de internação.

⁸ Massaro (2008); Teixeira (2009); Almeida (2010); Futata (2010).

“A instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal; aí reside seu especial interesse sociológico. Há também outros motivos que suscitam nosso interesse por esses estabelecimentos. Em nossa sociedade, são as estufas para mudar pessoas, cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu (...) Considerei alguns dos ataques mais elementares e diretos ao eu – várias formas de desfiguração e de profanação através das quais o sentido simbólico dos acontecimentos na presença imediata do internado deixa de confirmar sua concepção anterior do eu.”(Ibid., p. 22 – 40)

Almeida (2010, p. 59) fazendo uma análise das obras do autor, observa que as pesquisas de Goffman tem o mesmo pano de fundo. Segundo a autora, sua grande questão era a *ordem interacional*: “basicamente, trata-se da defesa de que o domínio das interações face-a-face é analiticamente viável e substantivo em seus próprios termos.” Com esta observação, a autora argumenta que Goffman dá tanta centralidade em seus estudos às instituições de enclausuramento com programação certa da rotina, por causarem, nas relações com seus membros, alterações significativas na ordem interacional:

“É possível pensar que Goffman escolhe esses espaços para estudar justamente porque são lugares que visam modificar o comportamento do indivíduo através da transformação da situação em que o indivíduo interage normalmente.” (ALMEIDA, 2010, p. 62)

O conceito de instituição total me parece relevante e importante nos estudos sobre as instituições prisionais. No entanto, como o foco desta pesquisa é o papel social da instituição, e não tanto as influências pessoais que este tipo de instituição gera naqueles que a habitam, utilizarei os estudos realizados por Michel Foucault, principalmente o do livro *Vigiar e Punir*.

A distinção que observo entre Goffman e Foucault não tem o intuito de negar um dos autores. Entendo que ambos, apesar de tratarem do mesmo tema – instituições - têm olhares diferentes em suas análises, que não devem ser ignorados, por terem intenções diferentes em suas pesquisas.

Foucault (2011) estuda as formas de punição desde a idade média até a modernidade, como e porque elas foram mudando através dos tempos. Sua intenção, não é analisar as modificações que as instituições causam nas relações pessoais, mas as influências destas para a sociedade em determinadas épocas. Desta maneira, Foucault não olha para as instituições, como a prisão, por exemplo, de maneira a entendê-la isolada do contexto social, pelo contrário, ele entende a prisão dentro de uma rede da qual outras instituições fazem parte.

O autor explica o poder disciplinar que surgiu na modernidade e como esta forma de poder foi influenciando as instituições. Para ele, o poder disciplinar se disseminou na sociedade no início do capitalismo por contar com técnicas para alcançar o objetivo daquela época que era a normalização dos corpos. Por esta razão, é possível pensar na Fundação CASA, dentro de um contexto social mais amplo e de lógica disciplinar, como uma instituição idealizada para cumprir o mesmo papel social que a escola, os hospitais e as prisões cumprem.

Para Foucault, a força de uma instituição não está em seus muros, mas nas técnicas disciplinares que estas exercem sobre os indivíduos e o que produzem em seus corpos. O fato de uma instituição impedir a saída dos internos, não a isola do mundo a seu redor, pelo contrário, tudo que está fora dela a influencia, ocorrendo, dentro destas instituições, a exacerbação do poder disciplinar.

Na sociedade disciplinar, o autor percebe que a instituição prisional cumpre uma importante função: controlar as ilegalidades.

“A prisão, ao aparentemente “fracassar”, não erra seu objetivo; ao contrário, ela o atinge na medida em que suscita no meio das outras uma forma particular de ilegalidade, que ela permite separar, pôr em plena luz e organizar como meio relativamente fechado, mas penetrável. Ela contribui para estabelecer uma ilegalidade, visível, marcada, irreduzível a um certo nível e secretamente útil – rebelde e dócil ao mesmo tempo; ela desenha, isola e sublinha uma forma de ilegalidade que parece resumir simbolicamente todas as outras, mas que permite deixar na sombra as que se quer ou se deve tolerar. Essa forma é a delinquência propriamente dita.” (FOUCAULT, 2011: 262)

As considerações de Foucault me ajudam a compreender qual o sentido da Fundação CASA em nossa sociedade, além de darem sentido à questão da reincidência, como algo inerente a instituição e a seus princípios de controle social:

“O atestado que a prisão fracassa em reduzir os crimes deve talvez ser substituído pela hipótese de que conseguiu muito bem produzir a delinquência, tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa – talvez até utilizável – de ilegalidade; produzir os delinquentes, meio aparentemente marginalizados, mas centralmente controlado; produzir o delinquente como sujeito patologizado.” (Ibid., p. 262)

A partir das considerações do autor, percebo que a Fundação CASA faz parte do conjunto de instituições que segue uma lógica disciplinar, oriunda do início do capitalismo que criou instituições para disciplinar a sociedade a partir de um padrão de referência, e que fez da prisão o espaço de maior disciplinamento, pois cria dentro de seus muros um *estado de dominação*. Sua função, dentro deste contexto, era a de controlar as ilegalidades, que o próprio capitalismo já havia percebido que não conseguiria eliminar. Mesmo sendo muito criticada, tendo uma história de aparente fracasso, mudando de nome, a instituição continua a existir, como uma herança da lógica disciplinar.

Para entender o porquê das instituições como a prisão serem a excelência do poder disciplinar, é preciso entender o que as diferenciam das outras instituições disciplinares, como a escola, a outra instituição foco desta pesquisa.

Foucault (2012, p. 270) usa a expressão *relações de poder* para falar do poder. Segundo o autor, o poder não é algo concentrado numa estrutura, pelo contrário, ele está difundido nas relações humanas:

“... quando se fala de poder, as pessoas pensam imediatamente em uma estrutura política, em um governo, em uma classe social dominante, no senhor diante do escravo etc. Não é absolutamente o que penso quando falo das relações de poder. Quero dizer que, nas relações humanas, quaisquer que sejam elas – quer se trate de comunicar

verbalmente, ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas –, o poder está sempre presente: quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro.”

Ao contrário do que possam remeter, as relações de poder não são negativas. Onde existem relações de poder, existe resistência, pois somente onde há liberdade poderá haver relações de poder. Segundo o autor, não poderá haver sociedade sem relações de poder: “... quanto mais as pessoas forem livres umas em relação às outras, maior será o desejo tanto de umas como de outras de determinar a conduta das outras.” (Ibid, p. 280)

As relações de poder são móveis, reversíveis e instáveis, pois a qualquer momento uma relação já estabelecida pode mudar e se inverter. No entanto, há situações em que não há liberdade de alguma das partes, um lado está à disposição do outro, as relações estão fixadas de maneira a não permitirem reversibilidade. Nestes casos, não há relações de poder e sim estados de dominação.

“Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento – por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares -, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação.” (Ibid.: 260)

Dessa maneira, é possível pensar que na prisão, ou em qualquer outra instituição prisional, como a Fundação CASA, não há relações de poder, como há nas outras instituições disciplinares como a escola, e isso diferencia as instituições, pois se cria nas prisões um “estado de dominação”.

Essas reflexões são importantes, para que se tenha claro que, apesar de serem todas instituições disciplinares, as formas como o poder se estabelece dentro delas as diferenciam, portanto não podemos tachar a escola e a prisão simplesmente como iguais, pois não são, se aproximam, mas não são iguais.

Na escola o estado de dominação não se coloca, pois as relações de poder aí existentes permitem resistência. Guimarães (2003) nos instiga a pensar sobre a depredação escolar como uma resposta dos alunos ao controle sob o qual são submetidos, convidando os profissionais que atuam

nas escolas a refletirem sobre os sentidos deste ato dentro de um ambiente de vigilância e punição, para muito além da suposta marginalidade, como uma forma de resistência.

O que quero dizer é que entendo a escola como uma instituição de disciplinamento social, que se utiliza de técnicas de vigilância e punição para normalizar os alunos, mas que estes são livres para resistirem e transformarem sua condição dentro da instituição. E isso é diferente do que acontece com os internos da Fundação CASA, onde as relações estão engessadas, vivendo ali um estado de dominação, pois, mesmo que os internos se rebelem, eles não conseguem mudar as regras do jogo. Perder a liberdade significa também perder espaços de resistência que possibilitem a criação de modos de expressão capazes de se oporem não apenas as técnicas disciplinares, mas também de mobilizarem ações alternativas que tracem caminhos mais abertos a um processo de maior autonomia dos sujeitos envolvidos nas relações de poder.

Até agora apresentei algumas considerações que fiz sobre a escola e a Fundação CASA, a partir dos estudos de Foucault, como instituições próximas, mas independentes entre si, apontando suas singularidades e similitudes. No entanto, a Fundação CASA e a escola dividem o mesmo espaço para cumprir as determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente. O que pensar da escola dentro da Fundação CASA?

Segundo o artigo 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é direito dos jovens privados de liberdade, dentre outros, receber escolarização e profissionalização, além da obrigatoriedade de serem oferecidas atividades pedagógicas durante todo o período de internação (BRASIL, 1990).

Para cumprir tais determinações, a Fundação CASA está vinculada a Secretaria de Educação do Estado e recebe professores contratados temporariamente para ministrarem aulas dentro das unidades. Os internos passam a ser, legalmente, alunos de uma escola estadual próxima à unidade da Fundação, sem frequentá-la. São as chamadas escolas vinculadoras.

Dentro das unidades existem espaços específicos para que as aulas aconteçam, não só as do ensino formal, mas as oficinas pedagógicas e as aulas profissionalizantes, todas previstas em lei. São chamados de salas de aulas, espaços com lousa pintada na parede, carteiras pequenas, do tipo universitária, fechados com pesadas portas de ferro, com fechadura para cadeado do lado de fora e com uma pequena abertura ao lado da porta, como uma janela estreita e cumprida, para

visualização dos agentes de segurança do que acontece lá dentro sem precisar mexer na porta. Essas salas de aula são também conhecidas como *celas de aula*, por se assemelharem muito com as celas onde são alojados os detentos em uma penitenciária.

Principalmente por não ter um espaço específico, a escola se confunde com a Fundação Casa, como observei em pesquisa anteriormente realizada sobre o trabalho de professores na instituição:

“A escola entendida como mobiliário, material didático, atividades docentes e discentes parece ser invisível na Fundação CASA, pois se restringe à sala de aula. A escola em que se aprende e se ensina não é só a sala de aula com o professor que leva consigo o que daria visibilidade à escola: o material e as atividades didáticas. A escola que existe na Fundação CASA é, portanto, um espaço que se confunde com a instituição, não está separada desta, pelo contrário, depende dela para existir.” (MARZOCHI, 2009, p. 47)

Desta maneira, percebo que, legalmente, há uma escola na Fundação CASA, mas será que esta escola existe de fato dentro das unidades? Será que as aulas ministradas pelos professores nas salas de aulas (ou *celas de aula*) podem ser chamadas de escola?

A partir da leitura que faço de Foucault, considero não existir dentro da Fundação CASA, uma escola e todas suas possibilidades de resistência, pois não havendo relações de poder dentro desta instituição, a escola (con) funde-se com a estrutura da instituição prisional.

Num estado de dominação não há como transgredir, no sentido de modificar as relações que se cristalizaram, pois as possibilidades dos indivíduos não são as mesmas, um lado foi destituído de sua liberdade. Neste contexto, as possibilidades de resistências são nulas, pois jamais a situação será invertida a ponto de mudar a relação. Sobre isso, Foucault (2012, p. 277), faz a seguinte consideração:

“Em inúmeros casos, as relações de poder estão de tal forma fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada. Para tomar um exemplo, sem dúvida muito esquemático, na estrutura conjugal tradicional da sociedade dos

séculos XVIII e XIX, não se pode dizer que só havia o poder do homem; a mulher podia fazer uma porção de coisas: enganá-lo, surrupiar-lhe o dinheiro, recusar-se sexualmente. Ela se mantinha, entretanto, em um estado de dominação, já que tudo isso não passava finalmente de um certo número de astúcias que jamais chegavam a inverter a situação. Nesse caso de dominação – econômica, social, institucional ou sexual – o problema é de fato saber onde vai se formar a resistência.”

Essa compreensão é necessária para entender o ponto de vista das histórias aqui narradas. A escola e a Fundação CASA são instituições que fazem parte da vida dos jovens, que possuem proximidades, mas também diferenças importantes que não devem ser ignoradas.

ESPELHO, ESPELHO
MEU, EXISTE ALGUÉM
MAIS INVISÍVEL
DO QUE
EU?!



JUVENTUDES

Os colaboradores desta pesquisa estão dentro da faixa etária que pode ser tratada tanto por juventude, quanto por adolescência. No entanto, apesar de adolescência e juventude serem termos utilizados para referenciar a faixa de idade compreendida entre a infância e a fase adulta, possuem singularidades em seus significados.

Segundo Freitas (2005), ambos os termos são construções sócio - históricas, culturais e relacionais nas sociedades contemporâneas, que remetem à noção de fase do ciclo vital, e tendem a serem demarcadas dentro de faixas etárias determinadas principalmente por órgãos ou documentos oficiais. No Brasil, a adolescência, ganhou forma a partir da publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1991, que a especifica como a fase da vida que vai dos 12 aos 18 anos.

Ainda segundo a autora, com a lei o termo adolescência ganhou força para significar aqueles que ainda não tinham entrado na idade adulta e o termo juventude, assim como os jovens com mais de 18 anos, aos quais não foi dada a referencia de adulto, justamente por estarem ainda construindo seus espaços e modos de inserção, ficaram por muito tempo sem visibilidade dentro da tematização social. No entanto, a emergência de temas envolvendo ou vividos pelos jovens fizeram com que a temática da juventude, para além da adolescência, retornasse ao debate:

“Desse modo, por um lado, se amplia a noção de juventude e, por outro, surgem possibilidades de distinguir diferentes seguimentos nesta categoria ampliada, que podem também obedecer a distintos tipos de recorte.” (FREITAS, 2005, p. 08).

Por ser esta pesquisa do campo das ciências sociais, apesar da Fundação CASA seguir a terminologia referenciada no Estatuto da Criança e do Adolescente, adotarei a referência juventude para tratar dos internos, entendendo que se trata de jovens, dentro da faixa etária compreendida legalmente como adolescência.

A juventude ganha cada vez mais atenção dos estudiosos e da opinião pública. Discussões sobre o tema se tornam comuns nos espaços públicos, fazendo com que o universo juvenil ganhe notoriedade.

Dentro do campo acadêmico, uma das grandes dificuldades de se iniciar um debate sobre o assunto é alcançar uma definição de juventude. Segundo Sposito (1997), nas pesquisas acadêmicas sobre juventude em Educação, não há uma única definição do tema, apesar de todos terem como consenso a noção de transitoriedade que abrigaria essa etapa da vida (transição da heteronomia infantil para a autonomia adulta). O que varia é o modo de entender como se dá essa passagem, sua duração e características.

Segundo Abramo (2005), dentro da academia, cada disciplina das ciências humanas faz um tipo de recorte que ressalta dimensões distintas do termo. Isso se deve principalmente por ser a noção de juventude uma construção social.

De acordo com a autora, assim como as outras etapas do ciclo da vida (infância e idade adulta), a juventude também é uma construção moderna, que nasce na sociedade ocidental a partir do século XX. Para Pais (2008, p.08), juventude é um termo cheio de representações, utilizado para mascarar uma realidade:

“Quando falamos de ‘juventude’ estamos profunda e comprometidamente emaranhados numa complexa teia de representações sociais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas.”

Segundo o autor, a juventude foi primeiramente entendida, a partir de um referencial burguês que se impôs como padrão, como um tempo a mais de preparação para a idade adulta. Esta noção de juventude abriga também o conceito de *moratória*, entendido como período de preparação, em que existe a possibilidade de maior tempo para entrar no mundo adulto, acarretando prolongamento do tempo de estudo e de dependência financeira dos pais, já que a entrada no mercado de trabalho se faz cada vez mais tarde.

A esta visão, associou-se um padrão ideal de como viver a juventude, restrito a uma fatia da sociedade, a partir do qual se media as abreviações, extensões e interrupções desta etapa da vida, assim como os desvios e negações de seu conteúdo. (Abramo, 2005).

No entanto, segundo a autora, o que se percebe atualmente no campo acadêmico é o reconhecimento cada vez maior de que a noção de juventude deve ser tratada no plural, como *juventudes*, tendo em vista as diferenças e as desigualdades inerentes à classe social, que influenciam nas experiências e na maneira de viver a juventude.

Dentro desta linha de análise, encontra-se também o conceito de “condição juvenil”, referente ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado ao momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico geracional, e também à sua situação, isto é, o modo como tal condição é vivida por seus atores, a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero e etnia (Dayrell, 2007).

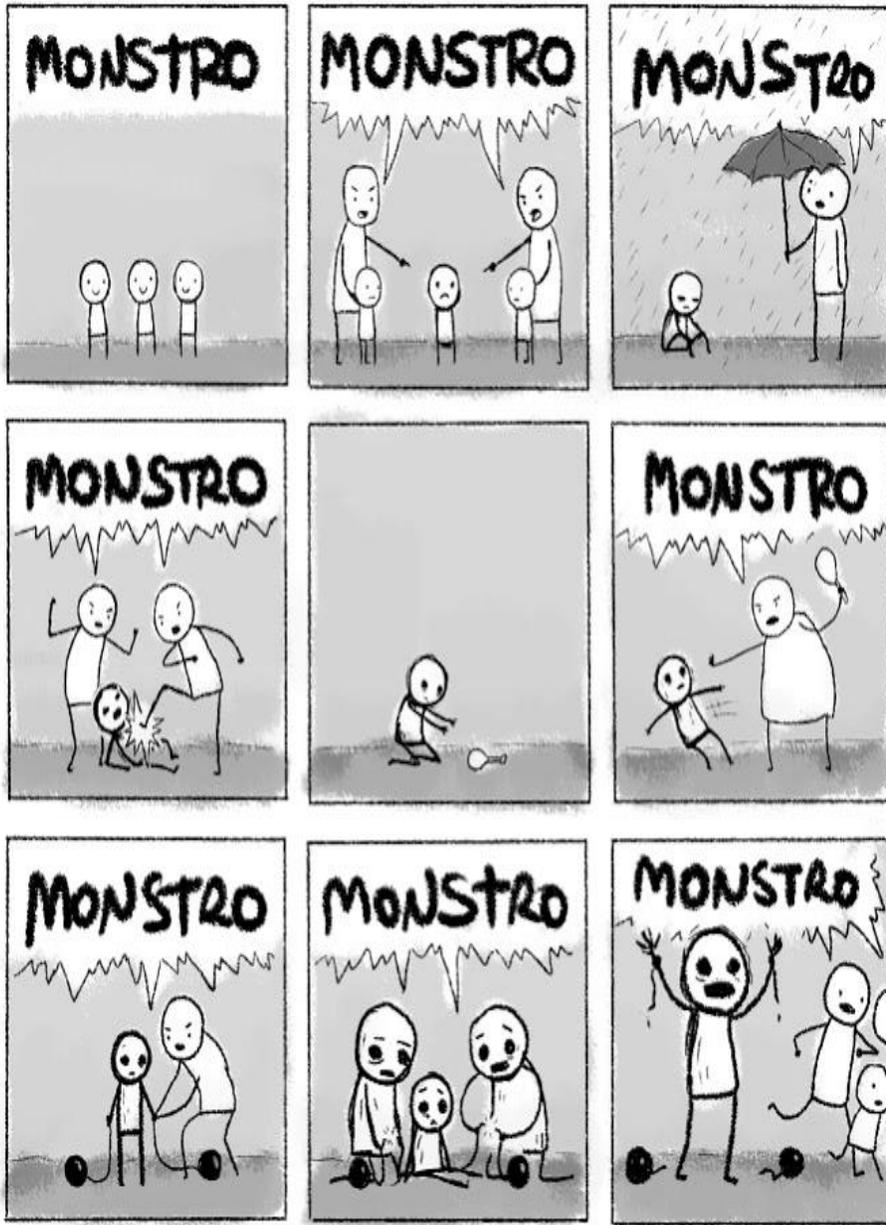
Segundo o autor, o lugar social que o jovem ocupa é que vai determinar, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constrói uma determinada condição juvenil, entendendo, desta maneira, que a vivência e a percepção de juventude nas camadas populares é diferente das camadas da elite.

Por esta razão, a juventude não pode ser caracterizada somente pela noção de moratória, tendo em vista que, para grande parcela dos jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham (garantido um mínimo de recursos para o lazer, namoro, ou consumo) ou possuem responsabilidades características da vida adulta, e a escola, ou os estudos de maneira geral, acaba não fazendo parte do cotidiano desses jovens.

Estas noções, trazidas por Abramo e Dayrell, transformam o padrão estabelecido de juventude, agregando novos e diferentes elementos para seu melhor entendimento. Sobre isso, Dayrell (2003, p. 42) faz as seguintes considerações:

“Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com fim predeterminado, muito menos como período de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.”

Ou seja, a juventude faz sentido em todos os grupos sociais, por isso é uma condição válida. No entanto, é vivenciada com significados diferentes por cada grupo. “Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida.” (ABRAMO, p. 44, 2005).



HISTÓRIA ORAL, UMA OPÇÃO METODOLÓGICA.

O referencial teórico metodológico adotado na realização da pesquisa identifica-se com as propostas de estudo apresentada pelo Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo, principalmente pelos escritos do professor José Carlos Sebe B. Meihy e da professora Fabíola Holanda.

No livro “História Oral: como fazer, como pensar” (2010, p. 79), os professores discorrem em parceria sobre questões que permeiam o trabalho em história oral. Colocam que ela possui “o serviço de gerar atitudes políticas instruídas através da experiência das pessoas que viveram processos repressivos ou de exclusão social”, ou seja, uma história oral politicamente atuante.

São inúmeros os procedimentos de trabalho para a realização de pesquisa em história oral, tentarei explorar aqueles que foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

Segundo os autores citados, história oral é:

“Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistados. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 15)

Chamam a atenção para o fato de não ser (a entrevista) exclusividade da história oral. Entrevistar não é fazer história oral, seria um equívoco de pesquisa supor que, ao fazer uso de entrevistas, está se fazendo história oral. No entanto, toda história oral utiliza-se da entrevista.

Caldas (1999, p. 96), concordando com esta perspectiva da história oral, observa a importância da entrevista como momento de troca de experiência que não deve ter um fim em si mesma:

“É um processo de busca de significados da sociabilidade enquanto presente, por meio dos fluxos narrativos próprios de indivíduos, grupos e comunidades. A busca não é pela oralidade, por textos ou pelo estabelecimento de outra ciência, mas pela comunicabilidade, pela repolitização das falas, por outra maneira de criar o conhecimento e compreender as realidades, por um tipo de desdobramentos vivo do presente.”

A história oral, por meio das entrevistas, permite apreender dados não registrados em documentos, os pequenos detalhes da trajetória de um indivíduo, além de conhecer as percepções de cada pessoa sobre determinado assunto, isso porque está focada no sujeito. “Em termos sociomoraes, a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social.” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 37).

Por isso tem um compromisso social com os colaboradores de suas pesquisas. Os trabalhos que a utilizam devem visar serem facilitadores de políticas públicas para os sujeitos estudados:

“... cabe ao oralista, normalmente, lutar pela identidade da voz e da vida daquele que não deve ser mais uma-coisa-sendo-estudada, mas indivíduos plenos, texto vivo que, antes de se tornar documento, se tornará ficção textualizada ao se plasmar em parte num texto escrito.” (Ibid, p. 88)

O termo “colaborador” (MEIHY e HOLANDA, 2010) para se referir aos entrevistados, é empregado justamente por se reconhecer o trabalho cooperativo que existe, dentro da história oral, entre pesquisador e sujeitos. Esta ligação vai além da relação entrevistador/entrevistado, porque exige do pesquisador uma devolutiva de seus estudos frente às vidas relatadas.

“Nossa *missão* não é a de domá-lo (o entrevistado), transforma-lo em conhecimento, mas ambos nos tornarmos mais conscientes de nós mesmos e do mundo que nos *formata*, dando nitidez aos horizontes e aos eixos dos nossos presentes, apreendendo melhor as

ficções que somos e em que o mundo nos transformou.” (CALDAS, 1999, p. 100)

Dessa maneira, acaba sendo um grande desafio o trabalho com história oral, pois entendê-la como algo maior que a entrevista, ao mesmo tempo que a tem como seu epicentro, exige pensar a estruturação de procedimentos capazes de garantir seu mérito de ir além do possível valor informático que possa conter.

Neste sentido o projeto em história oral acaba tendo grande valor, pois é a partir dele que se terá claro qual o objetivo do trabalho a ser realizado. Meihy e Holanda (2010) explicam que há três questões que devem estar esclarecidas no projeto em história oral: *de quem? Como? e Por quê?*

Os autores entendem que a história oral é um conjunto de procedimentos, por isso a importância do projeto, para que se reflita nos procedimentos necessários a toda história oral e de que maneira isso será resignificado pelas especificidades da pesquisa que se pretende realizar.

É importante que se tenha claro que um conjunto de procedimentos não pode ser entendido como um método fechado, que amarre o pesquisador. Caldas (1999, p. 70) discorrendo sobre o sentido do método em história oral, afirma:

“Método em história oral é inflexão livre e consciente do oralista sobre si mesmo, sobre seu presente e todas as espessuras, todos os nódulos, dimensões, brechas, mistérios, perversidades, língua e linguagens do presente. Não é camisa-de-força (como se o presente pudesse ser apreendido por meio de normas específicas e só existisse um presente, uma realidade, um corpo, uma interioridade, uma imagem, um sentido, um significado, uma voz), mas a maneira possível de o presente se deixar seduzir e a vontade do oralista em criar até o fim sobre e dentro desse determinado presente.”

Um dos primeiros procedimentos a ser referenciado em um projeto que se proponha fazer uso da história oral é ter bem claro qual gênero pretende-se estudar, caso contrário, poderá comprometer o projeto, já que as entrevistas e o modo como elas se darão dependem desta clareza.

Meihy e Holanda (2010) explicam que, dependendo dos objetivos do projeto, a história oral poderá ser: *temática, de vida ou tradição oral*.

A história oral temática levanta dados orais de um mesmo tema por meio de diferentes colaboradores. Já a tradição oral tenta apreender o cotidiano e a cultura do outro, se aproximando bastante da etnografia⁹.

Esta pesquisa está dentro do gênero *História Oral de Vida* que tem como enfoque maior a vida de quem é entrevistado. A ideia não é fazer sua biografia, porque não se exige seguir o tempo cronológico, mas as lembranças que surgem durante a entrevista.

Este tipo de entrevista não necessita de muitas perguntas, por não ser um questionário ou interrogatório sobre a vida do colaborador, mas apenas perguntas abertas, que possibilitem a ele relatar sua história da melhor maneira para si. Neste caso, durante a entrevista, o papel principal do pesquisador é saber ouvir e estimular a fala do entrevistado.

“No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referenciação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções.” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 34)

A preocupação com o gênero em história oral é válida porque só a partir dele que se pode pensar nas estratégias de como se darão as entrevistas, que é a parte determinante dos estudos.

A partir da clareza do gênero a ser estudado, para a realização das entrevistas é preciso admitir três conceitos que se hierarquizam de maneira combinada e que podem prejudicar a pesquisa em história oral se não estiverem bem definidos: *comunidade de destino, colônia, redes*.

⁹ Ver mais em MEIHY e HOLANDA (2010, p. 34).

“A partir das especificações de cada um desses elementos é que se estabelece a condução das entrevistas. Para se armar adequadamente o quadro dos colaboradores deve-se admitir com clareza que não basta “fazer entrevistas” aleatoriamente e nem decidir sobre a forma de procedimento dialógico sem obedecer às estratégias de cada situação.” (Ibid., p. 50)

A *comunidade de destino* é sempre formada por pessoas que compartilham de um mesmo trauma, estariam unidas para a pesquisa por terem repetidas experiências traumáticas iguais. No caso desta pesquisa, minha comunidade de destino são os jovens da Fundação CASA, que se unem por compartilharem da mesma experiência de serem privados de liberdade, ainda na adolescência.

O conceito de *colônia* parte da divisão da comunidade de destino, pois é menor que esta, o fragmento substantivo da comunidade de destino, com número ainda bastante representativo de possíveis colaboradores, mas já menor do que o da comunidade. Neste trabalho, dividi os jovens em reincidentes e de primeira internação, porque teriam percepções singulares a partir deste recorte, estes grupos constituíram as colônias.

As *redes* já são grupos menores, que serão formados durante as entrevistas, ou seja, o grupo de colaboradores de fato da pesquisa. Para Meihy e Holanda (2010), a primeira entrevista, o marco zero, é escolhida pelo pesquisador, depois disso, a rede deverá ser tecida com o auxílio dos próprios colaboradores. Minha rede se deu a partir dos questionários aplicados, quando tive conhecimento de quem gostaria de narrar suas histórias e algumas especificidades de cada interessado. Observo que a elaboração de uma rede espontânea não foi possível pelas questões burocráticas que enfrentei para realizar as entrevistas, necessitando ter previamente a autorização de familiares dos jovens, precisei eu mesma tecer, a partir dos questionários, a rede de colaboradores.

“Há um natural afinamento da capacidade de apreensão das diversas experiências e versões dos fatos derivados das entrevistas. Assim, da ampla determinação da **comunidade de destino** passa-se à definição de **colônia** e dela se chega à fórmula das **redes**.” (Ibid., p. 50)

Estes três conceitos dão clarezas para o caminho a ser percorrido, sua importância não está apenas relacionada às questões de organização da pesquisa, mas principalmente, ao objetivo que ela quer alcançar.

Realizada as entrevistas surge o seguinte questionamento: se ela é a parte central do trabalho em história oral, como proceder a partir de sua gravação?

A entrevista em história oral é sempre um momento determinante. Como vimos, é um espaço de troca, é um diálogo: "...mas não é somente entre *peessoas*, mas entre *tempos*, *imaginários*, *ideias*, *corpos*, *experiências*, *vozes*, *imagens diferentes*. E deve ser nessa, com essa e para essa *diferença* que deve acontecer o diálogo." (CALDAS, 1999, p. 100)

Esse diálogo continua depois que a entrevista termina, no texto, no trabalho textual final, o qual deve expressar, trazer nele, toda a riqueza do diálogo estabelecido na conversa, para além de uma pobre objetificação científica. Por isso que, para todos os autores referenciados, depois de realizada a entrevista, o pesquisador deve proceder a três etapas: transcrever a fala, textualizá-la e transcriá-la.

A *transcrição* é a passagem do oral para o escrito, é a transformação da fala do colaborador num texto, registrando todos os vícios de linguagem da forma oral, sem alterar a fala.

Para a perspectiva teórica adotada, esta é a primeira etapa do trabalho com as entrevistas, no entanto, em outras perspectivas podemos encontrar esta como sendo a última etapa "... o que ocorre em geral quando a preocupação não se concentra na narrativa em si, mas nas informações ali contidas e que já neste momento conseguem dar conta de suprimir as lacunas observadas pela pesquisa." (EVANGELISTA, 2010, p. 175)

Caldas (1999: 105) explica porque é importante ir além da transcrição nesta perspectiva da história oral: "Nossa grande busca é pelo *sentido do outro*, por seu *significado social*, por sua *integralidade vital*, não somente por pretensas palavras fiéis." (Grifo do autor)

Ainda, segundo o autor, transcrever uma entrevista para utilizar-se dela como suporte teórico, como exemplo daquilo que a teoria discute, pode ser uma atitude discriminatória, tendo em vista que, ao citar trechos da obra de um autor, dá-se a referência para que o leitor busque posteriormente na íntegra a citação. No entanto, recortar uma fala e colocá-la no meio do texto interpretativo é desrespeitar a experiência narrada, pois não há como consultar o todo da entrevista.

“Na verdade, aquilo que se faz com nome de História Oral é tão somente um preconceito de classe (classe média que, ao se sentir culpada, quer redimir-se conversando com os miseráveis), que não escuta os desgraçados, que usa pedaços do que eles dizem, mistura depois com suas perguntas direcionadoras e está feito o suporte para suas brilhantes palavras: e tudo fica em paz.” (Ibid., p. 84)

Na *textualização*, ocorre a “limpeza” da escrita, as falas orais são transformadas em falas escritas, respeitando a norma culta e retirando a voz do entrevistador, deixando fluir as falas do colaborador. Nesta fase, elege-se uma frase que representa a essência da entrevista, que condensa todo o sentido da fala do colaborador, chamada de *tom vital*:

“O “tom vital” é um recurso usado para requalificar a entrevista segundo sua essência. Porque se parte do princípio que cada fala tem um sentido geral mais amplo, é tarefa de quem estabelece o texto entender o significado dessa mensagem e reordenar a entrevista segundo esse eixo.” (MEIHY E HOLANDA, 2010, p. 142)

A última etapa, a mais admirável talvez dentre as formas de se trabalhar com os dados da entrevista, e possivelmente a mais difícil, é a *transcrição*. Transcriar é acrescentar sensações ao texto, aquilo que não foi dito, mas percebido ou visto pelo entrevistador. É o momento do pesquisador se colocar também no texto que está sendo escrito, é o encontro das experiências do colaborador com as do pesquisador, e deste encontro nasce uma narrativa:

“A *transcrição* é assim um fundamento chave para a história oral, pois sendo ela aplicada aos estudos de grupos, comunidades e indivíduos, abandona os estritos caminhos da racionalidade e se abre às convenientes dimensões subjetivas. A noção de *transcrição* ganha novos sentidos na história oral, pois sugere a fatalidade da transcrição como ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado.” (Ibid., p. 136)

Esta forma de trabalho sob as entrevistas pode fazer mais sentido na história oral de vida, já que esta deve aparecer na íntegra.

Reconheço nas minhas entrevistas uma transcrição, talvez não fiel à orientada por Meihy. Acredito que a realização da transcrição exige um tempo que eu não possuía para conseguir alcançar este texto criado, no entanto, não acho que o que apresento seja a textualização das entrevistas, pois consegui, de certa maneira, colocar nos textos palavras que não foram ditas, mas percebidas.

Assim, colocado os procedimentos que auxiliaram na composição desta pesquisa e refletindo sobre a importância deles para um trabalho que visa estudar o presente por meio da experiência vivida por “grupos sociais deslocados” (Ibid., p. 125), dirijo-me agora para o fundo do palco, colocando-me nas entrelinhas das narrativas, para que cada leitor destas entrevistas elabore seu próprio diálogo com as histórias aqui apresentadas, considerando que em nenhum momento os entrevistados foram tratados como vítimas, mas como sendo afetados pela maneira como nossa sociedade se organiza.

LAERTEVISÃO



REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

As entrevistas foram realizadas no mesmo lugar, todas na sala da enfermagem, eu entrava, depois das revistas e conferências dos materiais, e aguardava na sala os agentes de segurança trazerem os meninos, porque eles nunca podem andar sozinhos pela unidade, em nenhuma situação, mesmo que o percurso seja curto.

Aguardei ansiosa cada menino que tinha escolhido para entrevistar, não lembrava seus rostos, não gravei a feição de nenhum deles, então, cada um que entrava, era uma surpresa pra mim: "Ah, então você que é esta pessoa que eu li aqui no questionário!".

As entrevistas começavam bem sérias, eu explicava a importância do gravador, pedia para eles esquecerem que estava lá, porque quem iria ouvir a conversa seria só eu.

Estão organizadas na ordem que foram gravadas. Apesar dos colaboradores não quererem, precisei trocar os nomes de todos os jovens, para respeitar a exigência da Fundação CASA, baseada no ECA, de preservar a identidade de todos os entrevistados.

MARCOS

“Eu não gosto de ficar falando, eu vou lá e faço.”

É difícil falar de mim, não sei bem por onde começar. Nasci em São Paulo, mas vim para Campinas ainda pequeno, com um ano de idade, viemos morar com a minha vó materna: eu, minha mãe e meus dois irmãos, porque ela se separou do meu pai e não tinha quem cuidasse da gente.

Eu não gosto muito de falar do meu pai, não fico nem perguntando sobre isso para minha mãe, sei que ele abandonou a gente, não ajudou nunca a minha mãe depois que eles se separaram, nunca foi nos visitar e tem outra família, outros filhos.

Quem me criou mesmo foi a minha avó, eu dava muito trabalho para ela! Minha mãe trabalhava muito, a gente ia para casa dela toda manhã e ficávamos o dia todo lá. Ela morreu quando eu tinha uns treze anos, foi um momento muito triste na minha vida, eu gostava muito dela, a levava até para o cinema. No final da vida, ela já estava muito debilitada, não me reconhecia, às vezes perguntava onde eu estava para mim mesmo, não sabia mais quem eram as pessoas. Eu chorei muito quando ela se foi.

Com o passar dos anos eu fui crescendo na rua, tinha muitas amizades no bairro. Minha mãe teve outra filha, minha irmã mais nova, com um namorado dela, eu não gosto dele, não gosto de ver minha mãe com namorados. Para falar a verdade, tirando as pessoas da minha família, minha mãe principalmente, eu não gosto de mais ninguém.

Como moramos sempre no mesmo bairro, estudei nas escolas de lá. Passei por umas cinco escolas, não gostava de ir estudar, sempre aprontava, fui até expulso de uma das escolas, repeti várias vezes a quinta série, passei a roubar e em pouco tempo não ligava mais para as coisas da escola.

Atormentava os professores desde pequeno. A primeira escola que estudei cursei até a quarta série, era com uma professora só. Joguei até a carteira em uma delas! Não gostava de estudar, de ir para a escola e sabia que os professores também não gostavam de mim.

Quando fui para a quinta série, mudei de escola. Lá só estudavam pessoas que roubavam, traficavam e até matavam, ou seja, que aterrorizavam mesmo. Entrei de um jeito e saí de outro, talvez por causa dessas pessoas que eu conheci. A gente estudava de manhã, mas nunca

ficávamos na aula, pulávamos o muro e íamos para um terreno fumar maconha. Não parecia escola esse lugar, tinha tanto assaltante e traficante que eu nem lembrava que estava estudando.

Fui expulso de lá, a diretora me odiava mesmo! Então fui para uma terceira escola. Nessa fase a escola já não fazia mais parte da minha vida, era só uma obrigação que eu tentava cumprir. Repeti a quinta série, não tinha a amizade nem simpatia de nenhum professor, ninguém gostava de mim, sempre preferiam os melhores alunos e eu não suportava mais qualquer coisa ligada à escola. Tanto que, nessa outra escola que fui, chegava às sete horas e sete e quinze eu estava indo embora. Foi a última escola que estudei antes de vir para a Fundação, fui expulso de lá também e desisti de vez.

O que piorava muito nessa escola é que ela era período integral, tinha que ficar das sete da manhã até às quatro da tarde e eu não suportava isso! Ligavam para o meu irmão e ele ia me buscar. Não saía de lá para ficar pela rua, eu ia embora para casa. Adoro ficar em casa, não sou muito chegado a sair. Quando minha mãe está trabalhando sou eu que tomo conta de tudo sozinho.

Até os quinze anos eu enfrentava a escola, tentava ir. Mas depois dos quinze, eu ainda estava na quinta série e parei mesmo. Outras coisas passaram a ocupar meu tempo, a escola não era mais aquilo que eu pensava, passei a roubar e por isso me liberei dela. Achava que o crime era melhor que escola, porque eu podia fazer o que eu queria e não ia ter ninguém pegando no meu pé.

Eu sempre enfrentava todo mundo dentro da escola, professores e diretores, não interessava quem era. Já coloquei bomba no carro da diretora, discutia com professores, só não discutia com os alunos, nunca briguei com ninguém, em nenhuma escola. Com isso, meu comportamento ficava marcado pela direção e tudo que acontecia era minha culpa, aí que eu enfrentava mais ainda.

Não que eu não visse importância nos estudos, eu sabia que sem ele nunca seria nada, que até para ser coletor de lixo é exigido estudo. Para qualquer coisa que você decida fazer da sua vida tem que ter estudo, não adianta achar que só por estar na vida do crime não precisa estudar, isso é burrice, porque tem que ser inteligente para ir á qualquer lugar.

O problema foi que eu nunca conseguia me adaptar a estudar e com as coisas da escola, tinha muita dificuldade e ninguém para me ajudar, nem na escola, nem em casa. Parece que a obrigação era só minha, eu tinha que aprender, mas ninguém tinha que me ensinar.

Teve uma professora que me ajudou e que eu gostei bastante dela, era de português, quando comecei a quinta série. Ela conversava bastante comigo, me incentivava, mesmo com todas as minhas dificuldades.

Passei a gostar da escola aqui dentro da Fundação, acho que as escolas lá de fora deveriam seguir o exemplo dos professores daqui. Eles são mais atenciosos, não distinguem os alunos entre os melhores e os piores, como fazem lá fora.

Aqui na Fundação chega meninos de todos os jeitos e condições, alguns drogados, em uma situação muito triste. Mas os professores parecem não dar importância para isso, eles continuam tratando todos iguais, com respeito.

Lá fora não é assim, os professores gostam daqueles que são mais espertos, os inteligentes. Nós que temos mais dificuldade ficamos sempre no canto esquecido, parece invenção, mas não é. Eu acho que gostaria mais da escola se eu tivesse alguém para me ajudar como os professores fizeram comigo aqui dentro.

O ruim da escola daqui é que não tem distração, não podemos virar a cabeça que já tem alguém olhando pra você. Uma vez eu tava rabiscando a mesa, como desatenção mesmo, mas outro interno foi logo contando para o segurança, e isso me prejudica aqui dentro.

Eu comecei a roubar não foi por necessidade, porque minha família nunca passou fome. Foi mais em razão da adrenalina, da emoção do momento que é muito forte e eu gosto de sentir isso, fiquei encantado. Além disso, eu passei a não depender de ninguém para ter as coisas que eu queria, na verdade, passei até a ajudar nas despesas da casa, mostrar independência mesmo.

Roubei sempre residências e carros. Ninguém me ensinou, eu comecei com os meninos que cresceram comigo, que moravam perto. Nós fomos aprendendo a roubar e tudo o que se pode fazer com as mercadorias. Não planejávamos muita coisa, sempre íamos para três bairros certos, residenciais, um com bastante república de estudante, no mesmo horário: de manhã.

Nós roubávamos armados, mas eu nunca precisei usar a arma. As vítimas sempre ficavam quietas, ninguém fazia a loucura de contrariar nossas ordens. Eu usaria a arma caso mexessem com a minha família, do contrário nem pensava em usar.

Não tinha pena das pessoas que assaltava, não sinto remorso de ter roubado. Quando a polícia chegava elas iam delatar a gente, é sempre assim. Se você for pego, os policiais vão te reprimir e levar para te reconhecerem, por isso não sinto nada por essas pessoas, sei que elas não sentem nada por mim também.

Depois de alguns roubos, passei a andar de carro, a poder comprar minhas coisas. Roubava e vendia tudo para comprar carros, motos, roupas e tênis para mim e minha irmã mais nova. Em casa não escondia que eu estava ganhando dinheiro, mas nunca falava como, sempre inventava uma desculpa.

Minha mãe não sabia o que eu estava fazendo. Na verdade, eu acho que ela suspeitava, porque meu irmão também foi preso por causa de roubo, então eu acho que ela até sabia o que eu fazia, mas não falava nada.

Eu e meu irmão não roubávamos junto, ele foi preso por assalto, apenas sabíamos o que um e o outro fazia. A única coisa que nós não fazíamos mesmo era se envolver com drogas, é uma vida muito pesada, que não vale a pena!

Na época que eu fui preso pela primeira vez eu estava querendo parar, não ia todo dia roubar. Fui preso por um assalto que fiz na casa de um jogador, eu e mais outros dois meninos, diferentes daqueles que começaram comigo, eram maiores de idade.

Nós assaltamos a casa de manhã, tinha uma caminhonete Santa Fé na porta da casa, o portão estava aberto. Quando entramos já vimos uma criança sentada na escada e a mãe dela. Anunciamos o assalto, a família estava pronta para ir viajar para o Recife, levamos tudo que tinha valor para venda e uma maleta com 30 mil reais.

Eu fiquei só com o dinheiro, porque precisava pagar policiais que estava devendo. É um acordo que existe entre quem rouba e policiais corruptos: civil e militar, todos eles. Pagamos para não ser preso, porque ninguém quer ficar preso! Eu já estava devendo dinheiro há algum tempo para esses policiais.

Então dei os 30 mil reais que tinha roubado e uma moto, uma XT – 600, que valia aproximadamente 30 mil também, essa era minha mesmo. Foi a primeira vez que precisei pagar para policiais, porque estava ficando cada vez mais conhecido. Não me importei com o valor que

paguei, ganhava facilmente a mesma quantia continuando assaltando, essa era a média aproximada do que eu ganhava por mês.

Mas, depois de pegar o dinheiro, eles me prenderam, disseram que o pagamento era pelas outras coisas que eu já tinha feito, não cobria o último assalto.

Não foi difícil me prender, tinha muito retrato falado meu espalhado nas delegacias. Por isso, apesar de ter sido a primeira vez que eu fui levado, já recebi internação, pelos Boletins de Ocorrência que havia contra mim.

Estava com minha mãe quando os policiais vieram me levar, uma senhora que mora perto de casa contou para eles onde era. Eu até tentei fugir, mas eles conseguiram me encontrar. Minha mãe chorou muito! Como meu irmão estava preso fazia só uns três meses, ela ficou desesperada.

Fiquei preso um ano e cinco meses, muito longos. Fiquei dois meses na Unidade de Internação Provisória aqui de Campinas e depois do julgamento vim para cá, fiquei mais um ano e três meses.

Não senti medo, mesmo sendo a primeira vez, já conhecia muita gente que havia passado por aqui, sabia como as coisas funcionavam. Senti muita raiva, isso sim! Raiva de todos que me entregaram, que fizeram fofocas dizendo para os policiais onde eu estava. Na minha opinião, ninguém presta.

Quando estava na UIP, pensava que ia embora depois de quarenta e cinco dias, que é o tempo máximo para ficarmos lá. Mas eu só tumultuava as coisas, me rebelava contra os funcionários que batiam nos outros menores, isso me deixava revoltado! Em mim eles bateram uma única vez, mas foi a primeira e última, ninguém me bate, eles sabem disso. Isso nunca é revelado, jamais levaria uma coisa dessas para juiz ou promotores, eu, e todos os internos, sabemos que as coisas que acontecem na unidade devem morrer na unidade, a gente tem que resolver tudo por aqui.

Depois de dois meses na UIP, fui julgado e o juiz determinou minha internação. Na hora eu não acreditava, estava até trabalhando quando fui preso, não imaginava que isso aconteceria mesmo.

Ai eu enlouqueci, cheguei já bastante revoltado, não queria saber mais de nada mesmo. Estava bravo com a vida, revoltado com todo mundo! Fui preso por causa de uma fofoqueira que não soube cuidar só da vida dela e me delatou para os policiais, por isso que eu estava aqui.

Então o tempo foi passando, a gente vai se acostumando a rotina da instituição. Todo mundo que chega fica primeiro na UIP daqui de dentro, é um lado dos quartos que servem para abrigar os recém internados ou quem está infringindo as regras. Quem está dormindo nesses quartos, convive normalmente com o restante da unidade: faz as refeições com todo mundo, vai para as escolas, para os cursos profissionalizantes, etc. A diferença é que quando acaba todas as atividades do dia tem que voltar para os quartos, não pode assistir televisão, por exemplo.

Depois que passou para os outros quartos, só volta quem tiver mau comportamento. Só nessa segunda vez que eu estou aqui já passei seis meses lá, por causa de fofocas que os internos fazem sobre mim, os seguranças pensam que eu sou o líder, que influencio os outros meninos a se rebelarem. Qualquer coisa estão anotando no meu prontuário, é o maior que tem aqui!

No tempo que passei aqui dá primeira vez participei de uma rebelião, sai até no jornal segurando um maçarico. Nós invadimos a quadra depois que alguns meninos tentaram fugir, foram pegos e os seguranças começaram a bater neles.

Aproveitamos que estavam fazendo reformas na quadra e usamos algumas ferramentas como arma. Eu fiquei no portão da quadra, quando a tropa de choque subia para tentar entrar eu ascendia o maçarico, quase derreti os escudos dos policiais!

Nessas horas eu não penso muito no que está acontecendo, só no que eu estou fazendo. Eu sei que se eu morrer muita gente vai sentir falta, principalmente minha família. Mas eu não acho que morro por causa de polícia, eles são tranquilos.

Existem regras entre os internos até em uma rebelião. Os primeiros que pegamos como reféns são os funcionários da segurança, por isso que não para ninguém nessa função, eles entram e saem rápido, quem vai querer ficar sofrendo aqui? Funcionário também sofre! Nessa unidade só uma vez professores e enfermeiros foram feitos reféns, mas eu não estava aqui. Não é nada muito planejado como muitos seguranças pensam, as coisas simplesmente acontecem, a gente vai usando das oportunidades que aparecem.

Quando você está preso, qualquer coisa que te distraia é bem vinda. A rotina aqui é muito pesada, tem horas que penso que vou enlouquecer: acordamos às cinco da manhã, tomamos banho, servem o café da manhã aqui em baixo, escovamos os dentes e vamos para a aula às sete horas. Ficamos até meio dia e vinte, nesse tempo tem um intervalo de meia hora para comermos um pão com suco, depois da aula almoçamos, descansamos até às duas da tarde na sala de tevê, e aí começam os cursos profissionalizantes, até às cinco e meia, também com um intervalo no meio. Tomamos outro banho, jantamos, assistimos mais um pouco de televisão e às dez horas já estamos deitados. O dia aqui é bem cheio, toda hora tem alguma coisa para fazer, tem horas que enjoa um pouco.

Depois de um ano e dois meses nessa vida eu finalmente sai! É a melhor sensação do mundo, você poder voltar a tomar conta da sua vida!

Eu não voltei para casa da minha mãe, fui morar com uns amigos meus. Achei melhor porque a polícia estava sempre indo na minha casa, e eu não queria problemas. Logo que sai daqui voltei a roubar, é muito difícil depender de outras pessoas, eu não tinha mais nada e precisava me virar. Comecei a trabalhar também num desmanche de carros, ganhava 600 reais, o que não era tão ruim. Eu gostava bastante! Cumpria liberdade assistida e fazia supletivo à noite.

Essa escola que cursei supletivo tinha uma diretora muito intransigente. Se eu não fosse com a roupa certa ela me fazia ir embora! Eu também não gostava de ter que fazer supletivo, porque todos eram bem mais velhos que eu. Frequentei por três meses.

Passados dois meses eu comecei de novo com roubo de carro, e passei também para carga de caminhão, encomendas do SEDEX. Fazia parte de um esquema que me deixou quase rico, tive até um caminhão para levar a carga.

Com as coisas que eu roubava comprei carros, tinha três e uma moto quando fui preso novamente, todos no nome da minha mãe. Também comprava coisas para minha casa, muitas vezes eu achava que ela era melhor que muitas das casas que eu assaltava! Ainda tenho dinheiro guardado na conta da minha mãe. Enfim, eu só não tenho mais porque roubava para gastar.

A casa que minha mãe mora é de aluguel, se eu quisesse poderia ter comprado até uma casa pra ela, mas não tinha necessidade disso, porque a casa que moramos é muito boa, cabe todo mundo da minha família e tem tudo que precisamos.

Nessa época eu roubava com outra pessoa, os meninos que começaram a roubar comigo estavam todos internados na Fundação.

Eu fui levando a vida desse jeito até que sofri um acidente de moto que me deixou bastante machucado, com o corpo bem debilitado. Bati a moto numa fuga, fui levado para o hospital, com os policiais me acompanhando para me prender. Fui pego várias vezes em fuga pela polícia, essa não foi a primeira vez, mas dessa vez fiquei desesperado, por estar todo machucado, não queria voltar para cá desse jeito. Mas de repente o policial falou que eu não seria mais preso, foi um alívio tão grande que comecei a rir na frente dele que ficou muito bravo.

Fui para casa e fiquei lá um mês sem poder fazer nada. Tive que parar de ir para a Liberdade Assistida e faltei um mês inteiro da escola, isso também porque tentava ir de shorts e camiseta, para não encostar nada nos machucados, mas a diretora não me deixava entrar assim, mesmo explicando o motivo ela dizia que eu teria que trocar de roupa, aí eu não voltava mais mesmo!

Depois que os machucados melhoraram eu comprei um carro roubado por 500 reais, sabia que no desmanche ele valeria dois mil. Quando estava levando o carro para lá encontrei com a polícia, eles começaram a me seguir e eu consegui fugir uma vez, mas perto da minha casa a gasolina acabou e eles me alcançaram. Quando o carro parou eu tentei sair correndo, mas o policial foi mais rápido, colocou o pé na porta e eu não tive mais o que fazer.

Na delegacia, por ser receptação, eu não iria preso, por estar dirigindo o carro e não ter roubado. Quando eu já estava quase saindo, uma delegada veio e mostrou a quantidade de boletins de ocorrência que havia contra mim. Ela disse que era para eu estar preso há dois meses, daí não teve jeito e eu voltei para cá, foi no mesmo dia que o pedido de liberação da liberdade assistida subiu para o juiz!

A segunda vez que entrei aqui foi mais “fácil”, porque eu já conhecia os funcionários e o andamento da casa: aqui o tratamento é normal, é de homem pra homem, você me respeita e eu te respeito; é assim que funciona, com todo mundo. Você quer ser respeitado, você vai ter que respeitar a outra pessoa também.

Desse jeito, não temos briga. A gente se rebela quando precisa reivindicar alguma coisa que está saindo dessa relação de respeito. Uma vez fizemos uma rebelião para pararem de fazer

revista íntima nas mulheres que vinham nos visitar, nossas mães e irmãs. Estava numa situação muito humilhante já, elas tinham que tirar a roupa e agachar em cima de um espelho, isso era demais!

Nós temos uma organização entre os internos também, com regras do que podemos ou não fazer, todos somos iguais e temos que seguir essas regras.

Eu reconheço que dou muito trabalho para os funcionários daqui, mas isso só acontece porque eles pegam muito no meu pé. Aqui eu sou visto como má influência, mas é por causa do meu jeito, eu não gosto de ficar falando, eu vou lá e faço. Com isso tem muita gente que vai e conta para os seguranças.

Teve uma vez que eu furei a mão de um menino com o lápis, era um interno que há muito tempo estava me irritando, falando para os seguranças tudo o que eu fazia. Na hora ele foi contar o que eu tinha feito, e isso só atrasa ainda mais minha liberdade!

Quando você é internado, a medida é sempre de seis meses há três anos, depende apenas do seu comportamento aqui dentro. São enviados sempre relatórios para o juiz, *acompanhativo* e *conclusivo*, há cada três meses. O conclusivo é para pedir libertação, mas os meus são sempre negados, por causa do meu comportamento, tudo o que eu faço aqui eles anotam no prontuário. No Natal eu passei trancado no quarto lá na UIP, por ter me comportado mal. Mas não perdi muita coisa, nessas datas não acontecem nada de diferente aqui.

Também teve uma vez que tentei fugir, fui para uma externa e achei que dava para escapar. Mas fui pego dentro de uma loja, acho que estava destreinado, sei lá. Quando o policial entrou eu fiquei parado, não consegui reagir, estava bem louco nessa época, não tava nem ai pra nada.

Já chamaram até minha mãe para conversar comigo, em razão das coisas que eu vinha fazendo. Essa é a pior coisa do mundo para mim, ver minha mãe levando bronca por causa das coisas que eu faço, detesto isso! Já estou com dezessete anos, não era mais para minha mãe estar passando por isso, eles não tinham nada que chamar ela aqui.

Minha mãe fica muito brava comigo, ela só falta me bater. Eu não gosto de vê-la passando por isso. Não consigo chorar, mas essas coisas me deixam triste. Não que eu ache errado homem chorar, nada disso, é só meu jeito mesmo, acho que tenho o coração duro, não choro por qualquer

coisa, mas me entristeço. Vi minha mãe chorando quando eu fui preso, isso me doeu muito, sou mais apegado nela e no meu irmão mais velho, ele parou de roubar, vem me visitar, eu acho isso muito legal!

Mas não gosto muito que me façam visitas, por causa da revista, não gosto de imaginar meus familiares passando por essa humilhação por minha causa. Minha família é a única coisa que eu me importo mesmo. Tem a minha sobrinha que nasceu quando eu estava aqui já, minha irmã a traz de vez em quando, gosto muito de dela, um dia ela dormiu no meu braço, foi legal!

Com as minhas irmãs eu me dou bem também, mas elas são mulheres e isso já diferencia para mim. Minha irmã mais velha cuidou de mim depois que minha vó morreu, e eu cuidei da mais nova quando estava lá fora.

Eu não tenho namorada, acho que essas coisas só dão dor de cabeça quando você está preso. Até tinha uma quando estava lá fora, mas depois que vim preso eu nem penso mais nela. Não sou muito apegado nessas coisas, quero ser pai, mas não sei se consigo casar, acho que sempre vai terminar mal, a mulher entra com processo de separação, pede a guarda da criança, nossa um caos! Casar só estraga as coisas, por isso que eu até quero ser pai, mas não me imagino casado.

Se um dia eu for pai, quero ficar muito perto da minha filha, mostrar pra ela o que é certo e errado no mundo, não deixar que ela se envolva em coisas erradas como eu, nunca vou deixa-la saber o que eu fiz e dar tudo que ela quiser.

Quando eu sair daqui vou voltar a morar com a minha família, mora todo mundo junto lá em casa: minha mãe, minha irmã mais velha, minha irmã mais nova e minha sobrinha. Só meu irmão que mora com a namorada dele.

Na verdade, a primeira coisa que quero fazer é ir para a praia! Depois vou correr atrás de terminar meus estudos, estou vendo com um professor que está me ajudando para fazer curso técnico de mecânica no SENAI. Preciso terminar a escola para poder ser alguém na vida!

Se eu achar alguém que me ajude a estudar e a trabalhar, como me ajudam aqui dentro, um professor bacana, como tem aqui, atencioso, eu acho que consigo parar de roubar. Não quero e nem posso ficar nessa vida para sempre, eu já fiz dezoito anos e se for preso de novo já vou para o CDP, não quero ficar lá. Não por medo, mas porque ficar preso é a pior coisa do mundo, não tem

nenhuma parte boa. Sei que se trabalhar, consigo levar uma vida tranquila, sem roubar, só fazendo as coisas certas.

Olho para minha história até agora, não consigo sentir saudade de nenhuma época, sinto como se não tivesse tido infância, por estar roubando desde pequeno. Lembro pouca coisa de quando era criança, que soltava pipa na rua, mas faço isso até hoje. Minha infância foi a FEBEM, Fundação CASA, é disso que lembro.

Sinto saudade apenas de estar lá fora, de poder aproveitar a minha vida. Aqui dentro demora muito para passar, mas quando acaba nem parece que existiu!

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

O Marcos foi o primeiro menino que eu entrevistei, estava nervosa por natureza, a situação de entrevistar alguém não é confortável, ainda mais quando é a primeira entrevista. Quando cheguei na unidade, eles já sabiam que eu estava indo para fazer entrevistas, ao avisar com quem seria, uma das funcionárias me disse: “Nossa, mas o Marcos! Ele quase não fala nada!”. Ouvir isso, logo na primeira entrevista, me deixou mais desconfortável ainda e com vontade de falar: “Ah, então é melhor deixar para outro dia, depois eu volto!”.

A entrevista começou tensa, não poderia ser diferente. Eu estava nervosa e deixei transparecer nas perguntas. Para me ajudar, o Marcos realmente gostava de falar pouco, começou com respostas monossilábicas. Eu tive que fazer muitas perguntas no início, para motivá-lo a falar. Passei a questionar temas relacionados a sua família, a sua vida na infância, seus amigos, onde cresceu, com quem, etc. Mas ele esteve até o momento muito seco, distante, respondendo apenas o necessário, isso me deixou mais nervosa ainda.

Percebi que o assunto não estava agradando muito e rendendo pouco, resolvi mudar o tema das questões e perguntei sobre a Fundação. Foi a partir daí que o clima começou a mudar, ele percebeu que eu realmente estava interessada no que ele tinha para dizer, e que seu relato seria muito importante para mim. Ele passou a contar todas as suas experiências e a entrevista acabou durando duas horas.

BRUNO

“As coisas mudaram muito desde que eu entrei aqui, eu não sou mais o mesmo.”

Minha história começa no Recife. Nasci aqui em Campinas, mas fui para lá com cinco anos, voltei para cá nove anos depois. Eu fui para lá por causa da separação dos meus pais, que foi meio tumultuada. Minha mãe chegou até a falar que meu pai bateu nela, mas eu não sei se ela inventou isso.

Quem nos amparou nessa época foi toda a família da minha mãe. Minha vó materna que comprou a passagem para nós irmos para Pernambuco, lá já morava uma avó da minha mãe, e uns tios também, todos tiveram que ajudar a gente, porque minha mãe não tinha recurso para se manter sozinha. Eu me lembro pouco disso tudo.

Tenho mais três irmãos e a sorte deles é que nasceram lá, não pegaram essa mudança, são filhos de outro pai. Foi muito difícil o começo, quando chegamos, não passamos fome, mas muita necessidade, moramos de aluguel e todas as pessoas da família tiveram que ajudar a gente.

Hoje com dezessete anos eu tenho um pouco de saudade de lá. Eu cresci na cidade de Olinda, mas minha saudade não é tanto pela cidade em si, porque lá até que é legal, mas não tem tantos recursos como aqui, é muito pobre. A estrutura da cidade, a meu ver, é bem parecida com Campinas, mas o trabalho lá é bem menos valorizado, então a gente trabalha bastante e não é bem remunerado como vejo que é aqui. O que eu tenho saudade mesmo é da vida que eu levava lá!

Quando eu tinha uns doze anos de idade, eu comecei a frequentar uma Igreja Católica que tinha perto da casa que eu morava. Era uma igreja grande, tinha o seminário e a casa do padre todas na mesma propriedade.

Eu me apeguei muito com a igreja, gostava mesmo de estar lá, tinha amizade com todo mundo que a frequentava, e principalmente com o Padre, que gostava bastante de mim também. O engraçado disso tudo foi minha mãe, ela não gostava muito desse meu envolvimento com a igreja, porque ela tinha medo de me fazerem mal, ouvia falar em casos de abuso sexual de padres com os coroinhas e ficava meio receosa. Mas eu mostrava que ela podia ficar tranquila, porque o que existia entre nós era muito respeito, eu gostava do Padre como um pai, e ele me tratava como um filho, só assim ela ficou mais calma.

Eu gostava tanto de frequentar a Igreja, que com treze para quatorze anos eu pensei até em fazer seminário, estava disposto a dedicar minha vida para a igreja, eu gostava muito das coisas que eu fazia lá. Não tinha grupo de jovens, mas tinha as pessoas que frequentavam ou moravam ali, os seminaristas, e era disso que eu gostava, da rotina e das pessoas que eu conhecia ali. Teve vezes que eu passei dias dentro da igreja, ficava direto ajudando lá.

Por todo esse meu desempenho eu virei Sacristão. Isso só aconteceu porque quem fazia essa tarefa era meu padrinho de crisma, teve que sair e me indicou. Como o Padre percebeu a minha dedicação ele autorizou eu assumir a função.

A vida até aquele momento era só isso ai, eu ia para a escola e para a igreja. Reconheço que gostava mais da igreja, mas não era um mau aluno, desinteressado, eu tinha certa dificuldade que me deixava meio perdido, mas também gostava de ir pra escola.

Quando eu tinha entre 13 para 14 anos a minha vida começou a mudar. Isso porque, nessa época, começou a trabalhar na igreja dois homens fazendo serviço de marcenaria. Esses homens eram fugitivos da polícia, por assassinato até, mas arrumaram emprego na igreja sem ninguém saber de nada. Eles começaram a se aproximar de mim, e eu, por ser muito imaturo ainda, passei a dar atenção para eles, me envolvendo nas ideias que eles tinham. Uma dessas ideias foi roubar o cofre que tinha na casa do padre.

Como eles trabalhavam para a Igreja, eles tiveram acesso a todas as dependências, para fazer o serviço. Com isso, descobriram que o Padre tinha um cofre na casa dele. Eu já sabia da existência desse cofre, que era da mãe do padre. Quando ela faleceu, passou a ser dele, ele usava para guardar o seu dinheiro, que estava juntando desde a morte da mãe.

Esses homens sabiam da minha amizade com as pessoas da igreja e como todos confiavam bastante em mim, por isso se aproximaram e passaram a me persuadir para eu ajuda-los a roubar o cofre do padre. No começo eu tentei me afastar, dizendo que era errado, porque eu sabia que era mesmo, o Padre estava guardando esse dinheiro, era do esforço dele.

O Padre também percebeu que eu comecei a me envolver com os homens, ele vivia me dando conselhos para eu me afastar, que os rapazes não eram companhia para mim, por eu ser muito novo e inexperiente.

Mas acabou que não teve jeito mesmo, eu me deixei levar pelas ideias dos dois. Pensava na vida que eu tinha, que já era bem melhor desde quando minha mãe mudou para a cidade, mas não era nenhuma maravilha, nós não tínhamos regalias, essa era a verdade. Eu me envolvi com a ideia de ganhar um dinheiro fácil para poder comprar minhas coisas, aquilo que eu sentia vontade de comprar e não podia.

Eles precisavam de mim para saber como as coisas iriam funcionar na Igreja. E essa foi a minha função no roubo, eu sabia quando iria ter gente ou não na igreja. Foi em uma sexta-feira a noite que tudo mudou! Na hora me pareceu tão simples, uma coisa pequena mesmo, eu nunca tinha roubado, saído da linha, mas quando eu estava lá, não pensei no que poderia acontecer depois, estava muito envolvido com o momento.

Nós entramos na casa do Padre em um dia que eu sabia que estaria viajando para uma celebração que ia ter no centro do Recife, em outra paróquia. Fomos nós três só: eu, mais os dois homens, e conseguimos facilmente arrombar o cofre. Quando abrimos, eu vi o quanto de dinheiro que tinha lá dentro, me pareceu muito dinheiro, nunca tinha visto muito dinheiro junto, então me espantei com a quantidade que tinha lá. No total eram por volta de 32 mil reais.

Depois do roubo nós fomos para a casa deles dividir o dinheiro e eu fiquei com 12 mil reais. Fui para minha casa, levando o dinheiro em uma mochila. Quando cheguei, minha mãe ficou meio desconfiada, porque eram seis horas da manhã e eu tinha dito a ela que iria dormir na igreja naquela noite. Despistei dizendo que voltei cedo porque ia ter que voltar para a igreja mais tarde. Não contei que estava com todo aquele dinheiro, na verdade nem eu acreditava ainda que tinha feito aquilo! Deixei o dinheiro dentro da mochila mesmo, em baixo da minha cama, não mexi nele.

Depois de uns quatro ou cinco dias, não me lembro direito agora, um senhor que trabalhava na igreja, ficou sabendo do que eu tinha feito. Durante a missa, ele chamou a minha mãe e disse que tinha uma notícia ruim para dar, porque tinham descoberto quem roubou o cofre do padre e sabiam que eu estava envolvido. Queria avisar que já haviam sido emitidos três mandatos de busca e apreensão e um deles era meu!

Minha mãe ficou muito nervosa, eu não estava perto nessa hora que ele contou isso a ela, mas fiquei sabendo que ela chorou muito, conversou bastante com o padre, não sabia o que fazer. O padre gostava muito de mim, e apoiou bastante a minha mãe. Me senti muito culpado,

principalmente de saber que minha mãe chorou por minha causa, ver a preocupação dela e do padre, eu fiquei muito mal!

Realmente na segunda-feira a polícia foi até o bairro e prenderam os dois moços que estavam comigo, só não veio mandado pra mim. Os policiais pegaram um som que eles tinham comprado e o resto do dinheiro, eles foram para a penitenciária mesmo, porque eu era o único menor de idade, eles dois já tinham uns 24 anos, então foram para a prisão normal.

Passou um mês até virem me procurar, eu era muito inocente mesmo, não entendia nada dessas coisas, gastei um pouco do dinheiro nesse tempo, uns dois mil reais, comprando roupa, tênis, tudo de marca, coisas que eu sempre quis ter e não tinha dinheiro para comprar.

Quando os policiais foram me procurar eu não estava em casa, minha mãe que atendeu eles. Ela também não entendia muito, e disse que não sabia onde eu tava. Só que os policiais acharam que ela estava mentindo e entram com tudo na minha casa, mas eu realmente não estava lá.

Quando eu cheguei, minha mãe me contou o que tinha acontecido e nós achamos melhor ir para a delegacia para saber sobre o que se tratava, nem imaginava que ia ser preso!

Eu conhecia o delegado que trabalhava lá e quando a gente chegou fomos procurar direto por ele que nos recebeu super bem, disse que gostava muito de mim, mas eu tinha dado uma decepção muito grande para todos eles.

Eu conhecia todas as pessoas que trabalhavam lá e que frequentavam a igreja, o delegado, desembargador, promotor, todo mundo gostava de mim, pelo trabalho que eu fazia na igreja, mas quando o roubo veio à tona, todos ficaram muito decepcionados.

Eu fui preso naquele dia mesmo, o delegado disse à minha mãe que eu não poderia sair mais de lá, mas que eles iam fazer de tudo para me tirarem o mais rápido possível, pela consideração que tinham por mim.

Eu fui levado pro CENIP, fiquei muito assustado, nunca tinha sido preso! Achei as coisas bem ruins por lá, porque é bem diferente daqui da Fundação, parece bem mais como uma prisão mesmo. As idades são misturadas, a gente fica em cela e não tem muita coisa pra fazer. O tempo que fiquei lá não fiz nada, só sentado conversando, não tinha nada para fazer.

Quando fazia uns vinte dias que estava preso, minha mãe me contou que o meu padrinho de crisma ia pagar um advogado pra mim, para tentar me tirar dali. E foi o que me ajudou mesmo, apesar de tudo que eu tinha feito para a igreja, foram as pessoas de lá que me ajudaram mais; o meu padrinho e o padre que pagaram o advogado para me soltar! O advogado entrou com pedido de habeas corpus e na primeira audiência eu já estava livre novamente.

Eu fiquei muito grato a todos que me ajudaram, mas também fiquei com muita vergonha, do que eu tinha feito, do que as pessoas estavam pensando de mim. É muito ruim você ser julgado por todo mundo, eu estava arrependido do que eu tinha feito, na hora me pareceu a melhor coisa que eu podia fazer, porque eu queria o dinheiro, não pensei no resto, nas pessoas que gostavam de mim, era inocente e achava que estava fazendo a coisa certa.

Mas depois que tudo isso aconteceu eu me revoltei muito, não com os outros, mas comigo mesmo. Eu não conseguia me perdoar pelo que eu tinha feito e pela decepção que causei em todo mundo. Eu não quis ir mais para a igreja, parei de estudar também, não queria que ninguém ficasse me apontando e me julgando!

Foi muito difícil pra mim, porque eu gostava da vida que eu levava, mas não consegui ir mais aos lugares, encarar as pessoas que eu decepcionei, me sentia muito culpado por tudo aquilo que tinha acontecido. O padre conversou comigo, disse que eu era bem vindo, mas eu não aguentei toda a culpa que eu sentia, ter quebrado a confiança deles e resolvi não voltar mais lá.

Com isso, eu comecei a me envolver com um pessoal mais barra pesada, passei a roubar sempre: carro, residência, pessoas na rua, fazer bastante besteira. Minha mãe ficou muito desesperada, dizia que eu tinha mudado muito, que eu estava diferente até com ela desde que parei de frequentar a igreja. Naquela época, eu fiquei com tanta mágoa dentro de mim, que eu não ligava mais para o que ela falava, foi muito difícil enfrentar tudo, por isso passei a fazer mal pra todo mundo.

Também eu tinha a minha avó, que morava aqui em Barão Geraldo, da família do meu pai, ela ia para Olinda de vez em quando, e tentava conversar comigo, mas eu não acatava mais os conselhos de ninguém, achava que depois do que eu tinha feito na igreja, minha opção seria entrar mesmo na vida errada, do crime.

Com o tempo eu fui conhecendo as pessoas que passaram a me ajudar a roubar. Hoje eu penso que se eu não tivesse me envolvido com elas, eu não estaria aqui hoje, teria terminado meus estudos e já estaria desenvolvendo alguma profissão.

Porque eu até que gostava de estudar, ia bem na escola, fazia bagunça, mas gostava. Estudei em um colégio particular quando era bem pequeno, mas depois sempre em escola pública, a vida toda. Foram todos colégios católicos, mas públicos. Eu gostava de estudar, mas achava as coisas sempre muito bagunçadas por lá, um não respeitava o outro, era sempre cada um por si. Eu sinto que aqui as coisas já são diferentes, que um respeita mais o outro.

Mas como disse, eu parei, fiquei uns três anos sem estudar, na maior parte do tempo fazendo coisa errada e acabei me acostumando com essa vida também.

Não foi um tempo longo que eu levei essa vida, mas foi bastante tumultuado. Do roubo do padre até eu parar de roubar deu uns onze meses, que foram bem difíceis, principalmente para a minha família.

Foi então que meu pai, que estava em uma situação financeira estável, me enviou uma passagem, para eu vir morar com ele aqui em Campinas, numa tentativa de ajudar a mim e a minha mãe, que já não sabia o que fazer.

Eu vim sozinho, tinha parado já com o negócio do crime, cheguei aqui em junho de 2010, para ajudar o meu pai e voltar a crescer na vida.

Comecei a cumprir minha liberdade assistida aqui, que tinha sido dada em razão do roubo do padre, e a ajudar meu pai no trabalho dele. Ele é técnico de piscina, estava se dando super bem, trabalhava bastante em condomínios de alto padrão e estava morando em uma casa muito boa.

Eu passei a fazer tudo certinho de novo: ia trabalhar com o meu pai, estava assinando a LA no COMEC, e procurando um supletivo para fazer a noite. Esse trabalho, não era para eu ficar fazendo a vida toda, meu pai me instruiu para eu começar a ajudar ele e ficar nisso até arrumar alguma coisa melhor.

Hoje a ideia é essa para quando eu sair daqui, ir trabalhar com ele, até me formar na escola e arrumar um outro emprego, que eu queira mesmo.

Mas voltando aquela época, eu passei a trabalhar direitinho, com bastante responsabilidade. Meu pai, em algumas vezes, me deixava ir até sozinho nos condomínios fazer o serviço, porque estava confiando bastante em mim. Mesmo sem ter carta, fica com o carro ou com a moto para trabalhar. Ele estava confiando em mim de verdade.

Estava indo tudo bem, mas depois de uns cinco meses trabalhando com o meu pai, eu comecei a me aproximar de umas pessoas que morava em uma vila, perto da minha casa. Eu passei a frequentar a vila todos os dias, para conversar com alguns amigos que eu tinha feito lá, e com o passar do tempo parei de trabalhar com o meu pai!

Primeiro eu comecei a fumar maconha, que eu nunca tinha fumado, mesmo lá em Olinda quando estava roubando. Depois, o pessoal começou a me chamar para fazer roubo, eu tentei evitar, mas descia a ladeira para trabalhar e sempre via eles sentados, sem fazer nada, sem ralação. Ai por causa disso eu achei melhor parar de trabalhar também, pra viver na vida mais mansa. Então parei de trabalhar, meu pai pegou muito no meu pé, discutíamos muito, mas eu não estava querendo ouvir mais ele, queria viver igual essas pessoas que tinha conhecido: sem fazer muito esforço, com uma vida boa.

Ai comecei a assaltar carros, umas cinco vezes eu assaltei junto com esse pessoal. Achei um desmanche para vender o carro, ganhava dois mil reais por cada carro. Roubava e vendia, sempre assim. Lembro que teve uma vez que eu cruzei com o meu pai dirigindo um carro roubado, foi muito constrangedor, mas eu não pude fazer nada, passei correndo com o carro e fingi que não vi. Nossa, hoje eu vejo como eu dei trabalho para o meu pai! Porque na minha idade não era para eu estar fazendo essas coisas.

Depois de um tempo, eu roubei um I-30 da Hyundai, de um médico ginecologista. Eu não ia nem vender o carro, foi no domingo, queria só para dar umas voltas mesmo. Mas, na terça-feira, eu estava sentando na frente da casa de um dos meus amigos e chegou a polícia, já chegou enquadrando. Eles disseram que minha característica não era estranha às denúncias de assaltos que estavam acontecendo, acharam a arma na casa do outro menino que estava comigo e nos levaram todos presos: eu, dois menores de idade e um maior de idade.

Primeiro fomos levados para o Distrito Policial, porque a vítima estava lá. Ela não me reconheceu, mas mesmo assim eu e os outros menores fomos levados para a CASA Amazônia,

que é a unidade de internação provisória, onde a gente pode ficar no máximo por quarenta e cinco dias, e os maiores foram para o Centro de Detenção Provisória. Por isso, ou melhor, por tudo isso, eu estou aqui hoje! Eu me envolvi com essas pessoas em novembro de 2010 e em janeiro de 2011 eu já estava preso novamente.

Já faz um bom tempo que estou aqui, posso dizer que as coisas mudaram muito desde que cheguei, eu mudei muito na verdade. Passo a maior parte do tempo aqui dentro pensando no que eu fiz e no que eu vou fazer, uso o tempo aqui dentro para refletir.

O juiz me deu internação de seis meses a três anos, vai depender só do meu comportamento para sair daqui. E eu não esqueço isso nem um segundo, procuro sempre fazer a coisa certa para ir embora o mais rápido possível.

Quando eu cheguei aqui, tinha certeza que ia embora rápido, como da outra vez. Com seis meses enviaram um relatório meu, acompanhativo, era para ter ido com três meses, mas foi só com seis. Continuei internado. Então com nove meses enviaram outro, conclusivo, mas a própria promotora veio aqui e me avisou que foi negado para liberdade. Agora com um ano de internação enviaram esse terceiro relatório, que eu estou aguardando a resposta, estou muito esperançoso porque a promotora que pedia sempre minha internação, disse que já analisou meu caso e está pedindo minha liberação agora, isso é muito bom! Ela disse que vai pedir uma audiência, para decidir com quem eu vou morar, eu posso ser liberado na audiência ou depois dela, não sei direito.

Essa questão dos meus pais serem separados me complicou bastante depois que eu fui preso. Eles discutem bastante, principalmente porque quando eu vim para cá eu estava morando com o meu pai, e depois que eu vim preso minha mãe não queria aceitar que eu saísse daqui e fosse morar com ele novamente. Mas a questão é que, ficar com o meu pai, facilita bem mais as coisas para mim. Eu vou trabalhar com ele, o estudo tá mais perto da casa dele, o shopping, na verdade, é tudo mais perto.

Minha mãe veio morar em Campinas logo depois que eu vim, três meses depois, com a esperança de melhorar de novo sua vida. Estava morando em uma república com os meus outros irmãos quando eu fui preso. Mas teve que mudar em razão dos gastos que eram muito altos, e foi para um bairro muito distante, que não está perto de nada.

Por isso que, por enquanto, eu quero continuar morando com o meu pai. Até eu me decidi, decidi a minha vida, terminar meus estudos e mais para frente eu vejo como vai ser. Mas essa questão, conforme o tempo foi passando aqui eu fui conversando ela foi entendendo, eu fala: “Mãe isso ai vai acabar dificultando. Vai me prejudicar.” Ela acabou entendendo. Isso ai a gente já resolveu, mas só que o diretor, o juiz e todo o pessoal lá do fórum ainda acha que minha mãe não vai aceitar que eu vá mora com o meu pai, por isso a audiência.

Não que eu goste mais de um, mas sim porque vai ser importante para a minha melhora, porque eu vou estar estudar, vou estar trabalhando com ele, vou estar mais perto dele, ai facilita mais para minha vida. E realmente isso ai já é bom para mim, estudar, trabalhar. Vou ter que colocar esses argumentos na audiência, para justificar porque quero ficar com o meu pai e não com a minha mãe.

Mas isso tudo vai ser quando eu sair daqui. A gente sempre fica nessa expectativa para ir embora, não vê a hora!

Quando eu entrei na Fundação foi muito difícil, não senti medo porque já tinha sido preso antes, já imaginava como era. O problema foi que aqui é muito diferente de Olinda. Com uns dois meses internados eu passei a ficar bastante perturbado, pensava que estava no hospício, mas tinha ainda esperança de ir embora rápido. No começo da caminhada você fica com mais esperança, mas depois de uns quatro, cinco meses, você perde tudo!

Lá em Olinda as coisas são menos regradadas, as roupas são as nossas mesmo, as visitas podem trazer o que quiserem, não tem escola, nos ficamos em cela, somos separados em pavilhão, é muito mais gente presa, parece uma cadeia mesmo. Eu ficava fazendo pato. Minha mãe podia levar folha de ofício, e eu ficava fazendo dobradura de pato, era o que passava o tempo.

Aqui as coisas são bem diferentes, a rotina é mais pesada, mas eu prefiro assim, porque aqui não ficamos parados. Você imagina ficar três anos preso e ficar parado, sem estudar, sem nada. Perde até a noção. Sai daqui e não sabe nem onde está!

A noção de tempo aqui muda conforme os meses passam, vai ficando cada vez mais demorado. Até uns oito meses, não estava demorando muito, o dia passava que você nem via. Eu estou parecendo aqueles robzinhos, aqueles robôs programados! O meu dia virou rotina já, passa a tarde, dorme, acorda, eu já entrei no clima da instituição.

O que demora mais é pensar quando vai embora, é que faz tanto tempo que eu espero uma resposta pra ir embora, que tem vezes que eu fico pensando: “Nossa, eu não imagino nem eu saindo para fora, indo embora!”. Tem vezes que vem isso na minha cabeça, eu falo: “Nossa, nem imagino eu indo embora!”.

Semana passada eu fui para uma atividade externa, no teatro. Não gosto de sair para ir para externa, porque depois tenho que voltar para cá! Meu pensamento fica muito agitado, é muito ruim, você vai e o tempo passa muito rápido, e depois de pouco tempo o segurança já avisa que temos que voltar embora.

Fomos para o teatro, teve muitas coisas boas lá, principalmente o pessoal da faculdade que ia apresentar. Eu conversei bastante com uma moça que morou em Recife também, até quase a hora de ir embora, sobre lá, sobre aqui, eu contei minha vida, ela contou a vida dela, ai teve o teatro, uma troca de conhecimento e depois um lanche.

Essa foi a segunda vez que eu sai desde que estou preso, a primeira foi em uma apresentação de afro-axé. É muito bom mesmo, mas quando dá a hora de ir embora, a gente volta para a realidade!

Aqui dentro, uma das coisas que continua parecida para mim é a escola, pelo menos na organização.

Quando fala escola eu penso que sem escola eu não vou conseguir alcançar o que eu quero, eu vejo que só vou conseguir o que eu quero através dos meus estudos, através da escola, sem a escola eu não vou ser ninguém mais pra frente.

Eu parei de estudar na quinta-série, fiquei três anos sem estudar, ainda frequentava a igreja nessa época. Quando eu ia para igreja, fazia tudo certinho. Viajava com o Padre, para o interior, para as Catedrais, Basílicas, tinha encontro de Arcebispos, Cardiais. Foi uma época muito boa mesmo!

Mas depois que eu fiz tudo aquilo, parei de estudar. Depois dos assaltos, eu fui para escola, e a diretora ficou sabendo, algumas senhoras da igreja contaram para outra mulher, e a notícia que eu tinha roubado ficou meio espalhada. Eu era novo e isso para mim já era humilhação.

Mas até aquele momento eu era um bom aluno. Gostava de matemática, português, história. Tinha repetido a quarta-série por falta, mesmo assim não acho que era um mau aluno.

Há uns quatro meses atrás eu comecei a pensar assim: na vida que eu me envolvi, em que eu pensava que era feliz porque tinha dinheiro, dava valor só para o que eu considerava luxo: as mulheres que eu tinha, os negócios que eu fazia, eu achava que eu daquele jeito eu estava sendo feliz. Mas depois que eu consegui analisar - porque eu fico pensando, o dia todo comigo mesmo, sobre a minha vida, sobre o que é bom para mim, o que não é – então, sobre isso, eu comecei a pensar que tudo aquilo, que eu achava que ia me fazer feliz, até fazia, já que naquele momento eu estava feliz, mas depois, mais pra frente, depois que passava aquele momento, vinha na minha cabeça: “nossa estava feliz naquele momento, agora já não estou...” E eu decidi que vou deixar essa “felicidade”, porque eu posso ser feliz de outra forma. É como se naquela época eu estivesse cego, não percebesse o que estava fazendo!

Quando sair daqui tudo vai ser diferente, eu já sei o que quero para mim agora. Quero levar uma vida normal, porque a vida que eu tinha não era uma vida normal. Uma vida normal é você fazer as coisas numa boa, tranquilo, fazer sua vida, seguir sua vida certa, sem problema, sem fazer mal pra ninguém. Essa é a vida que eu quero levar quando sair daqui.

E eu vou ter suporte para conseguir levar essa vida. Quero continuar estudando lá fora, e se alguém ficar sabendo do que eu fiz, não vou me importar como antes. Se alguém falar: “Ai, ele roubou fez aquilo e tal” eu não vou abaixar a cabeça, vou dizer: “Gente, eu mudei minha vida, todo mundo um dia erra, tem que ser homem pra assumir seus erros!”.

Minha família é a que mais me dá suporte, eles querem muito me ajudar. Meu pai vem me ver também, não é só minha mãe. Quando ele vem nós conversamos bastante. Sobre lá fora, ele fala que quer me ajudar a me estruturar. Porque é assim: se eu quiser eu correr atrás eu tenho como mudar minha vida. Se eu pedir para a minha tia, que tem uma condição boa de vida, para ela pagar um curso para mim, ou uma escola particular para terminar de estudar, ela me ajuda com certeza. Eu tenho uma ajuda, só basta eu querer, só basta eu querer! Quando eu estava lá fora, minha avó, minha tia, meu pai, minha mãe, todos queriam me ajudar, mas eu não aceitava ajuda.

Eu gosto muito da minha família, mas eu não sou muito apegado com eles. Minha relação com os meus irmãos, por exemplo, é pouca. Eu gosto de estar com eles, mas só que eu não sou

muito de conversar com eles, de ficar muito tempo junto. Não só com eles, com a minha mãe e com o meu pai também. Gosto mais de conversar com os meus amigos e amigas. No entanto, aqui dentro convivi mais com as pessoas da minha família, que são as que mais vêm me visitar. Já vieram meu pai, meus irmãos, minha mãe e minha vó.

Quando eu fui preso, eu estava com uma moça, ela mora na vila também e tem uma filha de cinco anos, tem 27 anos de idade e trabalha. Com essa moça foi assim: eu comecei a ficar com ela e depois de uns dois ou três meses ela me pediu em namoro. Eu gostava dela, mas eu comecei a namorar sem saber se queria mesmo, eu perdi o controle da situação.

Na minha cabeça eu pensava: “Nossa eu vim de acordo, não queria ter vindo de acordo com aquilo.” Depois ficou difícil para mim, eu falar para ela isso aí. Eu fui deixando o tempo passar, para ver onde que ia dar. Mas depois que eu fui preso, há uns cinco, seis meses atrás, eu percebi que não gosto mais dela. Quando sair daqui quero falar para gente da um tempo, ou alguma coisa assim.

Ela vem me visitar, poucas vezes, mas vem. A última vez que veio fazia uns quatro meses que não vinha. Eu sei que é meio complicado, porque eu sou homem, ela é mulher, e se ela está comigo, independente do tempo que eu fique aqui, ela não vai poder ficar com ninguém lá fora. Se eu descobri que ela fez isso acabou mesmo.

Quando ela veio eu perguntei como aguentava ficar tanto tempo sem relações sexuais, conversei com ela sobre isso. Ela falou que gostava de mim de verdade e que por amor fazia de tudo. Eu fingi que acreditei!

As coisas mudaram muito desde que eu entrei aqui, eu não sou mais o mesmo.

Aos poucos tudo vai ficando diferente. A escola mesmo foi meio difícil no começo. Dava preguiça! Mas só que eu paro e penso na minha família, no meu futuro, e vejo: “Nossa, eu tenho vários amigos que tem vinte e poucos anos e não tem nada! Vinte e cinco anos e também não tem nada! Num sabe lê, escreve, num sabe nada!”. Eu fico pensando: “Nossa, imagina eu no lugar dessas pessoas! Isso aí não!”, fico pensando o tempo todo, é só isso que vem na minha cabeça: “Isso aí não!”. Foi o que me fez estudar, só vou conseguir ser gente, quer dizer, gente eu sou, mas eu falo assim de crescimento pessoal, somente através dos estudos, sem os estudos eu não sou

nada. Porque hoje em dia, até para você ser gari, catar lixo, você tem que ter o primeiro ano. Sem os estudos você não é nada!

Eu não sentia a escola na minha vida, sei lá, não queria fazer tarefa, só bagunçar, ficava com preguiça. Mas, depois que eu vim para cá eu comecei a me interessar mais, me esforçar mais, comecei a ver que daqui em diante minha vida seria ser isso que sou hoje.

Aqui dentro eu tenho uma professora que me ajuda bastante. Eu vejo que ela é uma boa professora, me ajuda, tem interesse em desempenhar um bom trabalho.

Eu tive professores ruins na minha vida também. Aqueles que não dão atenção, passam a lição no quadro, você pede atenção para eles, mas não dão, não tem interesse em você. Eu vejo que ela, mesmo tendo que pegar no meu pé, conversa sempre comigo, me da orientação: “Não você tem que fazer, você tem que aprender, que mais pra frente...” Ela conversava bastante desde o começo, eu ficava só analisando, analisando, até que chegou num ponto que eu, entendi que sem isso ai não dá.

Quando eu entrei aqui não queria fazer nada, só queria ir embora: “Eu quero ir embora, quero ir embora!”. Ai eu vi que desse jeito eu não ia embora para lugar nenhum.

Aqui dentro tem pessoas que pude perceber, porque demonstraram isso, que quando eu sair daqui querem me ajudar, já falaram para mim que querem me ver mudar de vida, querem me ajudar a me estruturar.

Tem uma moça do CEDAP que eu converso. Ela também foi para Piracicaba e sempre conversamos bastante. Ela já deixou o número de telefone no meu prontuário, falou para quando eu sair ligar para ela. Eu sei que é mais uma oportunidade que eu tenho, por conhecer essas pessoas, ela pode me ajudar muito lá fora, em várias coisas, além da amizade que eu tenho com ela, porque é uma pessoa muito legal.

Quando sair daqui, também quero visitar um grupo de Maracatu. Lá onde eu morava em Recife - Pernambuco, eu passei três ou dois anos ensaiando o Maracatu. Toda a semana eu ia para escola aberta ensaiar, toda a semana. Levava uma vida boa, dava para ver a cultura, estudava, participava da igreja.

Passei três anos tocando maracatu, saia até em carnaval. Tocava maracatu de verdade, saia no batuque de Pernambuco, e também no Batuque Estrelado, que é um grupo grande de Maracatu. Eu gosto bastante, bastante disso ai.

Quando eu vim para Campinas, logo pensei: “Nossa, aqui é uma cidade que não tem muita cultura, as coisas não são muito reconhecidas!” E eu vi que é isso mesmo que eu estava pensando.

A ex-mulher do meu pai, que é publicitária, falou que havia um grupo de Maracatu num bairro aqui de Campinas, para a gente ir lá ver. Mas eu acabei sendo internado e não consegui conhecer, mas quando eu sair vou cuidar disso também. Eu conversava muito com ela também, quase todo dia ia à casa dela. Ela é outra pessoa legal comigo, que me ajudava, que eu tinha amizade, tenho até hoje na verdade. Mas, como eu estava falando, tenho muita vontade de sair daqui e ir lá conhecer esse grupo.

A moça do CEDAP que eu estava falando, me disse também que vai tentar negociar com um contato na prefeitura para arrumarem um espaço para eu poder dar aula de maracatu. Isso é muito legal e vai me ajudar bastante!

Eu percebo que tem umas pessoas que querem ver eu bem, querem me ajudar. E Eu tenho que aproveitar isso ai, não é verdade? Porque tem hora que a pessoa cansa, se a pessoa quer ajudar você e você não liga para isso, chega uma hora que a pessoa vai cansar e eu não quero que ninguém canse de mim.

Aqui dentro da Fundação eu conheci todas essas pessoas que podem me ajudar. Voltei a estudar também, estou na sétima série. Quando eu sair pretendo usufruir da ajuda de todo mundo, e continuar estudando, fazer o supletivo, porque o supletivo são seis meses. Eu faço a sétima e oitava série, e termino o ensino fundamental. Depois faço o primeiro e o segundo ano do ensino médio e com isso posso fazer o ENEM para me formar na educação básica.

Isso tudo que aconteceu comigo, eu não quero ver acontecer com os meus irmãos. Eu não converso muito com eles sobre a minha vida, mas tento falar um pouquinho, para eles seguirem uma vida boa, para não ter que passar por aqui.

Outra coisa que mudou muito com o passar dos anos foi a minha relação com a igreja. Eu quero continuar frequentando, indo nas missas, mas não quero mais ir para o seminário, por exemplo. Eu nem poderia na verdade, fiz tatuagens, o que é proibido pela Igreja.

Eu me arrependo de ter feito as tatuagens, mas agora não posso tirar mais! Meu pai brigou muito comigo também por causa delas, mas não tinha jeito naquela época. Tenho quatro tatuagens e uma delas só depois que eu fiz, descobri que na linguagem do crime tem um significado ruim.

Essa “linguagem do crime” eu aprendi fora daqui, não precisei vir preso para entender os códigos. Mas, muitas coisas eu aprendi aqui dentro. Tem gente que fala: “Você vai preso, vai para FEBEM, para cadeia e lá, com certeza, tem uma visão do crime.” Minha mãe falou esses dias: “É, eu acho que você só aprendeu coisa errada aqui dentro, né filho?” Eu falei para ela: “Mãe, a senhora pensa que porque eu estou aqui dentro, eu estou convivendo com sessenta presos aqui dentro, a senhora acha que estou ficando mais experiente na vida do crime? Não! Eu estou enxergando a vida do crime, porque aqui dentro eu enxergo tudo, tudo que eu aprendi aqui dá para você ter uma noção do crime.” Essa é a hora que você para e analisa: “Nossa, o crime é isso.” E na hora você pensa e decide: “Nossa, o crime é isso aqui, tem isso e eu não quero isso.” Porque a gente tá lá fora, fumando uns baseados, fazendo uns assaltos, você não tem uma realidade da vida, eu não tinha uma realidade. Depois que eu vim para cá eu enxerguei a realidade da vida do crime.

Os internos daqui cometeram diferentes delitos: homicídio, latrocínio, muitas coisas. Eu tento conviver com todos, não tenho problema com ninguém, nem com seguranças.

Já presenciei tumultos aqui dentro, mas não participei de nenhum. Porque eu já penso no pior, no depois, quando o choque entrar aqui, trancar todo mundo no quarto. Eu não quero passar por isso. Nessas horas participa quem quer, ninguém é obrigado. E eu não participo porque eu sei que vai me atrapalhar, eu estou com relatório lá em cima, se acontecer alguma coisa, se os internos decidirem fazer alguma coisa, falando que vai ter rebelião, eu já vou falar que eu não vou participar, porque vai atrasar minha liberdade.

Isso só dá certo para quem não quer permanecer na vida do crime, e eu não quero ficar mais nessa vida assim. Se eu quiser correr atrás da vida do crime aí compensaria, porque eu estarei me prejudicando para sair daqui. Quanto pior eu for aqui dentro, isso vai me prejudicar.

E quando as coisas estão acontecendo de fato, quem não quer participar fica sentado. Se isso acontecesse aqui hoje eu me entregaria, abro a grade e me entrego. Sabe por quê? Porque é melhor, se eu apanhar, não vem ninguém me ajudar. É bem melhor se entregar logo. Aqui não tem amigo, amigo são os que eu tenho lá fora, amigo é minha mãe e meu pai.

Um episódio que eu nunca vou esquecer que eu passei aqui dentro foi o último ano novo, foi muito bizarro! Eu passei a virada sentado no chão da sala da coordenação, por causa de uma brincadeira que fiz com outro interno. Eu e mais um amigo amarramos outro interno na cama, só para brincar mesmo, para dar risada. Quando o coordenador ficou sabendo, entrou no quarto e ficou perguntado quem tinha feito aquilo, eu e o outro começamos a rir. Fomos para a sala da coordenação e ficamos sentados no chão um tempão, até o coordenador vir e dar um sermão na gente! Eu pensei: “Meu Deus do céu, essa virada de ano eu não vou esquecer jamais!”.

Essas datas especiais são pouco comemoradas aqui, não muda muito a rotina. No Natal tem um panetone pequenininho à noite. Eu comecei a pensar em Recife, porque eu passava na beira da praia, com aqueles prédios grandes. Eu adorava ficar na praia, quando eu fui preso, não era “branquelo” como sou hoje, eu era queimado do Sol, agora aqui não tem Sol, se eu ficar lá na quadra já me dá dor de cabeça.

Porque, como distração, não tem muita coisa para fazer! A rotina de final de semana chega a embrulhar a gente: televisão, quadra, televisão, quadra. Há um mês, a gente conseguiu que liberassem os canais para assistir TV aberta, antes não podia, os seguranças estavam proibindo, ficamos nove meses vendo só filme e música, filme e música. A promotora veio aqui e falou para liberar, porque é direito nosso também.

Isso aconteceu porque os seguranças disseram que os meninos estavam querendo mandar na unidade. Porque aqui é assim, se eles vão cobrar alguma coisa de você, eles cobram no geral. Agora se é um benefício, eles falam que a caminhada é individual, é cada um com a sua, mas só que na hora que vão cobrar é no geral, até quem está fazendo a sua parte é cobrado!

Eu estou bastante cansado dessas coisas, mas muito animado de ir embora logo. Meu relatório esta no fórum há quinze dias, é um período normal ainda, sei que posso sair a qualquer momento, mas o que pode atrasar um pouco é em razão da audiência que precisa ser marcada, para decidir a questão da moradia.

Quando eu sair daqui, vou ter que me dividir em muitos! Assim que chegar a autorização de liberdade aqui na unidade eles vão ligar para o meu pai e minha mãe. Só que minha tia já falou que queria vir me buscar, e minha vó já me convidou para eu ficar na casa dela. Então vai ter briga, vou ter que me dividir com a minha tia, minha vó, minha mãe e meu pai, vai ser muito bom!

Eu queria encerrar dizendo que, para mim, isso aqui, por uma parte foi ruim, mas por outra eu vejo que foi boa. Não sei se para outras pessoas foi assim, mas para mim teve uma parte que foi boa. Porque, talvez, se eu estivesse lá fora, pode ser que eu não estivesse nem vivo! Fosse roubado, poderia ter levado um tiro já. Não sei, aqui dentro, de uma parte foi boa porque eu enxerguei isso tudo, se eu estivesse lá fora, lá eu não sei...

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Minha segunda entrevista foi muito diferente da primeira. Passada a tensão, voltei à unidade para conhecer o Bruno. O Bruno é um menino muito simpático que gosta de falar, se sente bem contando sua história e principalmente demonstrando seu arrependimento e sua vontade de mudar.

Com o Bruno precisei fazer poucas perguntas, ele sentou na minha frente e, logo que eu liguei o gravador, passou a relatar suas vivências e experiências. Seu discurso foi dentro de uma ordem cronológica perfeita dos fatos, na verdade, depois de um tempo de entrevista, percebi que o Bruno veio com um discurso pronto, poderia ser eu, um juiz, uma assistente social, uma amiga, ele ia dizer as mesmas coisas, talvez porque, penso eu, ele próprio estava tentando se convencer daquilo que estava falando.

ALAN

“Sempre tive em mente que não devo satisfação do que faço para ninguém, o que eu fazia era problema meu.”

Meu nome é Alan de Santos, eu tenho dezoito anos, moro com meus pais e com meus irmãos. Sou o caçula da família, meu irmão mais velho tem 24 anos e trabalha como chefe de oficina da Honda, o do meio tem 19 anos e acabou de entrar na UNICAMP, sou mais chegado no mais velho, ele me ajuda como um pai, tudo que eu pedia quando eu era pequeno ele dava, mesmo que pedisse dinheiro emprestado, ele emprestava, aí eu ia pagar e ele falava que não precisava, é um pai pra mim mesmo. Meu outro irmão sempre foi na dele, ele é o dono da razão, ele se acha o certo.

Nasci aqui em Campinas, morei primeiro num condomínio de apartamentos até os oito anos. Gostava bastante de morar lá, ficava na rua o tempo todo brincando com os meus amigos. Nós gostávamos de soltar pipa, burquinha e jogar bola.

Num ano, meu pai foi assaltado, ele era taxista, e o carro não tinha seguro, levaram o carro e ele perdeu o ponto onde trabalhava. Foi aí que a situação começou a ficar mais difícil, tivemos que sair do apartamento e ir morar na casa dos meus avós materno. Foi a pior coisa que aconteceu, porque meus avós não gostavam muito da gente! Minha avó não gostava que fôssemos dentro de casa, tinha que ficar ou no quintal ou na rua.

Meus pais têm muita mágoa dos meus avós, porque no momento que mais precisamos, eles não quiseram ajudar. Isso sem contar que a casa em que eles moravam foi meu pai que comprou para eles, e não souberam retribuir.

Ficamos lá dois meses só, com meu pai fazendo uns bicos fomos morar de aluguel em outra casa, num bairro diferente dos meus avós, mais perto da onde morávamos antes.

As coisas não foram muito fáceis, passamos algumas dificuldades, mas nunca chegamos a passar fome, tínhamos sempre o que comer, mesmo que fosse salsicha! Comi tanta salsicha na minha vida já, que não suporto nem o cheiro. O cardápio nessa época variava sempre entre salsicha, sopa de ovo, de fubá, essas coisas que com um real se comprava bastante.

Aí meu pai foi se reerguendo, comprou outro carro e conseguiu pagar o antigo. Passados uns dois anos, comprou outra placa de taxi e apareceu um cara interessado em comprar uma das

placas, nessa época ele estava com duas, conseguiu recuperar a antiga e estava com uma nova. Vendeu uma das placas e com o dinheiro comprou a casa que moramos hoje. Minha mãe resolveu mudar de bairro porque achava meio perigoso onde estávamos por ter bastante favela ao redor.

Então fomos para esse bairro que é mais afastado da cidade. No começo foi muito difícil de acostumar. Eu tinha muita amizade com o pessoal do outro bairro e acabava indo para lá todo final de semana.

Hoje meu pai nem trabalha mais, ele ficou com a renda do taxi e da aposentadoria. E não aceita o dinheiro de ninguém em casa. O dinheiro dele é para sustentar a mim, minha mãe e meu irmão que agora entrou na faculdade. O outro está ganhando bem sozinho, ele está organizando o casamento dele, não precisa gastar com a gente.

Todas essas mudanças não afetaram a minha vida escolar, só tive que mudar de escola quando terminava o ciclo. A primeira escola que estudei foi numa creche, nem lembro o nome. Fiz os primeiros anos do fundamental em uma escola e os finais em outra. A escola mais distante que estudei foi no colegial, que era no bairro da frente da onde moro, mas já nessa época eu estava bastante desligado da escola, faltava muito e acabei repetindo o segundo colegial duas vezes.

Quando eu fiz quatorze anos comecei a usar droga, por curtição mesmo, eu e mais um amigo lá do bairro. Usei maconha e cocaína. No entanto, não ficamos só no uso, com o passar do tempo, fiquei cansado de pedir dinheiro para minha mãe e ter que explicar tudo que eu ia fazer, por isso passei a traficar também, tinha dezesseis anos.

Antes de traficar eu trabalhava em uma lanchonete, no centro da cidade, comecei a trabalhar lá na mesma época que comecei a usar droga. Mas Minha mãe não gostava muito, tinha medo que atrapalhasse meus estudos e eu também não estava muito animado, usava droga a noite e não tinha pique para trabalhar. Na lanchonete ganhava 150 reais por semana, passei a traficar depois que sai e a ganhar 450 reais por semana.

Na escola, não mudei meu comportamento, ninguém nunca soube o que eu fazia. Eu nunca fui o melhor aluno, e até o colegial, não repeti nenhuma série, os professores gostavam de mim e não tinha as piores notas.

Mas sempre levei a escola sem muito esforço. Uma das escolas que estudei, por exemplo, era bem perto da minha casa, eu pulava o muro na hora do recreio e ia tomar café em casa, só depois voltava.

Gostava de frequentar para ver as meninas, sempre fui popular, tinha muitos amigos. Mesmo quando fui para a escola nova no colegial foi bom, cheguei como aluno novo para as meninas, mas já era bem conhecido entre os meninos, sempre me enturmei fácil.

Essa escola foi a que eu mais gostei de estudar. Gostava pela bagunça que fazia e pelas amizades que tinha. Foi nessa época que eu comecei a usar drogas e depois a traficar e mudei bastante meu comportamento. Muitas vezes faltava da escola por ter ficado acordado a noite toda, usando ou traficando. Gostava de me divertir queimando borracha na aula, que solta um cheiro bem desagradável. Uma vez soltei até uma bomba no pátio!

Foi nessa última escola que repeti, por baixas notas – até melhorei as notas durante o ano, mas tirei notas muito baixas no primeiro e no último bimestre. Ai também tive comunicado de expulsão, pelas coisas que eu fazia lá dentro.

Apesar de todas essas mudanças, nunca levei para dentro da escola as coisas que eu fazia fora. Jamais contei, mesmo quando traficava, não levava nada disso para lá, para lugar nenhum na verdade. Sempre procurei separar as coisas. Não por medo, mas porque sempre tive em mente que não devo satisfação do que faço para ninguém, o que eu fazia era problema meu.

Depois que eu comecei a usar droga onde mais mudei foi em casa. Minha mãe percebeu que as coisas estavam diferentes, eu emagreci, o dono da lanchonete falava para ela que eu estava diferente. Esse homem é como um tio pra mim, mora perto da nossa casa. Ele começou a me dar conselho, a falar para os meus irmãos e eles ficaram mais espertos comigo.

Meus irmãos nunca se envolveram com isso, também nunca os envolvi, ficava sempre na minha, levando essa vida dupla. Estudava, traficava, ficava em casa, não deixava que uma coisa se misturasse com a outra, até ser preso pela primeira vez.

Em 2010, fui pego traficando, mas fiquei um dia só. Fui à apresentação para o juiz e menti: declarei ser calúnia a acusação dos policiais, que estavam me incriminando injustamente, que o policial forjou a droga, porque eu havia ido lá só para comprar e eles ameaçaram me prejudicar caso eu não desse dinheiro. Ela acreditou e me liberou.

Minha mãe que foi me buscar na delegacia, ela ficou sabendo pelos policiais, ficou muito brava! Depois daquilo, tudo que eu fazia ela estava de olho em cima.

Mas eu não parei de traficar por causa disso, eu gostava de ter meu próprio dinheiro, sem precisar ficar pedindo nada pra ninguém. Pedia pro meu pai de vez em quando para não levantar suspeitas, mas mesmo assinando Liberdade Assistida, eu continuei.

Quando estava assinando LA eu comecei a gerenciar a venda lá no centro, onde eu traficava. Eu deixava a droga com o pessoal que vendia e ia direitinho fazer os cursos que minha mãe queria, ai trabalhava final de semana com o meu irmão pra minha mãe não desconfiar como eu estava ganhando dinheiro.

Trabalhávamos de garçom e ganhávamos cem reais por festa, dava para disfarçar um pouco. Além disso, quando eu ainda trabalhava na lanchonete, comprei uma moto para mim, que vendi assim que sai de lá, minha mãe sabia disso, então falava que estava recebendo parcelado o pagamento da venda da moto, assim eu conseguia traficar, ter dinheiro sem ter ninguém para pegar no meu pé.

Minha rotina era uma só: eu ia para a escola de manhã, depois para o centro assinar a LA, de lá pegava a droga na boca e levava para ser vendida, ficava nas atividades, nos cursos oferecidos pela LA, depois voltava buscar o dinheiro ganho com a venda. Quando usava a droga também, ligava para minha mãe falando que eu ia ficar na casa da minha namorada, ai esperava o efeito passar. Às vezes realmente ia para a casa dela, ou embora para minha casa.

Estou junto com minha namorada há quatro anos, ela era outra que nunca soube de nada também. Eu sou o primeiro namorado dela, ela nunca tinha beijado, nunca nada, eu sou... como posso dizer? Sou o primeiro homem dela. Sou muito ligado aos pais dela, como um filho mesmo. Eles têm boa condição financeira, o pai dela é engenheiro e a mãe toma conta de um postinho de saúde. Eu os conheço desde os sete anos de idade, porque estudava com o irmão dela, nós temos a mesma idade. Minha mãe ia pra escola assinar advertência, a mãe dele também ia, ai que fizemos amizade. Hoje os considero como um pai e uma mãe pra mim.

Eles já vieram aqui conversar comigo, sempre vêm na verdade, disseram que me admiram até, por nunca eu ter envolvido a filha deles nas coisas que eu fazia. Eles me dão conselhos, não

falam que vão mandar a filha deles terminar comigo por eu estar preso, que se isso acontecer vai ser vontade dela mesma.

Mas quem quer terminar com ela sou eu, na verdade. Ela não veio me ver ainda, e achei o motivo bem absurdo: disse que o pastor da nossa igreja revelou a ela para esperar Deus dizer quando deve vir aqui. Só que, quando ela resolver vir, não sei mais se vou querer ver ela! Falei sobre isso com os meus sogros, já deixei de sobreaviso que isso pode acontecer, por ela não estar vindo aqui. Eles disseram que independente do que aconteça com nós dois, sempre vão me considerar um filho e virão aqui me ver. Sou muito grato a eles por isso.

Esse negócio de igreja é complicado, nunca pensei que fosse isso que atrapalharia meu namoro! Minha família vai à mesma igreja desde que eu era pequeno. Até doze, treze anos, eu ia sempre, depois fui mudando e me interessando por outras coisas. Hoje eu gosto, mas não vou sempre, só quando achava que estava precisando mesmo, porque quando a gente usa drogas é bom ter uma religião para acolher, distrair a mente, ajudar a focar em coisas melhores. Aqui dentro eu li um livro que fala para focar no poder superior para receber ajuda, é bem por ai mesmo.

Eu considero que até doze, treze anos eu era uma pessoa “normal”, ia para a escola certinho, fazia as coisas do jeito que meus pais queriam. Depois eu entrei em outra fase, acho que todo mundo passa por isso, mas cada um do seu jeito. Foi com quatorze que eu mudei mesmo! Até essa idade eu queria brincar, só curtir, depois comecei ficar a noite no bar, era legal para nós que estávamos lá, mas prejudicava minha mãe, meu pai. Eu não sinto saudade, se desse pra mudar, mas não dá!

Minha mãe fala que eu andava meio revoltado com a vida, não sei se era com a vida ou comigo mesmo. Eu penso que já fui longe demais! Tinha a ideia de ganhar dinheiro fácil, mas o que ganhei foi a prisão. É um sonho de moleque, andar de carrão, não depender de ninguém, esses negócios. É complicado ter que ficar dando satisfação de tudo que você faz pra mãe. É uma fase, eu acho que todos passam por isso, de querer ter só liberdade. Foi essa minha vontade que me trouxe pra cá, é meio contraditório!

Fui preso a segunda vez pelos policiais da ROCAM, eles tinham me abordado com a droga durante a noite, mas eu disse que era para uso, então me liberaram. Meu serviço era abastecer os vendedores, eu ficava subindo e descendo, com droga e com dinheiro da sua venda. Nessa vez,

passsei a noite inteira trabalhando lá, quando deu seis horas da manhã eu resolvi ir embora, então subi novamente para guardar o dinheiro ganho. Mas, quando cheguei vi mais um kit de drogas, decidi voltar para levar mais esse aos vendedores e de lá ir embora. No caminho a polícia me parou e me enquadrrou, por eu ter mentido pra eles durante a noite. Na delegacia, queriam saber de quem era a droga, mas eu disse que era toda minha, por isso fui internado.

Fiquei quarenta e cinco dias na UIP, esperando passar pelo juiz. Não fiquei assustado, conhecia bastante gente e pensava que tinha sido melhor assim, se eu não tivesse lá, vai saber o que poderia ter acontecido comigo! Teve duas audiências até ser dada a internação, de seis meses a três anos.

Pude ver minha mãe só depois de três semanas, só ela podia me visitar lá. Ela ficou muito brava comigo, principalmente por causa do meu pai, ele tem problema no coração, e quase enfartou de saber o que tinha acontecido comigo e o que eu andava fazendo.

Quando cheguei aqui na unidade me enturmei bem rápido, conhecia bastante gente que morava perto daquele bairro que eu morei quando era criança e eles já me passaram como as coisas funcionavam aqui dentro.

Assim que a gente chega aqui, tem que escolher cursos profissionalizantes que quer fazer e começa frequentar a escola, não pode ficar parado. Como lá fora eu tinha repetido duas vezes o segundo colegial, voltei para essa mesma série.

Apesar de a escola daqui ser bem mais precária do que lá fora acho que estou aprendo mais, em razão da atenção que os professores dão aos alunos. Aqui é mais precário, porque a escola é só no horário que os professores estão, não temos trabalho, lição de casa, tem que aperfeiçoar tudo ali na hora que ele está com a gente. Fora que tem um monte de meninos em níveis diferente, tem aqueles que sabem bem, mas tem uns que não sabe nem escrever ainda, e um professor só é pouco, acho que tinha que ter aula de reforço, fora do horário de aula, a tarde, para ajudar o outro professor e a gente também.

Aqui é um lugar de adolescentes infratores, a maioria tinha problema na escola, então a atenção deveria ser maior ainda, mas você vê, por exemplo, está tendo um único professor para duas matérias. As carteiras não são adequadas, é um lugar bem feio onde a gente estuda, tem pouco recurso para fazer diferente.

O que muda mesmo são os professores, o jeito que eles tratam a gente, eles nos tratam com respeito, gostam de dar aula aqui. Teve um que falou: “nossa se eu soubesse que aqui era assim! Eu prefiro dar aula aqui a dar lá fora”. Porque, lá fora, eles falam que os alunos não os tratam com respeito, e aqui a gente não tem distração durante a aula, por isso fazemos perguntas mesmo, estamos mais interessados, mais focados e tratamos eles com respeito. Por isso acho que estou aprendendo mais, minha mente está focada só nos estudos, e tenho a atenção dos professores. Estudar que me distrai agora, me ajuda a pensar lá fora.

Quando penso em escola, vejo como uma coisa muito importante, sem ela a gente não é nada. Hoje eu penso nisso, que a escola é para estudar, mas na época que eu ia lá fora via como um lugar para diversão, para ter amigos e brincar.

A rotina daqui é pesada, mas me agrada. Agora que começou as aulas, acordo cinco e meia da manhã, arrumo minha cama, tomo três minutos de ducha - só para despertar, deço tomar café da manhã, já saio escovar os dentes e entro na sala de aula, tem um intervalo nove horas, tomo outro café, volto, estudo até ao meio dia, almoço, descanso na sala de tevê assistindo ao jornal, me chamam para os cursos profissionalizantes a partir da uma hora da tarde, paro meia hora para lanche, vou para outro curso, até às cinco. Depois das cinco, janto, assisto mais tevê, até às sete e meia, a partir desse horário tem oficinas que participo, ou a igreja vem aqui fazer culto. Gosto das oficinas de grafite e literatura, leio muito desde que entrei aqui, um livro por final de semana exatamente, lá fora tinha lido só dois: “Vidas Secas” e “O cortiço”. Fico nessas oficinas até chamarem para dormir, lá pelas dez da noite.

Também tem, de vez em quando, atividades externas, que é muito bom, porque dá oportunidade de fazermos alguma coisa diferente, parar de pensar nas coisas aqui de dentro. Eu fui a São Paulo esses dias, em um torneio de xadrez, fiquei em quarto lugar!

Eu não me sinto mal aqui, acho realmente que a internação veio para o meu bem, precisava disso para melhorar. Aqui dentro tem regras e gente nos vigiando todos os dias, mas isso não me incomoda, você acata se quiser, só que tem consequências também. Aqui não é que mandam na gente, não é mandar, é obrigação nossa fazer as coisas. Querendo ou não, aqui você é obrigado a ir para escola, não tem desculpa. Mas, acho que é melhor ir para escola do que ficar no quarto fazendo nada.

Só que tem gente que abusa dessa nossa condição, os seguranças são difíceis, muitos são folgados. Ficam de perseguição com alguns menores, essas coisas. Aqui tem que saber com quem você se relaciona, eu converso com todo mundo, mas só o necessário. Eles falam que eu tenho cara de boy, meu apelido ficou sendo esse. Então não vou ficar falando da minha situação financeira pra qualquer um, tenho que saber o que falar. Tem só um menino que eu converso mais. Ele teve filho recentemente, mas ainda não pode vê-lo. Eu vou ser padrinho do filho dele.

Mas eu não to tendo dificuldades, a parte ruim de estar preso é ter que ficar longe da minha família, só isso. Em casa todo mundo se preocupa comigo, eu me preocupo com os outros também, às vezes fico pensando assim: “se fosse um irmão meu no meu lugar, como será que eu iria reagir?” Acho que ia ser igual também. Sinto saudade, com certeza, mas vejo como um período importante que tenho que passar.

Sinto muita saudade do meu pai, estou bastante preocupado com ele, fiz uma carta pra ele hoje, sua saúde está bastante debilitada. Ele não está vindo me ver, se ele vem acho que quando vai embora, ele sente alguma coisa diferente, ai fica de cama. Por isso minha mãe acha melhor não vir.

Eu penso se meu pai vier a falecer e eu estiver aqui dentro ainda, não sei o que aconteceria comigo, ele é muito importante para mim. É o meu melhor amigo, nossa relação é muito próxima. Por exemplo, se ele precisa ir ao centro da cidade, ele fala “se vai com o pai?”, falo “vou”. Para onde ele queria ir, me chamava, me deixava dirigir, me dava dinheiro toda vez que pedia. Nunca o vi de cara feia, triste, ele é sempre sorridente.

Quando fui preso ele me chamou para conversar, falou pra mim que essa vida que eu escolhi viver não me levaria a lugar nenhum. Ele fala que tem fé em Deus que eu vou mudar!

Com a minha mãe eu também me dou bem, mas me dou bem melhor com o meu pai. Minha mãe manda mais em mim, é pra ela que eu tinha que pedir as coisas, se podia ir para algum lugar ou não. É engraçado, se ela dizia não, eu insistia, ai ela falava: “Você quer ir? Pode ir, mas a mãe não quer!” Ai que eu não ia mesmo. Sempre quando ela falava que não era para ir e eu ia, dava alguma coisa errada, por isso não ia não!

Eu e meus irmãos fomos criados do mesmo jeito, mas eu vejo que sou o mais protegido pela família, por ser o caçula. Agora que estou aqui, todo mundo me protege, todo mundo quer cuidar de mim.

Não tenho inveja dos meus irmãos, eles são exemplos bons para mim. Eu tenho um objetivo quando sair daqui: vou trabalhar com o meu irmão na oficina da Honda, ele já disse que arruma uma vaga pra mim. Não sei se quero fazer faculdade, é muito longa e tem que ficar dependendo de pai e mãe, isso eu não quero.

Eu tenho quase três mil reais guardados com um amigo, dinheiro que ganhei traficando. Minha mãe falou para eu nem mexer com isso, por ser um dinheiro sujo, que prejudicou a minha vida. Eu não quero mexer mesmo, acho que não vou nem correr atrás, mas por outro lado, vai ser muito ruim ficar sem dinheiro nenhum!

Rompi com a vida que levava, que tinha, não sei mais o que aconteceu com os amigos que cresceram comigo e que, junto comigo, começaram a usar drogas e traficar. Tive um amigo, muito próximo, quase irmão pra mim, nós fazíamos tudo junto. A mãe dele é da mesma igreja da minha família, mas ela não gostava de nos ver junto, achava que era influência negativa. Era uma situação bastante bizarra: ela via a gente andando junto e não gostava e, por outro lado, minha mãe também não gostava que eu andasse com ele, mas as duas viviam conversando, eram amigas! Ele não foi preso, não que eu saiba, minha mãe disse a ela que eu estava internado, mas não especificou onde, achou melhor ela ficar pensando outra coisa.

Quando a gente tá aqui pensa que nunca mais vai fazer nada de errado, mas eu não sei. Minha cabeça mudou bastante, acho que sou outra pessoa, mas já vi gente falando que ia melhorara lá fora e voltou para cá depois de dois, três dias. Então, acho que é mais força de vontade, de querer mudar, se você não quiser mudar, você não muda. É como usar droga, se eu quiser continuar usando eu uso, mas se eu falo que não quero mais é ponto final, não tem volta. Eu sei que eu consigo ficar sem fazer essas coisas se eu quiser. Lá fora eu cheguei a ficar cinco meses sem usar nada, por isso que acredito que vale a força de vontade de cada um para mudar sua vida lá fora.

Às vezes, ia alguém comprar droga que conhecia, então dava conselho, mandava parar, falava: “mano, por que você tá nessa vida, tá usando droga pô, você é bobo?”. Fazia isso com todo

mundo que conhecia, mas esquecia de mim. Minha mãe fala: “é... você queria ajudar o próximo, mas ajudar você, você não ajudava!”.

Agora eu preciso é me ajudar, correr atrás do meu futuro. Terminar meus estudos, porque sem escola hoje em dia não se é nada, trabalhar com meu irmão, juntar o meu dinheiro. Mas, eu sei que tudo isso são planos que podem mudar de uma hora pra outra.

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Na terceira entrevista, já estava me acostumando e a tensão tinha diminuído muito. Nesta vez, conheci o Alan. A entrevista foi muito tranquila, ele é um menino super espontâneo que gosta de conversar, falar sobre tudo. É visto pelos outros meninos da casa como "boy", gíria destinada para aquele considerado rico entre os demais. Quando comparado aos outros internos, sua condição de vida é um pouco melhor e isso fica muito explícito, não só na sua história, que tem uma relação com o crime diferente dos outros meninos, mas na sua postura, no seu jeito e nos seus hábitos.

Sua família tem uma condição financeira estável e ele mantém uma boa relação com todos, principalmente com seu pai. É formada por pai, mãe e irmãos, coisa rara de ver com as famílias dos outros internos.

Acredito que seu envolvimento com drogas e tráficos não é uma necessidade material, mas moral, de não depender financeiramente dos pais, de não ter que ficar pedindo dinheiro para fazer aquilo que gosta o tempo todo.

Uma coisa que me chamou atenção foi sua vida dupla, a facilidade com que ele transitava entre dois mundos, aparentemente distantes. Sua namorada, religiosa, de tanto tempo, desconhecia essa outra vida que ele levava, assim como todos de sua família. Vender drogas era um meio de ganhar dinheiro mais fácil, sem precisar se sujeitar ao controle dos pais.

VITOR

“Não acho que merecia estar aqui, não me vejo como um criminoso, só alguém que estava no lugar errado, na hora errada.”

Eu sou o Vitor, tenho dezessete anos, tenho muita dificuldade de falar de mim, procuro falar sempre a verdade, mas é difícil.

Vou começar pelo que é mais importante para mim nesse momento: minha família. Tenho dois irmãos, um mais velho com 21 anos, e um mais novo, com 16 anos. Nós brigamos de vez em quando, mas não esquecemos que um tem que cuidar do outro. Minha mãe tem 57 anos, é uma batalhadora, eu gosto muito dela, ela é brincalhona ao mesmo tempo engraçada. Hoje moramos só nós quatro, meu pai há uns três anos não mora mais com a gente.

Nasci e cresci aqui em Campinas mesmo, morei apenas em dois bairros, mas bem distintos, que fizeram toda a diferença na minha vida. Na minha infância, morava em uma casa boa, bem localizada aqui na cidade. Era um terreno grande, que cabia a minha casa, a da minha vó e a do meu tio. Considero que minha vida era bem tranquila nessa época, brincava na rua também, era um lugar tranquilo para crescer, tinha bastante amizade no bairro, jogava bola, jogava basquete, jogava vôlei, um monte de brincadeira. Todo mundo gostava de mim, tenho contatos até hoje, amigos do peito. A maioria da minha vida eu vivi lá, e sinto muita saudade.

Na escola não era um mau aluno, minhas notas eram boas e eu não tinha problemas com ninguém, nenhum professor ou diretor. Gostava de ir pra escola que estudei da quinta a oitava, porque estudava junto com o meu irmão - as escolas dessa época eram boas, só lugar bacana. Eu era mais estudioso, prestava mais atenção nas aulas, tinha mais interesse. Não que eu não tenha hoje, mas eu tinha mais.

Mas quando eu tinha quinze pra dezesseis anos nós tivemos que mudar, como o terreno era muito grande não conseguíamos pagar mais o IPTU, estava tudo atrasado, então vendemos o terreno para pagar as contas.

Com o restante do dinheiro minha família conseguiu comprar outra casa em uma favela aqui de Campinas. Foi uma mudança muito estranha, nós nunca tínhamos entrado em uma favela e convivido com coisas como tráfico de drogas, etc. Eu procurava não manter contato, mas passei a ver as coisas acontecerem.

Até essa época minha mãe não trabalhava, só meu pai. Quando mudamos, meu pai já não ajudava mais em casa, e ela com meu irmão mais velho passaram a trabalhar. No começo ela fazia faxina, hoje já trabalha registrada em outro lugar. Nós nunca chegamos a passar fome, mas muita dificuldade. Minha vida foi sempre restrita, não tínhamos regalias.

Minha mãe me matriculou em uma escola do bairro, mas eu passei a me desinteressar e parei de estudar, estava na oitava série. Comecei a enjoar de ir para a escola, e a me interessar por outras coisas, passei a ter outras amizades. Acho que foi isso que mais me influenciou, além de eu ter muita dificuldade para entender as coisas na escola, eu me perdia muito durante as aulas, acho que sou burro, sei lá!

A escola pra mim sempre foi um lugar para aprender, mas como eu sempre tive muita dificuldade, não tinha mais vontade de estudar, além do mais, meus interesses passaram a ser outros. Minhas novas amizades me levaram para outro caminho, diferente daquela vida que eu tinha até mudar para a favela.

Passei a usar drogas – usava maconha, as outras mais pesadas só de vez em quando. Conheci os traficantes, não andava com ele, nunca cheguei a ser preso como eles, ou fazer as mesmas coisas que eles faziam, mas conhecia todos.

Na verdade, o contato com as drogas começou dentro da minha casa. Meu pai é usuário e dependente do crack. Desde antes de morarmos na favela ele já usava drogas, lembro-me de ver ele drogado desde quando eu tinha treze anos. Ele usava e sumia uns dois, três dias. Minha mãe ficava muito brava e muito preocupada também, eu era muito criança ainda e só chorava, gostava muito dele, mas sei que ele se deixou se levar pelas drogas.

Faz três anos que não o vejo, ele foi preso uma vez e acabou sumindo de casa, perdemos totalmente o contato. Alguns parentes disseram que viram ele no centro da cidade, como mendigo. Esse problema do meu pai foi a única coisa que não mudou quando fomos morar na favela, é um problema que permaneceu igual.

Morar na favela foi um divisor de águas para mim, porque passei a ter contato com um monte de coisa que nem conhecia, principalmente com o crime. Não acho que virei traficante ou ladrão, mas andava com quem fazia isso e acabei me envolvendo com essa vida.

Tenho muita vergonha de assumir isso, mas eu já roubei junto com outros meninos lá do bairro. Assaltei duas vezes e também já desmanchei carro e moto roubados. Foi num desses desmanches que fui parar pela primeira vez na delegacia, mas não sofri nada, logo fui liberado.

Minha mãe que foi me buscar, ela não sabia o que eu fazia, nem imaginava que eu fumava maconha, ficou muito brava comigo na hora, mas ficou só nisso. Meus irmãos sabiam de tudo, mas nunca se envolveram.

Depois dessa vez percebi que a vida que eu estava entrando não me levaria para lugar nenhum, vi que roubar o que é dos outros não daria certo nunca. Tinha dezessete anos e resolvi mudar de vida. Comecei a trabalhar numa escola de informática no meu antigo bairro. Ganhava 700 reais e dava 150 reais para minha mãe.

Quando estava envolvido com o crime ganhava mais, mas esse é um dinheiro que você não vê, você só gasta, gasta. Quanto mais você tem mais você gasta. Eu comprava roupa pra mim, ajudava um pouco em casa, ia para balada, só essas coisas.

Mesmo quando comecei a trabalhar não quis voltar para a escola, já estava muito afastado e não tinha mais vontade nenhuma de estudar. Minha mãe não insistia, ela me matriculou em outras escolas, que eu ia muito pouco, por falta de interesse e por falta de dinheiro para andar de ônibus. Fui mudando de escola até chegar ao primeiro colegial.

Fui levando a vida assim, até que um dia de manhã sai com alguns amigos para fumar maconha, eles me contaram que os traficantes tinham pegado um morador da favela, de 37 anos, que estuprou uma menina também moradora, de 13 anos. Quando isso acontece, a lei que vale é a da favela, porque a justiça normal falha muito, eles não punem como se merece. Nós chamamos de “Jack”, e ele vira um “frango” pra ser morto.

O homem foi preso pelos traficantes para ser espancado até a morte. Como todos os moradores da favela podem ir lá ajudar a bater no estuprador, eu fui com esses amigos meus bater nele também. Nossa, tenho muita vergonha de contar isso, é muito difícil pra mim! Quando chegamos ficamos só olhando, o homem não estava morto, eu nem cheguei a bater nele, mas acabei dando bobeira e a polícia chegou e prendeu todo mundo, inclusive eu. Por isso estou aqui hoje!

Fui preso por estar junto na hora que a polícia chegou, como já tinha a outra passagem por causa do desmanche do carro, não consegui ser liberado. Fiquei 55 dias na Unidade Casa Amazônia, e recebi sentença de internação.

Parando para pensar, foi muito radical o que fizeram comigo, porque eu fui lá só para tomar conhecimento, queria bater, mas nem cheguei a fazer isso - porque dá muita raiva, o cara tava estuprando, e olha que nem era minha parente! Quando nós já estávamos algemados ela apareceu lá para pedir que não nos levassem preso.

Estou aqui desde novembro de 2011, faz cinco meses. Quando cheguei para a internação, o que mais senti foi preocupação com a minha família, porque a gente fica muito tempo sem ver ninguém, é só uma vez por semana, você pensa em várias coisas, tipo o que será que tá acontecendo? Sei lá está tudo bem, essas coisas.

Minha mãe não consegue vir sempre me visitar, porque ela trabalha no dia da visita, vêm mais meus irmãos, principalmente o mais velho. Mas eu não gosto muito de receber visita. Acho que quem fez a besteira fui eu, então minha família não tem que ficar pagando por isso também.

O que aconteceu comigo foi um desacerto, um jeito de eu acordar para a vida, porque eu só queria fazer bagunça, não estudava e estava envolvido com droga. Não acho que merecia estar aqui, não me vejo como um criminoso, só alguém que estava no lugar errado na hora errada.

Aqui dentro eu mudei muito, penso de outro jeito agora. Eu cai nesse lugar para o meu bem, porque aqui eu tive uma coisa que nunca encontrei lá fora: orientação. Aqui nós temos incentivo para tomar um rumo. Não que eu ache que estar internado seja uma coisa boa, no começo eu só queria ir embora, mas esse tipo de influência fez diferença para mim.

Eu não gosto de estar preso, a rotina não é pesada, mas cansativa, todo dia é a mesma coisa, acorda, escova os dentes, toma o café, desce, vai pra escola, depois da escola almoça, aí vem os cursos profissionalizantes, vai pra janta, e dorme. A melhor parte do meu dia é a hora de dormir, eu esqueço um pouco que estou internado.

Estar internado é depender dos outros, tudo que você vai fazer tem que pedir autorização, alguém tem que estar sabendo. Lá fora não tem ninguém que te agride desse jeito. Porque, lá fora pelo menos, se você fizer alguma coisa, por exemplo, como eu posso dizer? Brigar com alguém,

ninguém vai te cobrar pelo que fez, se você tiver certo. Aqui estando certo você tá errado, saiu da linha, independente do que aconteça você tá errado.

Pelo menos eu voltei a pegar firme nos estudos, até porque não tem outro jeito, você tem que ir para a escola, se você não quiser, se tiver doente, alguma coisa assim, se você não quiser descer, eles tipo te obrigam a estudar.

A escola em si é igualzinha a de fora, só muda que a gente está preso. Não tem diferenças, o estilo é a mesma coisa, o que diferencia é que aqui você não tem opção, eu tenho que estudar. Mas isso por um lado foi bom, porque eu voltei a ganhar experiências. Eu tinha perdido o interesse, e aqui estão me ajudando.

Hoje eu curso o primeiro colegial, vou passar de ano, porque não vou ter falta e minhas notas não são ruins. Além da escola, nós fazemos alguns cursos profissionalizantes. Por isso que eu falo que aqui tem orientação, a gente faz muito curso e não fica parado. Eu fiz um de Pizzaiolo, tenho certificado já. Vou começar outro de eventos e quero fazer um curso que estão oferecendo fora daqui, não sei se vai dar certo. Sou eu que escolho os cursos que quero fazer, mas se não tiver o que eu quero,tenho que fazer o que tiver.

Tanto a escola como o profissionalizante são importantes para mim, mas se tiver que escolher onde estar eu fico no curso profissionalizante, porque é mais fácil de você arrumar trabalho, eu acho.

Quando sair daqui não quero mais parar de estudar, para ter uma profissão e ajudar minha família. Imagino uma vida melhor a partir de agora, tenho mais experiência e aqui me ajudaram muito a ter orientação.

Por mim eu até procurava o meu pai, eu tenho saudade dele, gostaria que ele viesse me ver. Mas não sei pela minha mãe, ela tem muito medo que ele me arraste pro mesmo caminho dele. Quando ele não usava droga ele era legal pra caramba, nós nos dávamos muito bem. Mas ai quando ele usava ficava meio diferente.

Meus amigos eu coloco em último lugar hoje, eles são importantes, mas minha família é mais. Eu acabei perdendo o contato com todos que andava ultimamente, sei de um que tem quatorze anos e também foi preso por tentar assaltar um shopping, está em outra unidade. Não tenho saudade dessa época da minha vida, por isso foi fácil me desvincular.

Isso tudo que aconteceu comigo me fez mudar um pouco, eu acho que pra melhor. Nessa idade que eu estou, eu tenho que procurar um trabalho, procurar algum curso para fazer, e não dá mais trabalho a ninguém.

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

A próxima entrevista veio e eu conheci o Vitor. Comparado com os outros meninos, ele foi o que menos falou. Ele estava muito envergonhado, não só pela situação de dar uma entrevista, falar da sua vida, mas, principalmente, do que ele havia feito. Sua revolta não era com o mundo, as pessoas que o prenderam, mas com ele mesmo, não se conformava de estar ali, de ter ido parar ali.

DANILO

“Não tinha outra saída, se fiz o que fiz, foi pensando em ter uma vida melhor.”

Meu nome é Danilo, tenho 15 anos, sou morador da cidade de Campinas desde que nasci, no mesmo lugar. Na minha casa moram eu, minha vó e minha mãe, a pessoa mais importante para mim! Se eu estou aqui foi por ela, assim como a vontade que eu tenho de sair daqui para nunca mais voltar é por ela também.

Sempre quis poder ajudar minha mãe, ela é muito boa pra mim e sempre teve que sustentar tudo sozinha porque meu pai morreu infartado, eu era pequeno ainda, tinha seis anos e não lembro muito bem. O meu problema é que fui tentar ajudar ela do jeito errado!

Levava uma vida normal, como a de qualquer criança, mesmo depois da morte do meu pai. Brincava na rua, tinha amigos, ia para a escola, gostava de ir para a escola, me interessava pelas coisas, tentava fazer o melhor que eu podia. Também participava de cursos oferecidos na comunidade, como capoeira, eu ficava lá porque não tinha quem cuidasse de mim nesse horário.

Até que fui crescendo, ficando mais velho e me interessando por outras coisas. Passei a matar aula, não queria mais saber de ir para escola, só queria ficar andando atrás dos moleques que conheci, passei a aprontar dentro da escola também, um dia uma professora até me bateu, e depois de um tempo nisso, com uns doze anos eu fui expulso da escola.

Quando isso aconteceu parei de estudar, conheci outro jeito de poder ajudar minha mãe que naquele momento me pareceu bem mais fácil. Virei homem dentro da comunidade e passei a vender drogas e depois a roubar. Fazia isso porque acreditava que assim eu estava ajudando minha mãe, aliviando o peso de me sustentar.

Com essas coisas ganhei muito dinheiro, dava para tirar Mil reais por mês. Fazia questão de dar um pouco para a minha mãe, que sabia o que eu fazia, não concordava, mas a necessidade sempre fala mais alto. Além disso, como tinha um pouco para mim ela não tinha mais que comprar as coisas que eu queria, eu podia comprar sozinho. Fiquei encantado com tudo isso, comecei a ir no embalo e a buscar luxo onde não tinha, gastava com roupa e tênis de marca, celular, essas coisas.

Foi assim até me pegarem a primeira vez, tinha 14 anos! Um policial disfarçado veio comprar drogas comigo e eu não percebi. Ele me pediu um acerto para não me levar, mas eu estava tranquilo, sabia que era réu primário, menor de idade e não ia ficar muito tempo preso, então nem pensei em gastar meu dinheiro com o policial.

Fui levado para a unidade de internação provisória e fiquei lá por um mês, foi tranquilo. Claro que nunca é bom estar preso, mas foi melhor do que eu imaginava. Ai fiquei nove meses assinando LA, tudo certinho. Quando eu sai pela primeira vez sabia que o risco agora era maior, mas o que eu podia fazer, quando a necessidade fala mais alto a gente não tem outra opção.

Eu passei a roubar residência, que dá mais dinheiro do que vender droga. Tudo continuou igual, dava dinheiro para minha mãe e ficava com uma parte. Ela não concordava com o modo como eu estava ganhando dinheiro, mas o que podia fazer? Quando a gente não tem de onde tirar, qualquer coisa que aparece a gente tem que aceitar, e era o que ela fazia.

Minha irmã pensava igual minha mãe. As duas nunca se envolveram com nada de errado, muito menos a minha vó. Só eu mesmo que quis tentar ser esperto e ganhar dinheiro fácil.

Fazia umas vendas de droga, mas o roubo era mais interessante, passei a roubar só residência de luxo aqui da cidade. Ai no mês de agosto do ano passado, fui roubar no Alto Taquaral e fui preso de novo.

Dessa vez me pegaram porque os vizinhos perceberam a movimentação diferente na casa e chamaram a polícia. Nós trancamos o portão, mas eles pularam o muro e só percebemos quando eles também já estavam dentro de casa. Tentei correr, mas bati na cerca elétrica da casa e não consegui levantar mais.

Dessa vez não teve mais jeito, passei uma semana na provisória e vim direto pra cá, faz nove meses já! Os policiais bateram muito na gente, foi bem mais complicado que a primeira vez.

Quando cheguei aqui estava tranquilo, no começo não é tão ruim. Porque você não sabe tudo o que vai acontecer, ainda é tudo novidade, então até que o tempo passa rápido. Mas depois de um seis meses, você já sabe tudo que vai acontecer todos os dias, ai vai começando a pesar um pouco mais!

Aqui a gente acorda de manhã, cinco e meia, seis horas, toma banho, escova os dentes e desce para toma o café da manhã, vem para as salas de aula, fica até meio dia e vinte, depois vai para o almoço, assiste um pouco de televisão, ai cada um segue a rotina dos cursos profissionalizantes à tarde. Depois do curso, cinco horas tem a janta, tem algumas oficinas a noite, bem menos que a tarde e depois umas nove horas a gente sobe para o quarto, é servido o café da noite e finalmente vamos dormir.

Isso de saber tudo o que vai acontecer todo dia é o que mata a gente aqui dentro, acaba todo seu ânimo, sua paciência, sua vontade de fazer as coisas! É ruim, sabe tudo o que vai acontecer e ficar esperando para ir embora. O pior é que acho que eu não vou embora tão cedo, acho que vou ficar mais uns quatro meses aqui!

Quando você chega, depois que você tem três meses de casa sobe o relatório de acompanhamento, ai teoricamente com seis meses é feito outro, teoricamente porque o meu segundo foi enviado com oito meses. Às vezes você pode ser liberado já com esse segundo relatório, nem sempre isso acontece, mas já pode ser o de conclusão, para ver se o juiz vai liberar ou vai continuar a medida. Se não for com esse segundo relatório, tem um terceiro, feito com um ano que você está aqui, é esse que estou esperando ser feito para conquistar minha liberdade novamente.

Aqui dentro me sinto muito sozinho, muito culpado de ter deixado minha mãe e minha avó sozinhas lá também. Não dá para ter amigos internado, eu converso com todo mundo, porque é bom também você não criar inimizades com ninguém, mas sei também que é melhor não confiar nas pessoas.

Com tudo isso, o que sobra de bom é a escola, que é bem melhor do que a de lá de fora. Aqui o ensino é melhor, lá os professores não se importam com a gente, muitos falavam: "Venho aqui eu to ganhando, se você quer aprender eu to ganhando, se não quiser eu to ganhando do mesmo jeito." Aqui os nosso professor já são mais dedicados que esse daí, sabem que muitos de nós não tivemos opção, por isso entramos no crime, eles entendem isso e nos ajudam, é bem melhor assim, eles sabem entender mais a gente, talvez seja pelo fato de a gente estar privado de liberdade, mas eles entendem mais, tentam explicar melhor.

Eu prefiro a escola aos cursos profissionalizantes. O curso te faz aprender uma coisa para, de repente, você aperfeiçoar e exercer uma profissão na sua vida, tanto que são cursos de ajudante, padeiro, entre outros, é sempre alguma coisa para ter um diploma. Mas na escola não, na escola cada dia você vai aprendendo coisas diferentes, nem tão ligadas a profissão, mas que são interessantes porque aprofunda seu conhecimento sobre o mundo.

Além dos professores nos darem mais atenção, os alunos também são mais interessados, tem mais respeito com os professores, porque todo mundo sabe que eles estão aqui para ajudar a gente. Lá fora a gente sabe que não é assim, a maioria vai para a escola porque é obrigado e não faz nada, e aqui eu não vejo a escola como uma obrigação, mas como uma distração. A escola distrai a mente, além de nos trazer conhecimento, porque estamos aprendendo cada vez mais.

Escola para mim é um meio para adquirir conhecimento, para estar conseguindo progredir na vida e no ensino também, conseguir ir para o ensino superior que é a faculdade, a gente pode ter até uma profissão, podemos exercer uma profissão aí na sociedade, fazer alguma coisa de bom, que seja certa, tudo isso só a escola que possibilita.

Quando eu parei de estudar, não imaginava que fosse ser assim, eu gostava do que era escola, do ensino, mas eu não tinha muito envolvimento, eu ia por ir. Eu tentava fazer o meu melhor, mas não conseguia e ninguém entendia, porque eu tento ser o melhor em tudo que eu faço, mas como não estava dando certo, estava me desempenhando e não estava conseguindo, eu desisti, não tinha uma visão desse ponto de vista, que a escola era uma coisa boa para o futuro.

Quando parei de estudar eu estava só aprontando na escola já, na verdade eu fui expulso da onde eu estudava e decidi não voltar mais. Eu quebrava o portão da escola, desrespeitava as pessoas, na verdade, comecei a entrar numa ilusão, querer ser... sei lá, não sei nem te dizer porque, coisa de criança acho. Mas agora eu posso entender que não me deu nada de bom, agora eu quero mudar... Depois que parei, tentei voltar, comecei a perceber ainda lá fora a importância da escola para o futuro, mas não dava aquele ânimo, só agora eu vejo as coisas que tenho que fazer.

Eu vejo que os jovens de hoje em dia estão muito iludido, com tecnologia, esses negócio. Ninguém pensa muito bem no futuro, só quer ficar se preocupando com site de relacionamento, essas coisas virtuais ou festas, baladas, etc.

Eu, particularmente, não gosto mais de tudo isso aí e com os incentivos todos que eu estou recebendo por parte dos professores, pretendo sair da vida que eu entrei. Quando sair daqui quero arrumar um emprego, arrumar um serviço que eu possa continuar meus estudos. Passei de ano aqui, fiquei bastante emocionado, porque era uma coisa que eu achava que não podia fazer, que nunca iria conseguir.

Depois de todo esse tempo preso e das coisas que aprendi aqui, eu tracei uma meta para minha vida: terminar meus estudos, arrumar um serviço, que sem estudo a gente não tem muita possibilidade de conseguir alguma coisa boa fora do crime, por isso que eu quero estudar, ajudar minha mãe de outra forma, não da forma como eu estava fazendo.

Não quero mais ficar longe da minha mãe, já fiz ela sofrer demais e ela não merece. Quando fui preso pela segunda vez ela ficou muito decepcionada, triste, ela falou que me avisava, que aquilo não era bom, a gente tinha pouco, mas tinha o que era de comer, não passava necessidade. Eu sabia de tudo isso, mas o ser humano quanto mais ele tem, mais ele quer.

A relação com a minha mãe é muito boa, por ela que eu vejo que vale a pena sair dessa vida senhora. Se eu não tivesse ninguém, por mim tanto faz, ir e voltar, ir e voltar, mas pela minha mãe não dá, minha mãe já é de idade, eu quero mostrar pra ela que eu não sou o que todo mundo diz que eu sou: um marginal. Muitas pessoas dizem isso a ela, pessoas que não ligam para o que eu sinto. De qualquer forma, independente do que eu fiz ou deixei de fazer, nunca desfiz de ninguém. Todo mundo discrimina, é fácil fazer isso, mas às vezes, se for ver bem, dentro da própria família tem pessoas que fazem a mesma coisa, sem dá satisfação nenhuma.

Hoje, acho que não preciso mais fazer isso, minha mãe está em um emprego melhor, que paga mais que o outro, além disso, minha irmã casou e saiu de casa, ficou só minha mãe e minha vó, o que já diminui os gastos.

Agora as coisas estão mais tranquilas em casa, minha vó é aposentada, minha mãe ganhando um bom salário consegue sustentar a casa e tudo começa a melhorar, mas antes era meio apertado. Na época que eu precisei roubar era outra coisa, minha irmã teve filho com 19 anos, ele era pequeno e ficava com a minha mãe, que ganhava pouco, que tinha que sustentar minha irmã também e minha vó estava sem aposentadoria. Não tinha outra saída, se fiz o que fiz foi pensando em ter uma vida melhor.

Agora é manter tudo isso na cabeça e esperar a liberdade chegar, tem que ter paciência e manter a mente sã, que aqui dentro é foda!

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Depois, entrevistei o Danilo. Sua história me perturbou muito, porque seu envolvimento com tráfico de drogas foi pela falta de recursos para ajudar sua mãe: ou ele arrumava dinheiro rápido e fácil, ou passavam fome; ou ajudava sua mãe, ou a via se matando para pagar as contas e sustentar todo mundo da família: irmã, sobrinho e vó.

Sem a presença do pai, Danilo se sentiu na obrigação de ajudar sua mãe de alguma maneira, mas com pouca idade e estudo, o que lhe restaria? Seu valor no mercado de trabalho é muito baixo, não adiantaria arrumar emprego, por isso traficar lhe pareceu uma boa saída.

Não acredito que ele tenha ganhado muito dinheiro traficando, mas a quantia que ganhou vendendo drogas e roubando é consideravelmente maior do que a que ganharia trabalhando, por isso o envolvimento com a criminalidade lhe pareceu uma boa solução. E ele acreditou seriamente que poderia levar a vida assim.

PAULO

“Na verdade, nem eu mesmo sei por que fui internado, nunca achei que isso fosse acontecer comigo.”

Meu nome é Paulo, eu sou uma pessoa tranquila, tenho 18 anos, moro em Sumaré, não gosto de brigas, nada dessas coisas, gosto de ficar estudando, é isso que eu gosto de fazer. Moro na região de Campinas desde que eu nasci, mudei bastante de casa, mas sempre por aqui.

Meus pais são separados, eles refizeram as vidas deles com outras pessoas, hoje moro com a minha mãe, meus dois irmãos e o namorado dela. Meu pai também mora com outra mulher, que eu não gosto muito e mais uma filha.

Não tenho muita intimidade com ele, gosto dos meus tios, dos meus avós, mas com o meu pai convivi muito pouco, não temos nenhuma intimidade. Desde que eu tinha dois anos ele se separou da minha mãe, eu ia lá ficar com ele, mas acabava ficando mais na casa da minha vó, porque nunca gostei da mulher dele, nem dormia lá. Desse jeito cresci mais apegado com o meu avô, pai do meu pai, ele que está comigo desde pequeno.

Meu irmão que também é filho dele, não vai nem na casa dele, nem na casa da minha vó nada, eu que vou mais lá! Somos mais apegados com a minha mãe, com ela e com meus avós, pais delas. Mais com os familiares maternos, ao do lado do meu pai, que é só com os meus avós e com a minha madrinha.

Até depois que eu cresci, que estudava já, saía da escola a tarde, ligava para o meu tio e ele ia me buscar para passar o final de semana com eles, aí eu ficava lá na casa da minha tia com os meus tios, saía mais com os meus tios, mas com o meu pai eu nunca fiz essas coisas, já sai com ele, viajamos para a praia, no final do ano todo, natal e ano novo, mas não é a mesma coisa, não somos próximos.

Também não sou ligado com a minha irmã, filha dele. Só com os meus irmãos, filhos da minha mãe também, mais com o meu outro, o menor. Minha mãe até parou de trabalhar no segundo emprego dela, para ficar mais com os meus irmãos depois que eu fui preso.

Minha trajetória escolar tem a ver mais com a minha vida, me ajuda a contar melhor a minha história. Sempre fui para a escola, desde bebê. Obviamente, lembro pouco dessa fase, era muito pequeno e não queria ir à escola, chorava e fazia muita bagunça. É o tempo que eu mais lembro da minha infância, eu só bagunçava, mas gostava. Ficava bagunçando, mexendo nas mochilas dos outros, minha mãe direto tava lá na escola!

Brincava com os meus primos também, tenho bastante primos e dois irmãos, todos mais novos que eu, além de uma menina só por parte de pai, que eu não tenho muito contato. Tinha muitos amigos, mas com quem eu mais brincava era mais com os meus primos e com meus irmãos pequenos.

Fui crescendo, mudei várias vezes de bairro e por isso de escola também, acho que já estudei em umas cinco escolas! Quando passei para o fundamental já estava mais habituado em ir para a escola, mas mesmo assim continuava aprontando bastante, dava muito trabalho para a minha mãe e para os professores, até a oitava série eu adorava fazer bagunça. Isso não significa que fui um mau aluno, não tinha notas baixas, meu problema era mesmo de comportamento.

Minha mãe sempre era convocada porque eu aprontava muito! Coloquei cat-chup na carteira da professora, joguei uma carteira do último andar da escola, chegou até a polícia lá pra mim!

Não é que eu ia só pra fazer uma coisa, eu ia pra escola e bagunçava, mas tinha hora que eu estava bagunçando e hora eu já estava prestando mais atenção na aula. Era tudo junto. Eu estava fazendo bagunça, conversando, ai daqui a pouco, quando eu via que o negócio era sério, que parecia ser importante, dava uma parada.

Na quinta-série, tinha um grupo de amigos, éramos três. Nós matávamos aula de vez em quando, nessa fase eu estava cada vez mais desinteressado em estudar. Eu estudava de manhã, tinha que acordar muito cedo, e acabava ficando com preguiça de ir para a escola.

Lá pela sexta e sétima série, minha mãe trabalhava de manhãzinha bem cedo e a escola que eu estudava era o quê? Dava uns três minutos da minha casa, eu morava bem em frente. Então minha mãe me chamava para a escola antes dela sair para o trabalho, e eu fingia que ia. Tomava banho, esperava ela sair - era umas seis e meia, seis e quarenta - ai voltava dormir de novo. Ou se

não, quando eu realmente me trocava, pegava minha mochila e descia, ficava só na frente da escola, depois voltava para casa para dormir.

Fui levando a vida desse jeito até a oitava série, quando repeti por falta. A primeira vez que cursei a oitava estava desinteressado, era muito cedo e eu ficava muito cansado. Já a segunda vez que passei pela série, estava diferente. Nesse ano que eu repeti, que ia iniciar novamente a oitava, um primo meu me indicou um curso profissionalizante em um colégio particular daqui de Campinas. É um curso na área de mecânica e como ele trabalhava com isso, sabia o que eu tinha que fazer e me orientou.

Ele que me ajudou em tudo para começar o curso, levou o papel da inscrição, preencheu pra mim, me ajudou muito, ele falou: “Não Paulo, vai lá, faz esse curso aqui oh, são dois anos o curso, você vai gostar e vai arrumar um bom emprego!”, então eu fui.

Para entrar eram várias etapas, acho que foi mais ou menos umas cinco etapas: prova, entrevistas com a minha família, entrega de documentação, etc. Ai depois, no começo do ano, me chamaram. Minha mãe foi lá buscar a resposta se eu tinha passado ou não, eu cheguei em casa e nem lembrava que tinha saído o resultado. Ela chegou com um papelzão e falou pra mim: “Paulo você não passou no curso lá.” Nossa! Eu fiquei meio sem chão, porque eu queria fazer o curso, ai ela na hora que me viu assim disse “Calma! É mentira, você passou, olha aqui!” Ai mostrou o papel que eu tinha passado, foi o melhor momento da minha vida.

Em 2009 eu comecei e acabei no final de 2010. Enquanto fazia o curso me recuperei na escola, fui crescendo e acho que amadurecendo. Não fazia mais brincadeiras com os professores, não aprontava mais nada. O curso profissionalizante foi muito importante para mim, eu não queria perder jamais e também passei a ter outra visão da escola. Passou a ser um lugar de aprendizagem, para adquirir conhecimento.

Minha rotina ficou bem carregada, eu estudava de manhã, da sete ao meio dia e vinte, na escola pública e a tarde fazia o curso de Mecânica Industrial até às cinco da tarde. Na hora da saída da manhã, minha mãe trazia a outra mochila pra mim, eram duas mochilas, porque tinham muitas apostilas para o outro curso. Eu só conseguia trocar de mochila com a minha mãe, ela trazia também um lanche, porque não dava nem tempo de almoçar, o ônibus passava na frente da escola

exatamente na hora que eu saía. Saía de casa às sete da manhã e chegava só às seis horas da tarde.

Fiz o curso todo, passei dois anos da minha vida nessa correria, de segunda a sexta. No primeiro ano eu pensei em desistir, quando tava com uns quatro ou cinco meses eu falei: “Ah, eu não vou mais não!” Ai foi passando, foi passando, os amigos meus de lá, que eu tenho bastante, falava: “Não Paulo, não desiste não, fica ai e tal.” Ai eu consegui.

Foram dois anos de muito aprendizado, não podia falhar em nenhuma das escolas. Como o curso profissionalizante era gratuito, por qualquer motivo eu poderia perder a vaga, não podia tirar menos que sete nas provas e não podia ir mal na escola regular, porque eles comparavam meu rendimento.

Com isso, muitas vezes eu não tinha nem final de semana, porque tinha que estudar muito para as provas do curso. Tinha que ficar estudando, lendo livros. Só de apostila eu tinha umas nove. Além das noites que eu não via, chegava em casa tão cansado que só conseguia jantar e ir dormir. Nessa época minha mãe fazia curso de enfermagem a noite, então nós nem nos víamos, ela só deixava a janta pronta para mim.

Eu gostava muito do curso, não faltava nunca, nem quando estava doente, porque não queria perder. Gostava das amizades e das coisas que eu fazia lá, fiz um trenzinho pro meu pai, fiz várias peças. Foram dois anos de curso, mas não foi só teoria, era teórica e prática juntas, a gente aprendia na prática, por isso era tão legal.

Além disso, tinha outro tratamento, eu encarava as escolas que estudava de maneira diferente. Sabia que jamais poderia aprontar qualquer coisa na escola particular, porque eu tinha mais a perder do que na escola pública. Foi a escola que eu mais gostei de estudar, onde fiz meus amigos de verdade!

Senti muita diferença entre as escolas que eu estudava, não só pelo espaço - porque a escola que eu fiz o curso era muito grande, com várias quadras e instalações perfeitas, que eu podia usufruir de tudo, mesmo sendo bolsista – mas também pela relação com os professores, no curso eles pareciam mais interessados em fazer a gente aprender, porque todo mundo tava lá com esse mesmo objetivo, então os professores eram mais motivados.

Um exemplo: meu professor de cálculo técnico passava uma lição, um exercício. Se não aprendesse ele falava: “Não, quem não aprendeu pode vir aqui e falar comigo, que eu vou insistir até aprender, vai ter que aprender!” Ai ele já pegava no pé, e isso pra mim era muito bom, porque a gente se sente importante para o professor.

Agora na outra escola era muito difícil de isso acontecer, tive só uma que eu gostava bastante dela porque ela fazia desse jeito também, pegava no pé da gente pra aprendermos. Mas, a maioria dos professores não faziam desse jeito.

O curso me transformou em outra pessoa, com ele eu criei o hábito de estudar, de gostar de estudar, acho que me ajudou a crescer. Antes eu ia pra escola para matar aula, fazer bagunça, mas foi só começar que eu mudei, pensava muito no que eu ia fazer na escola, que matar aula e fazer bagunça não iam me levar a lugar nenhum!

Quando eu tinha 15 anos, já estava no primeiro colegial, terminei o curso. Foi um sucesso para mim, uma verdadeira conquista. Tinha promessa de empregos logo que sai, mas como era muito novo, não tinha 18 anos ainda, não consegui trabalhar e fiquei só estudando para terminar o colegial.

Depois do curso, muita coisa mudou na minha vida, eu estava mais maduro, minha maneira de me relacionar com as coisas eram outras. Não parei de estudar porque tinha terminado, pelo contrário, estava firme, não faltava, entendia aquilo como uma coisa importante para mim, que iria trazer benefícios para a minha vida.

Aqui dentro mesmo, na escola que estudamos, procuro me esforçar bastante, estou sempre envolvido com as atividades, sou até o representante de sala. Sou responsável por conferir todo o material antes de iniciar e quando acabam as aulas.

A escola da Fundação não me desanimou de estudar, pelo contrário, acho aqui é muito parecido com a escola de fora, só que com algumas melhorias. Aqui dentro não tem aluno desinteressado, que fica atrapalhando a aula, como tinha lá fora, como eu já fui um dia. Somos obrigados a vir para a escola, lá fora não, lá você vai se quiser, quem quer ir e aqui já é diferente, todos os dias temos que estar na escola, tem os duzentos dias letivos mesmo! Tem os duzentos e não tem enrolação!

Os professores falam que pegam mais no nosso pé, que preferem dar aulas aqui a lá fora, porque prestamos mais atenção e se a gente não consegue fazer, eles vêm e ensinam.

Fazer as coisas certas aqui dentro é um benefício pra nós mesmos. Quanto mais desobedecemos, mais demoramos em ir embora. Não me vejo mais fazendo as coisas que eu fazia quando era menor, aqui dentro principalmente!

Todos gostam de mim, pela minha postura, não arrumo confusão com ninguém e estou sempre disposto a ajudar. Tanto que fui selecionado entre todos os outros para ir assistir ao jogo do Santos no Estádio, na cidade de Santos. Fui junto com o time de futebol da Fundação, jogamos uma partida antes do jogo oficial e depois ficamos para assistir, foi muito bom, uma realização, porque sou Santista.

Quando o diretor veio me convidar ele me chamou na sala dele e me disse: “O que você aprontou?”, eu fiquei assustado, respondi: “Não aprontei nada!”. Ele então começou a rir, disse que era brincadeira, que na verdade estava me chamando porque todos tinham falado bem de mim, os seguranças inclusive, e eu tinha sido escolhido. Isso é importante porque fica registrado no relatório, quando sobe para o juiz já é um ponto positivo para a promotora ver.

Com os outros adolescentes é tranquilo também, dá para saber que quer sair dessa vida e quem não se importa muito com o que aconteça. Eu estou fazendo tudo certo para sair o mais rápido possível, mas vejo gente que bate de frente e acaba sendo prejudicado nesse sentido, fica mais tempo internado. A técnica vai te esquecendo, vai atrasando seus relatórios, o relatório é pra subir a cada três meses, se você não respeita, sobe com quatro a cinco meses.

Não estou dizendo que eu gosto de estar aqui, que é muito bom, mas sim que eu sei o que tenho que fazer para sair, não me interessa a vida que alguns jovens querem levar, eu vim parar aqui por um acidente e quero sair o mais rápido possível, por isso faço de tudo para manter um bom relacionamento com todos e atender as regras da casa. Eu acho que a única coisa que eu vou aproveitar daqui mesmo é a escola e os cursos que faço, os profissionalizantes.

Os cursos profissionalizantes bons, bons, não são muito! Porque duram só três meses, são 84 horas de curso. Bom mesmo não é, mas você vai fazendo e já da pra você ver o que você quer, se você quiser sair daqui e procurar um mais avançado, ai ficará mais fácil de escolher. Eu já fiz um

de faixas e cartazes, de pintura, de panificação, estou fazendo de Web Designer e agora vai começar outro de chocolateiro.

O que mais cansa aqui dentro na verdade é a rotina, todos os dias são iguais, é muito difícil de acostumar. Tem alguns meninos que chegaram agora, que não estão nem com um mês ainda de internação, ai nossa, ai é mais difícil ainda! O primeiro dia que eu cheguei aqui foi difícil, até você se acostumar com tudo, com a rotina de acordar seis horas da manhã. Nem tanto por acordar seis horas da manhã, porque eu acordava às seis horas da manhã, aqui nós acordamos bem cedo, às seis mesmo, tomamos banho, escovamos os dentes, descemos para o café, tomamos o café no refeitório, depois do refeitório vamos para a sala de aula, cada um segue para sua sala, pega os livros da sua sala, ai faz revista corporal pra ver se não tá com nenhum machucado no corpo nada. Fez a revista corporal, senta para esperar os kits com material. Sou eu que pego os kits, por ser o representante da sala. Entrego lá para cada um, confiro os cadernos, tudo, entrego para cada um.

Começa a aula, ficamos até meio dia e vinte, mas quando tem menos aulas, por exemplo, quando tem aula até umas dez e quarenta, podemos ir para a sala de televisão e ficamos assistindo durante a aula vaga toda. Mas no ensino médio, que é onde eu estou agora, tem aula até meio dia e vinte, nunca tem aula vaga! Meio dia e vinte eu recolho os kits, faço a contagem, dos cadernos também e entrego para o educacional, eles conferem também, só depois podemos ir almoçar. Para ir de um lugar pra outra é pelo número dos quartos, vai chamando e a gente vai indo.

Depois do almoço escovamos o dente e vamos para sala de TV, ficamos assistindo canais abertos, ou vendo um filme que o familiar pode trazer, tem DVD, CD de música, etc. Ficamos até uma e meia, quando os outros educacionais entram na casa. Eles vêm com as pastas e com os nomes dos cursos profissionalizantes, e vão chamando cada jovem para o seu curso, chama uns vinte pra aquele curso, chama outros vinte pra outro curso.

Temos curso até três e meia, fazemos um intervalo, com lanche e retornamos para outro curso, até às cinco da tarde. Então jantamos às seis. Assistimos mais televisão até às sete, que é quando começam as oficinas noturnas, quem escolheu curso a noite pode ir, ou ficamos vendo tevê até a hora de subir para os quartos dormir, às dez.

Eu faço de grafite e esporte, treino de vôlei, para poder ir para a externa. Tem curso de literatura, grafite, esporte, e em alguns dias culto religioso da igreja, as terças e quintas tem à noite,

e aos sábado às quatro horas da tarde. Eu vou aos cultos também, desde que estava solto, desde pequeno, falavam para minha mãe que meu mal era igreja, que eu era meio doido, fazia muita bagunça, não parava quieto, então nós sempre vamos!

Dentro dessa rotina toda, a única parte que tem boa aqui, eu acho que é a hora que vamos para os quartos, nove horas da noite e dormimos, é só uma parte, porque esquece um pouco o que está acontecendo, já dorme já! Já passou mais um dia já! Quando eu cheguei, bem no começo, sonhava que tinha ido embora, que não estava mais aqui, mas agora é engraçado eu não sonho mais com nada, não lembro nada!

É um dia depois do outro aqui, todos sempre com a mesma rotina! Só de final de semana que passa, às vezes, o dia inteiro lá na quadra, só em dias de visita também, que a casa está aberta, daí dá para distrair um pouco a mente, mas só.

Você deve estar se perguntando como eu vim parar aqui. Minha vida era muito ocupada, só estudar e trabalhar depois que terminei o curso, dava importância para isso e mais nada. Na verdade, nem mesmo eu sei direito porque fui internado, nunca achei que isso fosse acontecer comigo! As técnicas falam para mim: “menino, o que você está fazendo aqui?!”.

Antes de mudar pela última vez, eu morava no CDHU aqui de Campinas, conhecia muita gente por ali, quem fazia as coisas certas e também quem faziam as coisas erradas. Mas nunca andei com esses meninos, eram somente conhecidos do prédio.

Uma noite, alguns deles roubaram um carro. Um desses meninos sabia que eu já dirigia e me pediu para levar eles no lugar que estava o carro roubado, para buscá-lo. Eu fui sem problemas, os deixei lá e voltei, guardei o carro do menino na garagem, foi tudo tranquilo.

Mas, eles roubaram outro carro de novo, e me pediram para levá-los, para desmontar o carro. Quando cheguei lá fiquei vendo eles tirarem as rodas, a polícia chegou e prendeu todo mundo, inclusive eu!

Para mim não tinha problema levar eles para pegar o carro, pensei: “Ah, vou lá levar eles ali rapidinho...”. Mas a polícia não quis saber, nos levou preso pelo roubo do carro. Eu sabia que os meninos faziam coisas erradas, mas eu não ficava conversando muito, jamais fiquei o dia inteiro com eles, fazendo a mesma coisa que eles, isso não. Só cruzava dentro do condomínio, cumprimentava, uns estudavam na minha escola também.

Foi a única vez que a polícia me prendeu, nunca tinha passado por isso. Fui levado para a unidade provisória, esperando julgamento. Eu nem participei do roubo, estava descrito isso no processo, as vítimas não me reconheceram, falaram que eu não estava junto no assalto.

A promotora... sei lá porque ela me internou! Ela mesma falou que as vítimas declararam que eu não estava envolvido no roubo, só os outros dois, mesmo assim ela me internou... ela não sabe o mal que ela me fez, não entendo ainda porque ela fez isso comigo! A minha sorte foi que já tinha terminado o curso profissionalizante, que eu dava tanto valor, se não minha vida estava inteira estragada, tinha me prejudicado muito mais do que me prejudiquei!

Quando fui internado me senti muito culpado, me sinto até hoje assim, na verdade. Pensava muito na minha família, o que eles diriam, nas coisas que eu tinha para fazer, no que eu pretendia fazer, pensava em tudo, em tudo e não acreditava que isso tinha acontecido comigo! Uma atitude mudou tudo na minha vida...

Nunca tinha feito nada assim, só estudava mesmo. Estava com um emprego provisório num lava a jato no centro da cidade. O dono deixava até a chave comigo, na minha mão para eu abrir e fechar o estacionamento e o lava a jato. Você me imagina roubando alguém? Mas aí eu fui querer levar os moleques lá, acabei vindo preso!

Mesmo quando os policiais me levaram, eu não imaginava que eu fosse ser internado, mas eles rapidinho internaram. Passei 55 dias na UIP 5, Casa Amazônia, que é bem pior do que aqui. Estava desesperado já, achava que ia emburrecer, porque a escola é muito diferente, com algumas lições básicas de ensino fundamental, é uma hora e meia só de escola por dia.

Fui preso dia dois de agosto do ano passado, não sei mais. No dia quatro, fui à apresentação no Fórum, porque tem que se apresentar para o promotor, falar como que foi que tudo aconteceu. No dia 25 de agosto tive a minha primeira audiência, que foi para cada um de nós dar a sua versão. Aí no dia 12 de setembro foi a minha segunda audiência, que foi para o reconhecimento das vítimas e com os policiais que nos prenderam. Foi uma vítima, que reconheceu só os moleques, aí o juiz falou: "Não, vamos marcar mais uma audiência." Marcaram outra para o dia 16, foi a última audiência.

Nesse dia só tinha nós três lá no fórum, era uma sexta-feira, eu falei: "nossa, não tem ninguém aqui!" O juiz foi lá só para fazer a nossa audiência. Nós ficamos em uma celinha esperando

ele nos chamar, mas veio somente alguns papéis para assinas. No meu estava escrito que a promotora pedia para eu cumprir liberdade assistida, estava pedindo só para mim. Voltei para a UIP sem ver ninguém, fiquei mais uma semana lá e veio a resposta para Internação. Ai eu já vim pra cá direto!

Nossa foi muito ruim, minha mãe estava em uma reunião da minha escola e eu sendo internado, ela me perguntou por que eu tinha feito isso daí. Estudava em uma escola boa no curso técnico, não era para andar com esses meninos, mas achei que por eu não estar envolvido com eles, isso não poderia me prejudicar.

Meu pai arrumou um advogado para me defender, mas acho que para menor não adianta nada! Ele foi lá essa semana conversar com o advogado pra ver alguma coisa, mas eu tenho que esperar sábado para falar com ele e ter alguma resposta.

O que eu posso fazer é isso daí, esperar, qualquer coisa errada pode ser marcada no meu relatório. Espero a técnica que faz os relatórios, ela disse que enviará o meu conclusivo no próximo mês, ai eu terei que esperar também a resposta do juiz. E com a minha família eu só falo no dia da visita, também tem que esperar qualquer notícia do advogado lá de fora. Nisso já faz oito, quase nove meses que estou aqui, minha vida estacionou lá fora, é um tempo muito longo esse daqui, demora muito para passar!

Cada um tem mesmo uma história pra contar, essa é a minha.

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Dessa vez foi o Paulo, ele é um jovem alto, negro, bonito, e muito educado. Sua experiência de vida mexeu demais comigo, eu fiquei por muito tempo com a história dele na cabeça, minha vontade era sair de lá e fazer alguma coisa por ele.

Encontrei diferentes histórias nas entrevistas, mas nenhuma me provocou tanto como a de Paulo, tanto que a imagem dos outros não é tão nítida na minha cabeça quanto a dele. Conforme me contava sua história, a pergunta que eu me fazia era: "por que você está aqui?".

A medida socioeducativa que lhe foi dada reflete muito bem a política perversa de internação ainda utilizada no Brasil. Talvez o Paulo nem entenda tudo isso, talvez ele realmente ache que a culpa de estar ali é dele mesmo.

KELVIN

“Eu passei a roubar pela necessidade que sentia de ter as coisas, cada um precisa fazer suas próprias conquistas, eu estava correndo atrás das minhas.”

Meu nome é Kelvin, não sou de Campinas, apesar de ter vindo morar aqui ainda criança, nasci em Alagoas – Maceió. Tenho três irmãos, um menino e duas meninas, o menino é mais velho, as meninas uma é mais velha e outra mais nova, somos todos filhos do mesmo pai.

Meu pai é uma história triste: sempre morei na favela, nas duas cidades que vivi. Quando ainda era pequeno, viemos para Campinas para tentar ganhar mais dinheiro, mas nunca conseguimos isso. Logo que chegamos aqui, meu pai se envolveu com drogas e bebidas, ele era um viciado. Depois de se embriagar bastante, chegava em casa e batia em todo mundo, em mim, nos meus irmão e principalmente na minha mãe, eu lembro bem de tudo isso. Tenho muito ódio dele, por tudo isso que ele fez, aprendi a me defender desde cedo, do meu próprio pai.

Minha mãe foi esperta, ela não aguentava mais a situação e falou para os donos da favela o que estava acontecendo. Meu pai levou uma bela de uma surra, apanhou bastante para aprender o que estava fazendo com a gente e, quando quis voltar para a casa, minha mãe não deixou ele entrar. Então ele acabou indo embora para São Paulo e eu nunca mais o vi, espero que esteja morto, porque se não tiver eu mato!

Foi por causa disso que eu comecei a entrar nessa vida do crime, comecei a conhecer pessoas novas, eu já estava mais crescido e passei a me envolver com drogas também, igual ao meu pai. Trabalhava na biqueira, traficando com os outros, usava maconha e cocaína.

Então eu comecei a roubar, comecei a entrar nessa vida do crime, comecei a traficar, esses negócios. Fazia os dois, roubava e traficava. No começo, eu roubava coisas pequenas, de pouco valor: micro-ondas das Casas Bahia, entrava, pegava, e saía correndo. Roubava nessa época também o celular das pessoas, tudo coisa pouca.

Lógico que não fazia isso sozinho, andava em grupo. Dessa época eu tenho contato com a maioria, porque estão na Fundação também. Um está na unidade aqui do lado, outro numa unidade daqui da região, um ou dois estão soltos ainda, e um já está no CDP.

Não fiquei nessa vida de roubar coisa pouca por muito tempo, logo apareceu uma oportunidade maior e eu fui. Entrei num shopping a noite, consegui levar uma mochila cheia de celulares, câmera digital, GPS, todos esses aparelhos eletrônicos que dá dinheiro. Vendi tudo por pouco mais de três mil reais e consegui comprar minha primeira arma, assim eu passei a assaltar mais e a ter mais dinheiro que era gasto com roupas, baladas e mulher.

Eu passei a roubar pela necessidade que sentia de ter as coisas, cada um precisa fazer suas próprias conquistas, eu estava correndo atrás das minhas. Por isso, não escondi nada da minha mãe, sentei e conversei com ela, falei tudo que estava fazendo, roubando e traficando, preferi que ela ouvisse isso da minha boca, até porque eu não ia parar só porque ela poderia descobrir, meus objetivos eram outros e ela tinha que entender.

Ela falou um monte de coisa para mim, se eu queria ser igual ao meu pai, fazer as mesmas coisas que ele. Eu disse que jamais, que estava apenas correndo atrás dos meus interesses, para ter as minhas coisas e ajudá-la também, sempre dei um dinheiro para ela.

Porque as coisas que ela podia me dar era só tênis de sessenta reais, e eu queria tênis de seiscentos reais. O celular que vinha do dinheiro dela era o mais simples, e eu queria o mais caro, de toque na tela, essas coisas que ela não podia dá, e eu queria, queria sempre coisas a mais. Por isso também que ela não se meteu muito, sabia que o que eu queria não poderia me dar, então me deixou correr atrás das minhas coisas.

Meus irmãos sabem do que eu estou falando, meu irmão mais velho também esta correndo atrás das conquistas dele. Apesar de ser o mais velho, aprendeu muita coisa comigo, fui eu, por exemplo, que o ensinei a fumar maconha, roubamos juntos já. Hoje eu to aqui, mas ele está lá fora fazendo a parte dele para conquistar suas coisas.

Já minha irmã mais velha roubou pouco, só umas duas vezes, e largou essa vida. Acho que ela está certa também, muitas vezes penso que não vale a pena. Hoje ela trabalha em uma lanchonete. E a mais nova quase que não fez nada ainda, por ser pequena.

Por esses roubos que eu fazia, estava na delegacia quase toda a semana, mas sabia que eles não podiam me prender. Odeio os policiais também. Era levado para a delegacia, mas chegava lá e não fazia o jogo deles, sempre tentava escapar: dava o nome errado, falava que não tinha família, mentia minha idade. Então, na maioria das vezes, era encaminhado para abrigos. Chegava

lá quebrando tudo, nem cogitava a possibilidade de ficar ali, brigava com os funcionários e fugia, aí voltava a fazer tudo de novo até ser preso novamente.

Nessa época, não voltava mais para a casa, passei a morar ou na rua, ou na casa de amigos. Minha mãe queria me obrigar a ir para a escola, e me batia se eu não fosse, por isso não queria mais voltar, eu não gosto de apanhar.

A escola não foi um problema para mim até o meu pai ir embora, acho que porque ainda era criança, ia numa boa. Não entendia muito o quê a professora ensinava, mas como passava de ano sempre, achava tranquilo. As professoras dessa fase são as que eu mais gosto, eu era pequeno e não dava tanto problema.

Mas quando mudei de escola, fiquei mais velho, a escola passou a ser mais difícil, tanto que repeti um ano. Mas isso não tem muita importância, porque eu ainda estou em fase no estudo, é o que importa. Isso também porque eu nunca parei de estudar, apesar de tudo que eu fazia, sempre consegui conciliar com a escola.

Na verdade, nunca gostei muito de estudar, mas tinha que ir. Quando ainda era criança, estava aprendendo a ler e escrever, não conseguia porque achava muito difícil, mas meu pai me batia se eu não soubesse a lição. Eu tinha que lê se não apanhava, tomava um crock. Tanto que aprendi a ler e escrever, todos esses negócios, apanhando, nas férias em casa. Porque dentro da sala eu não conseguia muito, não conseguia entender a maneira de juntar as palavras para escrever, eu brigava com a professora, falava assim: "Sai, eu não quero esse negócio, vou dá um pau no céu!"

Mudei de escola e fui para uma maior, no meu bairro mesmo. Nessa escola que eu conheci amigos que também estavam nessa minha vida. Os funcionários, quer dizer, os professores queriam me xingar, eu já dava um monte de cadeirada neles. Às vezes, eu fugia da escola para ir no shopping tomar um Milk Shake, foi por isso que repeti uma série.

As coisas que eu fazia só podiam me levar para um caminho: a Fundação. Em uma das vezes que fui pego pelos policiais, eles conseguiram puxar minha ficha e me encaminharam para cá. Um dos policiais que me reconheceu, ele falou: "Não é verdade essa história dele, esse moleque aí foi preso com uma arma semana passada, eu conheço ele". Aí o outro já descobriu, puxou meu nome, o nome dos meus familiares, minha idade. Eles falaram pra mim: "Você já tá pronto para ir

para a FEBEM!". Fiquei 49 dias na unidade provisória aguardando a decisão do juiz, que não poderia ser outra além da internação.

Fui internado pela primeira vez em outra unidade, na época que eu fiquei lá era muita injustiça. Qualquer coisinha que você falava poderia apanhar dos seguranças já, por exemplo, se você falava: "Olha vou ter visita", e ai não ter, você apanhava. Lá eu sofri!

Os funcionários também estavam assim, tanto que fizemos uma rebelião lá, que saiu até nos jornais daqui da cidade. Tudo começou porque um dos funcionários chamou um menino de mentiroso, esse menino quis bater no funcionário, ai todo mundo concordou e fomos todos bater nele. Com isso, se formou um tumulto, porque ele ficou bastante machucado, batemos nele com cabo de vassoura.

Com isso, todos os funcionários saíram correndo, só ficou os meninos. Então dominamos o prédio, e fomos para a outra ala que tem lá, separada da que a gente estava, para bater também nos meninos que contam tudo o que acontece na casa para os seguranças, são os que a gente chama de Pilantra, ramelão, cagueta!

Nessa época, a unidade protegia os meninos que contava tudo o que acontecia para os seguranças em uma ala menor, lá também fica quem acabou de chegar na unidade, chamamos essa ala de seguro, que serve para proteger os meninos que estão marcados entre os outros internos porque mudaram de lado. Nós conseguimos entrar nessa parte e pegamos esses meninos que estavam sendo protegidos. Ninguém pode trair ninguém ali dentro, cada um tem que ficar na sua, se não concorda, continua na sua, não é obrigado a nada, só não pode passar para o lado dos policiais.

Para dar uma correção neles, pegamos o extintor, batemos neles com isso, desmaiaram vários. Também arrancamos os dentes deles! Batemos muito neles com cabos de vassoura. Foi muito forte o que fizemos, destruimos a unidade inteira!

Só não foi pior porque os funcionários conseguiram fugir, se eles tivessem ficado ali, alguns teriam até morrido. Existem leis no crime que precisam ser respeitadas e cumpridas, por exemplo, dentro desse contexto de rebelião, não podemos fazer refém professores e funcionárias, os professores é porque a gente sabe que eles vão lá para nos ajudar, ninguém quer nos fazer mal, quem fizer mal para professor também vira pilantra.

Os professores são diferentes dos funcionários, que podem atrasar nosso relatório para o juiz, podem nos bater, nos tratam mal, só que quando é mulher não podemos encostar um dedo, nem cobrir o rosto se ficou alguma como refém. Mas funcionário homem pode fazer o que quiser, até matar.

Os funcionários é que são os piores, os que dão mais trabalho. É por isso que se alguém fala alguma coisa do que acontece para eles vira pilantra.

Depois que fizemos a rebelião, ficou tudo destruído. Ai o choque entrou lá dentro e bateu em todos nós. Tivemos que ficar só de cueca e fomos encaminhados para as salas de aula, porque os quartos estavam destruídos, ficamos dormindo lá. Os pilantras foram transferidos de unidade, acho que vieram para essa daqui até. Acho que eles ficaram morando lá ou aqui, convivendo com os dignos, que são os moleques que não causam problemas.

Quem ficou na unidade foi quem fez a rebelião. Nós ficamos presos nos quartos e começamos a falar mal dos policiais da tropa, xingamos de galinha preta e de um monte de nome. Um deles falou assim "Galinha preta vem visitar vocês aqui de sábado e domingo!" Ai por causa disso que ele falou nós quebramos tudo outra vez, o lugar onde estávamos, fomos passando para os outros quartos que fizeram igual a gente e quebraram tudo também! Como os quartos de cima já estavam destruídos, tivemos que ficar todos junto em um único lugar, porque não tinha onde colocar a gente.

Isso aconteceu depois de uns três, quatro dias que tinha acabado a rebelião. Nós falamos ainda que íamos bater nos policiais da tropa, mas eles estavam muito bem equipados. Ficaram lá na unidade mais de um mês depois que tudo terminou, até as coisas serem consertadas.

Ai os funcionários foram voltando para a casa, conversaram com a gente, mandaram alguns direto para o CDP, por causa da rebelião e colocaram a gente nas salas de aula para dormir, porque o resto estava sem condições. Ficamos de três a quatro em cada sala de aula, com colchonetes no chão, não podendo sair para nada. Se quisesse fazer xixi, tínhamos um balde, a comida eles entregavam lá, não pode tomar banho, receber visita, fazer nada. Nem escola teve, essa só voltou a funcionar uns três meses depois da rebelião.

A gente ficou acho que um dia e meio sem comida, ai quando veio a comida, veio só um pouquinho. Todo mundo lá estava suado, com muita raiva do que estava acontecendo. Tinha uns

dois colchões ou três, na minha tinha três, mas duas mantas para todo mundo da sala. Foi muito tensa essa parte, tinha gente que dormia no chão, tentávamos distrair a mente o máximo possível, porque ficar todo dia, o dia todo sem fazer nada é uma tortura.

Ficamos um mês assim, depois começou a ter ducha, principalmente para os que iriam receber visita. Nas visitas era só mãe desesperada, preocupada sem saber o que estava acontecendo com os filhos! Os quartos, chamados de barracos foram sendo reformados, porque deixamos um buraco bem grande lá, ai demorou a arrumar tudo.

Ai depois que fomos voltando para os quartos, começamos a tumultuar de novo. Ficamos sabendo que lá na outra ala, que não era mais o seguro, estava tendo injustiça, menor pegando menor, funcionário pegando menor também, ai nós não aceitávamos isso de jeito nenhum.

Agora a ala era toda de dignos, nós pensamos: "Vamos tentar resolver isso da nossa forma." Então eu, junto com os meninos do meu barraco fomos lá, pegamos um funcionário e batemos nele. Isso foi no horário do almoço, ficamos trancados no quarto.

Na hora da janta, outro quarto bateu em outro funcionário, até quebrou o braço dele. Com isso os funcionários ficaram revoltados com nós, porque antes da rebelião nós pegávamos os funcionários, fazíamos tumulto e, mesmo depois de ter feito a rebelião, continuávamos batendo. Como a tropa continuava na casa, não deixou barato, juntaram todos os funcionários do plantão, a tropa, nos trancaram e deram uma surra em todo mundo. Ai saímos batendo neles também, amarramos umas mantas em volta da barriga para nos proteger e saímos batendo neles também. Mas eles eram muito mais fortes, equipados e bem em maior número. Nessa noite só ouvia nego falando: "Pelo amor de Deus! Para de me bater", só gritando bem alto.

Eles bateram em todo mundo da cadeia inteira! Falaram que se aprontasse de novo ia apanhar todo dia. Se aprontasse de dia ia apanhar de noite, se aprontasse de noite ia apanhar de dia, tentando colocar opressão. Só que não aconteceu nada disso, porque do nada, os moleques que fechavam antes falaram "Não, ta suave, isso dai foi só porque a gente tumultuou mesmo". Então os meninos começaram a acalmar e tudo passou a ficar tranquilo.

Foi assim que acabou essa época de rebelião, foi a de mais sofrimento. Por causa disso minha pena aumentou, fiquei mais meses do que deveria, eu ia ficar menos tempo, porque era primário, mas acabei tendo que ficar mais!

Depois disso, os meninos implantaram a mesma doutrina da outra ala: *de afirmar em dúvida e tomar um corregimento*, qualquer coisinha um corrigimento! Corregimento é ter que colocar as mãos para trás deixar os meninos te bater, até eles verem que você assumiu seu erro, Afirmar em Dúvida é você fazer alguma coisa e dizer que não fez, não assumir suas atitudes. Está tendo isso daí até hoje lá.

Antes o corregimento era mais em quem aprontava, em que dedurava alguma coisa para os funcionários. Mas depois da rebelião virou coisa comum, até por um jogo de bola a gente tomava corregimento. E isso a qualquer hora do dia, sempre nos quartos. Que faziam isso eram os líderes da época, tinham de vários de grupos diferentes.

Chegou uma época que de tanto tomar corregimento por qualquer coisa, eu não queria nem mais saber, apanhava mais batia também! Era pequeno mas tinha disposição, batia em vários moleques grandes, as vezes eu saía com um olho roxo, mas também ele saía com o nariz sangrando.

Isso foi até eu conseguir sair, ganhar a liberdade de novo. Mas, estava com muito ódio desses moleques que faziam só injustiça com todo mundo, sai de lá louco para matar eles. Assim que voltei para a rua, só pensava em arranjar dinheiro para me armar contra eles, e foi o que fiz. Eu não sai da vida do crime, já sai de lá falando assim: “Nossa, já que eu tô aqui fora, eu vou fazer um corre pra matar esses caras!”

Então eu voltei a roubar, meu primeiro assalto quando sai peguei três mil e quinhentos reais, no segundo peguei oitocentos reais, ai eu comecei a mudar de vez, comecei a comprar umas armas para mim, com as armas que comprei pra mim eu comecei a roubar bastante. Roubava de tudo: residência, celular, loja, loja de madrugada, quebrava tudo lá dentro!

Usava o dinheiro para me armar, caso encontrasse com aqueles moleques e para gastar na balada, para curtir um pouco também. Eu nunca sai da vida do crime, eu continuei, continuei roubando, mesmo depois de ter ido para a Fundação uma vez, por isso voltei para cá de novo.

Fui fazer um assalto de um carro, 157, assalto a mão armada. Ai eu fui fazer o assalto lá em Botafogo, do lado do Cambuí. Mas a tática viu eu, estava eu e meu parceiro, tentamos fugir, mas ele bateu o carro, tentamos ainda sair correndo, mas eles nos alcançaram. A força tática parou na

nossa frente, nos enquadraram, bateu em nós e nos levou para a delegacia, depois para a unidade provisória da Fundação.

Na unidade provisória fiquei três meses. Foram aparecendo outros BO's no meu nome, como um porte de arma, de 2010. Por isso o juiz me enquadraram no crime de porte de arma, e fui internado em uma unidade fora de Campinas, em Piracicaba.

Em Piracicaba, assim que eu cheguei já apanhei, porque os funcionários não gostam de Campinas, além disso sabiam que eu já tinha passado por rebelião, por tumultos, que eu não ia pra escola lá na unidade provisória. Por isso, eles já chegaram se impondo pra mim, me pegaram, eu comecei a gritar. Até as chefes das técnicas de lá me bateu. Fizeram uma rodinha deram uma surra em mim.

Depois disso entrei pro barraco, os quartos que a gente dorme, e fiquei suave lá, fiquei suave no barraco, os moleques passavam por mim, mas nem dei bola, eu fiquei suave nesse dia lá. Ai o outro plantão veio, e me deu outra surra, falaram que eu já tinha passado por rebelião, tinha tumultuado a FEBEM aqui em Campinas, que lá era pra eu ficar na minha, seguindo as regras, no proceder que a gente fala. Os moleques lá era tudo muito estranho, não sei explicar direito!

Logo depois que entrei veio uma visita, ai minha visita falou que queria meu bonde, minha transferência, de volta para Campinas. Essa visita era minha mãe, ela falou que ia levar meu bonde para Campinas, eu falei: "Tudo bem!"

Até queria voltar para cá mesmo, mas sei que lá a coisa mais fácil é de você ir embora. Porque lá a FEBEM é de opressão, e FEBEM de opressão é muito fácil de ir embora, demora uns cinco meses só. Além disso, tem várias externas, tem horta fora da unidade, levam você no shopping com as técnicas. Mas também, qualquer deslize seu, uma rameladinha que você dá, qualquer pezinho fora da linha, você toma uma surra nervosa, e os caras bate pra caramba mesmo!

Eu fiquei lá acho que menos de um mês, ai eu vim pra cá. Estou aqui desde julho de 2011, fiquei três meses na rua só. Aqui eu pensei que estava igual lá, porque assim que eu cheguei os funcionários falaram: "É, aqui é igual Piracicaba, se você sair um pé da linha, a gente vai arrebentar você!" Ai eu pensei que aqui era igual lá, mas nem é, não chega nem aos pés de lá. Qualquer coisinha os funcionários batiam mesmo, mas não tanto como lá. Os funcionários que batiam

levavam para a coordenação, bate na gente e o assunto já morre ali, tem que morrer ali! Isso não é tão vantajoso, porque eles não batem tanto, mas vão arrastando nosso relatório.

Teve uma vez que a promotora veio aqui, falamos para ela que os funcionários estavam agredindo, tudo o que eles estavam fazendo. Então a promotora conseguiu correr atrás e fazer com que não agredissem mais, por isso os funcionários não agredem mais a gente. Por outro lado, qualquer coisinha eles já colocam no nosso relatório, para arrastar nossa liberdade.

Teve alguns que incentivaram a gente até a fazer rebelião. Eles estavam sendo mandados embora e ficavam falando assim: “É... ergue a casa, faz rebelião ai!” Eu gosto de negócio louco, se for para fazer, nós arranca pedaço! Mas a gente não é bobo de fazer isso só porque tem funcionário querendo, depois eles nem vão embora e continua opressão aqui.

Mas esses funcionários foram sendo mandados embora, alguns ainda estão aqui, eles marcam mais a gente, qualquer coisinha marca no relatório, ou manda aqui para UIP. Ai aqui tá desse jeito, funcionário querendo arrastar os menores que não gostam desses funcionários. A cadeia tá desgovernada da parte dos menores! Porque antes nós tínhamos nossa organização, todo mundo junto, mas aqui um menino fica atacando o outro, deixando você ficar bem bravo, para depois sair em destruição. Isso dificulta a permanência aqui, não dá para ficar tranquilo.

Reconheço que nem tudo aqui dentro é um inferno, tem a escola e os professores que vem ajudar a gente. Como já disse, eu nunca fui muito fã de escola, até a quarta série eu gostava bastante. Na quinta eu já nem gostava muito, agora na sexta e na sétima mais ou menos, porque passei aqui na Fundação.

Acho a escola daqui bem diferente da de fora, aqui é muito fácil de passar de ano. Lá fora é difícil, até a quarta série foi tranquilo de passar, mas da quinta pra frente, é mais difícil.

Mas eu acho que ela é diferente para melhor, o professor, professora sabe explicar certinho as coisas. Lá fora ensina de qualquer jeito, fala só pra copiar, ai tem que copiar, porque se não o professor leva você pra diretoria, daí a diretoria chama seus pais pra você ir embora. Ai eles abrem o portão, “se você não quer estudar, então vai embora!”

E aqui não, é obrigado a ir, porque se não formos, tomamos uma bronca e vai arrastando a liberdade. Você tem que analisar duas vezes antes de não querer participar da sala de aula. E ai

você vai aprendendo mais coisas, como é obrigado a ir, acaba aprendendo mais coisas, até coisas que você não queria aprender, aprende e gosta!

A escola me ajuda muito, eu sei que ela é muito importante, sem estudar não dá para fazer nada, nem na vida do crime podemos ficar sem estudar. Eu não sei o que vai acontecer comigo depois que eu sair daqui, mas sei que para qualquer coisa que decida fazer, tenho que saber alguma coisa, por isso a escola é tão importante, é só nela que a gente encontra esse conhecimento.

Eu penso as vezes, quando sair daqui, em voltar para essa vida, mas outras vezes eu penso que não vale a pena, porque essa vida é muito triste, é só coisa errado, é... como que eu posso dizer? É saudade da família, hipótese de ser preso de novo, hipótese morrer lá fora. Sei que os policiais atiram na gente mesmo, sem dó e, além deles, tem também os meninos que não gostam da gente, que pode me encontrar lá fora e me matar.

Nessa vida eu posso até conquistar mais independência pra mim, posso ficar conquistando o que eu quero, mas é difícil ver um bandido que dura muito tempo, desse jeito não temos muito tempo de vida, as coisas são rápidas.

Meu irmão mesmo, acho que está certo em fazer as conquistas dele, mas sempre digo a ele: "para com essa vida que não vale a pena, você sabe como que é a vida de quem entra, maior sofrimento, lá fora também é maior sofrimento pra família. Não vale a pena você ficar nessa vida, é mais fácil você trabalhar, estudar." Na verdade, eu não sei se as coisas seriam mais fácil se eu estudasse e trabalhasse só, sem roubar. Nunca conheci outro jeito de viver, a vida que eu levo é o único jeito que conheço de viver a vida. Por isso é muito difícil quando penso em sair dela.

Eu não tenho medo de roubar, é muita adrenalina e eu gosto. Prefiro roubar a traficar, até porque dá mais dinheiro também. Nunca matei ninguém com isso que eu faço, mas já vi gente ser morta. Uma vez vi um cara levar um tiro bem na testa dos traficantes, porque estava fazendo graça de querer roubar as drogas da biqueira, isso foi atrás da minha casa.

O risco é grande mas tem seus benefícios, não posso negar. Tenho dois mil reais guardados no banco, já comprei carros e motos com o dinheiro que ganhei e gastei muito dinheiro com mulher e baladas também, mas perdi tudo com os policiais, meu irmão também já perdeu a moto dele. Os policiais pegam e leva para o pátio e não tem como pegar de volta.

Tudo que eu tenho conquistei sozinho, minha mãe sempre me deu força, nunca com dinheiro, porque ela não tinha, mas conversamos muito, conto tudo o que acontece comigo a ela. Família é a única coisa que a gente tem de importante, namorada, amigos, tudo isso é passageiro, só importa mesmo a minha família.

Eu vejo hoje tanta gente entrando cedo na vida do crime, acho que muitos jovens precisam de mais orientação e apoio da família, para mostrar que essa vida é muito sofrida e não vale a pena. Eu reconheço que meu caso também foi precoce, com dez anos eu já estava traficando, mas hoje cresci e sou um homem, tenho 14 anos e posso afirmar que conheço o mundo como poucos conhecem. Na idade que eu estou não consigo pensar no futuro mais, não sei se terei futuro. Se eu tiver vivo ainda, quero daqui há dez anos, poder falar para meus filhos o que é certo e errado na vida da gente, o que é bom e ruim.

Primeiro tenho que me concentrar em sair daqui, sei que não vai ser fácil, porque a cada hora aparece um Boletim de Ocorrência novo contra mim, estou indo no fórum amanhã para responder por mais uma acusação de roubo. Já estou há quase nove meses e acho que fico aqui por mais seis meses.

Essa é a minha história, um pouco dela talvez, a parte que mais me importa. Falar da minha vida é muito complicado, tem muito sofrimento, muita maldade, prefiro pensar sempre no agora, me concentrar naquilo que estou fazendo, do que ficar lembrando o que passou ou planejando o que virá.

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

O último entrevistado não poderia ter sido melhor, conheci nesta vez o Kelvín. A entrevista foi surpreendente, ele é diferente de todos os meninos que eu havia entrevistado, seu mundo é muito diferente do meu.

O Kelvín é baixinho, pequeno mesmo, é descontraído, não tem vergonha de nada, atirado, fala aquilo que quer falar, tem uma voz rouca grave e uma aparência envelhecida, mesmo tendo 14 anos. Quando ele entrou na sala espantei-me com sua aparência, e quando ele falou sua idade eu disse “Nossa, só isso, não acredito!”.

Esse “só isso” faz parte do meu mundo, porque no mundo do Kelvín ele já é um homem, tão envelhecido que não consegue mais fazer projeções para o futuro. Realmente a juventude é um conceito percebido de maneira diferente por cada grupo social.

Sua maneira de levar a vida está trançada nas experiências que teve. Cometer infrações é tão natural em sua vida que ele se orgulha de ter passado esse conhecimento para seu irmão mais velho. A entrevista foi intensa, as coisas que ele me contou foram fortes, pesou muito para mim ele ter 14 anos e relatar as passagens pelos abrigos, rebeliões e agressões. Não podia conceber que tudo aquilo saía de sua boca, do meu ponto de vista, uma criança, um pré-adolescente no máximo.

Foram muitos choques durante as entrevistas, o que para mim eram coisas absurdas, que me deixavam indignada, para eles estava dentro de uma normalidade tão clara que se espantavam com o meu espanto!

REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Depois que transcribí todas as entrevistas, entrei em contato novamente com os jovens para devolver-lhes o texto e obter a aprovação para publicação.

Todos já haviam saído da Fundação. Encontrei com eles a partir dos contatos que me passaram no questionário aplicado antes das entrevistas.

Alguns estavam trabalhando, um deles estava preso temporariamente em uma penitenciária da região e outros dois novamente internos em unidades da Fundação CASA, em endereços diferentes das Casas em que havíamos nos encontrado inicialmente.

Todos eles tiveram reações semelhantes quanto as entrevistas transcritas: não quiseram ler, pediram para que eu lesse ou que leriam depois do nosso encontro e posteriormente todos me deram o reconhecimento das transcrições e aprovação para publicação.



ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E A HISTÓRIA ORAL.

“Bondade sua me explicar, com tanta determinação, exatamente o que eu sinto, como penso e como sou, eu realmente não sabia que eu pensava assim...”

Essa frase faz parte da música “Mais do mesmo” da Legião Urbana, banda de rock nacional, sucesso nos anos oitenta. Toda a letra da música chama atenção para as desigualdades sociais, mas de maneira atípica, a partir do olhar de quem a sofre. Este trecho poderia ser dirigido a mídia, que já tratou de enquadrar os desfavorecidos socialmente, generalizando suas vidas a partir de um olhar normalizador, que compreende o mundo a partir de um padrão ideal.

Para mim, no contexto desta pesquisa, tem uma intenção diferente: chama a minha atenção para a questão da análise das entrevistas, para que eu não faça *mais do mesmo*, agindo de maneira a enquadrar os jovens colaboradores desta pesquisa num referencial teórico.

Cada história apresentada aqui possivelmente poderia ser útil como estudo de caso para comprovar determinada teoria. Porém, os procedimentos escolhidos nesta pesquisa não me permitem agir dessa maneira, não por uma questão de aprisionamento aos preceitos metodológicos, mas, pela intenção política desta forma de trabalho.

Como vimos, na perspectiva metodológica adotada, a entrevista não deve ser recortada, o texto final deve ser resultado de três etapas: a transcrição, a textualização e a transcrição. Estas etapas, tão importantes para o trato com as entrevistas tem uma razão de existir nesta proposta de trabalho com a história oral, não é por acaso que se propõe o não recorte das falas, mas a sua transformação em um texto final que imprima não exatamente aquilo que o colaborador disse, mas tudo que ele queria dizer.

Caldas (1999, p. 86), explica que o texto oriundo destas três etapas tem uma função política porque, quando o oralista não o recorta, não o destitui de sua complexidade e de seu contexto maior, está, na verdade, respeitando e garantindo a esse texto sua verdadeira função, é “um tipo de trabalho, forma de pensar o texto com destinação social, não aos membros da seita, mas ao processo político de compreensão e modificação do real.”

Ou seja, todo o processo de transcrição, textualização e transcrição não serve somente para facilitar a leitura da entrevista, mas como uma forma de garantir a força política daquela história e, conseqüentemente, daquela escrita.

“A ideia de “suprimir as perguntas para proporcionar ao leitor um texto corrido e fácil de ser lido” é a que vai ser o centro da criação textual e a que permitirá maior compreensão não somente do texto e da leitura, mas, fundamentalmente, daquelas dimensões interiores que é preciso conhecer e criar de maneira a se respeitar aquele que fala do vivido na sua dimensão de sujeito, ou melhor, na tradicional dimensão de sujeito da história.” (Ibid., p. 87)

A história oral é aqui colocada como possibilidade de agir socialmente a partir do registro das experiências dos grupos sociais mais fracos politicamente.

“Assim, mais ou menos naturalmente, a história oral privilegia grupos sociais deslocados – migrantes e emigrantes -, parcelas minoritárias, excluídas, marginalizadas, e se vale de suas narrativas para propor uma “outra história”, ou “história vista de baixo”, de ângulo incomum, sobre determinada realidade em contraposição ao silenciamento ou à visão “majoritária” e institucionalizada, assumida como aquela que devemos reconhecer como “versão final”. Por lógica a visão dos grupos de poder interessa, mas como ponto para o diálogo com os desvalidos.” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 52)

Na compreensão destes autores, a história oral não deve ser vista como mais uma possibilidade de fontes orais em trabalhos acadêmicos, com um fim em si mesma, mas como um saber ativista, que propõe remodelações no papel da produção acadêmica quando dela fizer uso. Sua importante “contribuição para o entendimento de realidades resultantes e processos inconclusos e de políticas públicas instruídas a fim de corrigir rotas que abandonam segmentos que padecem dominação, opressão, injustiças.” (Ibid., p. 108)

No entanto, o registro individualizado das experiências vividas por estes grupos importantes à história oral, não garante o alcance do seu objetivo político, podendo até ser visto

como uma maneira simplista de “vitimização” dos sujeitos sociais. As histórias, narradas na íntegra, ganham força somente quando observado o conjunto das experiências da rede que se criou: “... a resposta conjunta é o que interessa, sem, contudo, deixar de valorizar o que há de singular.” (Ibid. p. 28)

Isso quer dizer que a história oral quer registrar as experiências de cada indivíduo ouvido, relatando na íntegra sua narrativa, e buscando no conjunto delas, naquilo que se repete nestas narrativas, ou seja, na memória coletiva, sua força social e política.

“Isoladas, as entrevistas não falam por si, logicamente. Alinhá-las, contudo, é um procedimento capaz de sugerir, mais do que a condução do projeto, possíveis análises. Sozinhas, também, as entrevistas não se sustentam enquanto história oral, seriam apenas textos estabelecidos. A dimensão social é feita na medida em que são indicados os pontos de intercessão das diversas entrevistas.” (Ibid., p 131)

Respeitar a pessoa e suas experiências individuais é necessário para a história oral, mas, além disso, saber perceber como essas experiências valem no conjunto das narrativas. Nesse sentido, a representatividade dos grupos estudados está no conjunto de suas experiências.

“É exatamente por se equiparar histórias que tenham pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social.” (Ibid., p. 29)

Por essa razão, é importante que, depois de transcritas, as entrevistas voltem para o colaborador, para a sua verificação e aprovação. Caso haja divergência do colaborador com o texto final de sua entrevista, este deverá ser refeito, pois o importante é que o colaborador se identifique com o texto criado e não seja um estranho àquela história. Somente depois da aprovação de todos os colaboradores, o texto transcrito poderá ser publicado.

Caldas (1999, p. 110), observa que o texto transcrito não é um texto que se explica em si mesmo, cada leitor é chamado a reinterpretá-lo “... os textos transcritos tornam-se realidades abertas que exigem abertura e enfrentamento (...). Como os textos são resultantes de uma *poética da experiência*, clamam por uma *poética da leitura* e por uma *poética da interpretação*.”

O que entendo com isso é que a “análise das entrevistas” seria um termo que não caberia neste tipo de trabalho, a função do pesquisador, mesmo no meio acadêmico, não é decifrar o colaborador, fazer de sua história um suporte para um aporte teórico, ou como fala a Legião Urbana, explicar a ele o porquê dele assim ser a partir de um referencial, mas elaborar com o texto pronto, com o conjunto da transcrição de cada entrevista, com aquelas histórias, um diálogo: daquilo que foi aprendido pelo pesquisador, por meio das narrativas, com sua bagagem teórica.

Caldas (1999, p. 112) diz que, para estudar história oral, antes de qualquer coisa, o pesquisador deve ter claro as subjetividades que o constituem, porque para o diálogo a ser estabelecido com as entrevistas, o pesquisador deve levar em conta tudo aquilo que o ajuda a entender o mundo que o cerca. É uma conversa feita do pesquisador para o colaborador a partir das narrativas:

“Interpretar é dialogar não um diálogo de aceitação, mas de desdobramento, de enriquecimento de sentidos e significados. É dizer mais, é relacionar, é fazer frutificar os múltiplos sentidos simbólicos e vivenciais do vazio, do silêncio, das palavras, do corpo e das interioridades.”

A partir disso, o autor atenta-se para aquilo que interpretar não é: não é ficar no âmbito das falas; documentar ou entrelaçar assuntos; contar a história do texto com as suas palavras; explicar a história; expor a história; fazer uma simples análise de palavras. (Ibid., p. 111,112)

Explicada desta maneira, a interpretação passa a ser um grande desafio para quem se propõe a trabalhar com esta perspectiva da história oral. Entendo que, quando Caldas chama atenção para aquilo que interpretar não é, está expondo também que não há uma receita pronta para a interpretação em história oral.

Mais uma vez, percebo porque, não por acaso, Meihy e Holanda (2010) chamam a atenção para o fato de que a história oral deva sempre estar vinculada aos interesses sociais, pois se fosse apenas mais uma fórmula acadêmica de análise da realidade, não exigiria que o trato com as entrevistas fosse tão completo.

“... se credita ao saber universitário, acadêmico, mais do que compreender; assume-se o compromisso com o social como princípio,

meio e fim da história oral (...) ainda que seja aceito o inevitável – que história oral não seja solução para tudo -, sabe-se que ela é, pelo menos, uma janela que deixa ventilar o ar puro do “tempo presente” e que sem ela não se pode pensar a sociedade e os projetos de melhorias da vida coletiva com base em saber rigoroso e comprometido com as experiências de quantos se sentem “não incluídos.” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p.108)

Neste caminho as perguntas que me guiaram foram: o que se repete nas histórias dos jovens da Fundação CASA? Qual a força social dessas narrativas?

Busquei olhar para o conjunto dessas vidas transcriadas, e encontrei como resposta uma denúncia contra o padrão de consumo atual. As experiências dos jovens falam de um *excluir-se* para *incluir-se*: submersos num mundo que impõe um ideal do que é ser jovem, em que, para fazer parte deve-se estar apto a um mundo de consumo, ao mesmo tempo que ignora as diferenças sociais; os jovens, respondendo a este estímulo, encontram uma forma de fazer parte e partem para o roubo ou tráfico como forma de acesso ao consumo, mas são punidos por isso.

Além disso, nas experiências narradas, a escola aparece a partir de um ideal de ascensão social que, pelo seu caráter disciplinador, acaba perdendo espaço para formas de ascensão social com resultados mais imediatos. Buscando o lugar da escola na vida desses jovens, chego a um *não-lugar*: embora ela se faça presente, pelas leis vigentes que garantem o ensino tanto para os que estão fora ou dentro da instituição prisional, os jovens não se identificam com esse lugar devido ao seu caráter disciplinador, embora acreditem que ela possa ajudá-los como trampolim para uma melhora financeira de vida, mesmo a instituição fracassando no cumprimento desse ideal.

Os próximos capítulos dessa dissertação é a construção dessas possibilidades de conversas com as experiências narradas pelos jovens. Em minha pesquisa, a história oral fez sentido como maneira de garantir a troca de experiência entre pessoas e também uma nova possibilidade de expressão para os colaboradores e para aqueles que compartilham das experiências relatadas.



Sociedade de Consumo

*O mundo me condena
E ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber
Se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome.

Mas a filosofia
Hoje me auxilia
A viver indiferente assim.
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Para ninguém zombar de mim.*

(Filosofia, Noel Rosa)

Os jovens colaboradores desta pesquisa trazem em suas histórias experiências singulares, cada vida narrada aqui tem a sua maneira de perceber o mundo que lhe cerca. No entanto, todas essas vidas estão dentro de um mesmo contexto social, e é isso que dá destaque a essas experiências.

As sete vidas transcritas nesta dissertação não tem em comum apenas o fato de estarem todas sendo narradas a partir de um mesmo local. Há outros aspectos que chamam atenção e podem até parecer repetitivo, mas fazem parte de uma totalidade maior em que esses jovens estão inseridos.

A água pela qual essas vidas (es)correm é a *cultura consumista*, que preenche todos os espaços da nossa atual sociedade, como os oceanos preenchem a Terra. Os jovens são ilhas imersos nesta cultura, e já aprenderam que para se manterem nela, não se afogarem, devem seguir certos preceitos, que colocam sobre eles um ideal de juventude, com um modelo padronizado do que é ser jovem.

A *cultura consumista* e a *sociedade de consumo* são pontos trazidos, mesmo que indiretamente, pelos jovens narradores desta pesquisa. As experiências relatadas pelos meninos são de jovens que não se encontram ilesos de um contexto social mais amplo. Para este trabalho, discutir qual contexto é este, se torna fundamental, com o objetivo de entender essas vidas para muito além de um perfil criminoso.

Esta juventude está inserida em uma sociedade que viabiliza a transformação dos sujeitos em mercadorias, e espera que estes busquem, cada vez mais, visibilidade para se destacarem e serem desejados por outros consumidores. Estas ideias são trazidas pelo sociólogo Zygmunt Bauman em seu livro *Vidas para consumo*.

Bauman (2008) explica que o *consumo* é uma necessidade biológica de cada ser vivo, todos nós precisamos consumir para nossa sobrevivência, o problema foi quando nossa capacidade de querer, desejar e experimentar ultrapassou as necessidades de sobrevivência e passou a sustentar a economia, tornando-se *consumismo*, um ato que não carrega em si somente questões de necessidade biológicas, mas implicações sociais. A distinção entre consumo e consumismo também é feita por Jurandir Freire Costa (2004), se referindo ao consumismo como o modo que o imaginário econômico encontra para legitimar uma cultura consumista.

O consumismo gera uma *cultura consumista* que dá origem a *sociedade de consumidores*.

“A sociedade de consumidores, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura consumista e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional.”
(BAUMAN, 2008, p. 71)

As experiências dos colaboradores dão indícios dos problemas de se viver em uma sociedade de consumidores: este contexto social pré-supõe que todos os sujeitos desta sociedade sejam consumidores e oferecem mercadorias (não só objetos físicos, mas ideais de vida) como objetos de extrema necessidade universal, ignorando as desigualdades econômico-sociais entre os potenciais compradores.

“Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (...). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção.” (Ibid., p.73)

A sociedade consumista não faz distinção de gênero, idade, sexo e, nem tão pouco, classe social, todos aqueles que nela habitam devem ser consumidores. Há um apelo para que se consuma sempre, como uma tarefa de cada indivíduo para manter suas obrigações sociais.

A pergunta que surge é: porque as pessoas dessa sociedade aderem a esses apelos? O que leva alguém a consumir sempre, mesmo que não faça sentido?

Engana-se aquele que explica o consumismo como uma simples satisfação de necessidades, desejos e vontades. Segundo Bauman (2008), o objetivo real pelo qual consumimos é porque queremos ser uma mercadoria vendável, ou seja, dentro de uma sociedade de consumidores, só somos sujeitos quando nos tornamos antes mercadorias e, a partir disso, precisamos nos “armar” para termos destaque nas prateleiras do mercado, caso contrário seremos apenas mais um.

“Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo da preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente” (Ibid., p. 76)

A sociedade de consumidores nos fez acreditar que nossa felicidade será encontrada somente se formos mercadorias em alta. Talvez seja o único modelo de sociedade que promete a felicidade aqui e agora, no momento presente. No entanto, essa promessa de felicidade e de satisfação é apenas uma promessa, porque o consumismo necessita justamente do contrário para se manter: é a insatisfação dos consumidores e com ela o desejo de querer mais, o medo de não ser mais uma mercadoria valorável, o combustível para a economia de consumo. Compramos a ideia de que o consumo resolverá nossos problemas e trará nossa felicidade, nos transformando em

mercadorias valiosas, mas levamos para casa uma dose homeopática dessa satisfação que logo cessa e nos traz a frustração, dessa frustração nasce uma nova necessidade de consumo.

“A sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar *perpétua a não-satisfação* de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles). O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtores de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores” (Ibid., p.64)

Esta sociedade que fazemos parte hoje, só pela transformação das pessoas em mercadorias, poderia ser considerada no mínimo perversa. O que pensar daqueles que não conseguem consumir. O que a sociedade de consumidores faz com os *não consumidores*?

“... não podem ser concebidos como pessoas necessitadas de cuidados e assistência, uma vez que seguir e cumprir os preceitos da cultura de consumo é algo considerado (de modo gritante contractual) permanente e universalmente possível (...), por poder ser adotado e aplicado por qualquer um que queira (...). Acredita-se (...) que obedecer aos preceitos dependa apenas da disposição e do desempenho individuais.” (Ibid., p.75)

Ter acesso ao mundo dos consumidores é responsabilidade de cada pessoa e, quando não se consegue consumir ou se manter consumindo sempre, ser uma boa mercadoria, torna-se um *consumidor falho*, é falho por não contribuir com a auto-reprodução do sistema.

Desta maneira, instala-se uma tarefa assustadora de querer sempre permanecer como membro da sociedade de consumo, de um esforço interminável e difícil, porque ninguém quer fazer parte da “categoria” dos excluídos, entendendo o termo *excluire* como sugere Bauman (2008), não como o ato de transportar alguém para longe do lugar que ocupava, mas como estagnação, que afasta o sujeito por deixá-lo onde está, sem lhe dar condições de conseguir acompanhar os demais.

“Os consumidores falhos, donos de recursos demasiados escassos para reagirem de forma adequada aos “apelos” dos mercados de bens de consumo, ou mais exatamente a seus passes sedutores, são pessoas “desnecessárias” para a sociedade de consumidores, que estaria

melhor sem elas. Numa sociedade que avalia seu sucesso ou fracasso pelas estratégias do PIB (ou seja, a soma total de dinheiro que troca de mãos nas transações de compra e venda), esses consumidores deficientes e defeituosos são descartados por serem perigosos.” (BAUMAN, 2008, p. 88)

Ora, quem seriam os jovens colaboradores dessa pesquisa antes de entrarem na Fundação CASA? São eles os consumidores falhos, aqueles que não estavam cumprindo com sua importante tarefa de consumir ou não estavam conseguindo manter-se como mercadorias elevadas. Obviamente, não foram presos por essa razão específica, mas por encontrar uma alternativa para continuarem na festa.

O que estou querendo dizer é que há uma ordem de consumo que impera sobre qualquer pessoa da sociedade, que ignora condições sociais, que exclui aqueles que não respondem favoravelmente a esse apelo e, perversamente, os pune quando buscam uma alternativa para permanecer no jogo do consumo.

“A carreira do crime é uma parceira entre a disposição de alguém para transgredir as normas da sociedade e a disposição da sociedade para não permitir que essa pessoa desista” (SOARES, 2006, p. 30).

No caso dos jovens, isso é ainda mais perverso, pois eles só passaram a serem vistos como sujeitos sociais porque foram reconhecidos como um mercado fértil de consumidores. A imagem difundida pelo mercado é que ser jovem é estar sempre antenado as tendências da moda, vestir-se com roupas e acessórios desejados e usufruir incansavelmente do máximo prazer, a lei do *mais-gozar* (KEHL, 2004). Além disso, há hoje a exacerbação da ideia de juventude, como melhor fase da vida, em que a felicidade deve ser extrema e só se pode usufruí-la sendo jovem.

Maria Rita Kehl (2004) fazendo uma análise da crise da juventude da classe média hoje, esclarece que a juventude é sintoma de uma cultura que cultua o consumo e, para que essa ideia vingue, coloca sob as costas dos jovens a responsabilidade de eterna felicidade, fazendo crescer o sentimento de frustração não só daqueles que não conseguem corresponder a tudo isso, mas também daqueles consumidores exemplares:

“Podemos, nesse caso, entender o aumento da delinquência juvenil nos nossos dias como um sintoma do conjunto da sociedade, efeito do que venho chamando de teenagização da cultura ocidental. Com isso quero dizer que o adolescente “sem lei”, ou à margem da lei, é efeito de uma sociedade em que ninguém quer ocupar o lugar do adulto, cuja principal função é ser representante da lei diante das novas gerações.” (KEHL, 2004, p. 96)

Todas as narrativas falam de um mesmo ponto de vista, daqueles que sabem que devem consumir e querem consumir sempre, estão em busca de um ideal de juventude que lhes foi incucado durante sua formação neste mundo. Nem o modo como cada um foi buscando alternativas para alcançar este ideal é tão diferente assim: ou se envolveram com drogas, ou se envolveram com roubo.

Essa questão também é observada por Jurandir Freire Costa (2004). O autor coloca que a aquisição de objetos define as pessoas no universo social, no entanto, nem todos tem um poder de compra alto, aqueles que fazem parte do que seriam os consumidores falhos, para possuir o que desejam, encontram uma saída também no roubo e no furto. “Se o consumo é o bem maior, em nome de que outro valor se pede aos jovens que renunciem à plena satisfação pulsional?” (KEHL, 2004:100)

Na verdade, como já explicou Bauman (2008), a sociedade de consumidores não vai mudar por existirem pessoas que não conseguem corresponder ao consumo. O papel deste trabalho também não é pregar o fim dessa sociedade, mas iluminar suas contradições para que se deixe de ter um olhar naturalizado sobre suas falhas e busquemos refletir possibilidades de melhoras.

Bauman (2004) chama de *baixas colaterais do consumismo* os resultados perversos que este modelo de sociedade pode gerar. O autor explica que esta denominação vem imbricada de sentidos que merecem ser esclarecidos: falar de efeitos colaterais pode trazer a ideia errônea de que seriam efeitos impossíveis de serem previstos ou evitados. O que o autor questiona é se de fato essas baixas não são apenas indiferença e frieza do modo de organização da sociedade consumista que não se preocupa em evitá-los.

“A mentira *política*, empregada a serviço de uma luta de poder explicitamente *política*, assim como da eficiência igualmente *política*, é que foi o foco de nossa atenção até agora (...). A forma pela qual as narrativas dominantes, ou que aspiram à dominação, traçam a linha que separa a “ação intencional” das “consequências imprevistas” dessa mesma ação é também uma grande tacada na promoção de interesses econômicos e no esforço para reforçar a vantagem competitiva na luta pela obtenção de lucros financeiros.” (BAUMAN, 2008, p. 150)

A força conjunta das narrativas dos jovens da Fundação CASA está em nos fazer lembrar dos efeitos colaterais da sociedade de consumo, efeitos esses não tão impossíveis de serem previstos, como se a responsabilidade pelo ato infracional fosse somente dos meninos. “... Se vencer é o único objetivo do jogo, os que, uma rodada após a outra, não conseguem boas cartas, são tentados a optar por um jogo diferente, em que possam obter outros recursos, onde quer que isso seja possível.” (BAUMAN, 2008, p.167)

Além disso, as histórias são marcadas pela reincidência, o que chama novamente atenção: os jovens são retirados de uma sociedade que vendeu a ideia, desde seu nascimento, de que ele deveria se tornar uma mercadoria valiosa para ser reconhecido como sujeito e que ignorou quais condições ele tinha para assim ser, mas que soube recriminá-lo quando ele não conseguiu cumprir com a tarefa que lhe foi imposta; passa alguns meses recluso numa instituição, que coloca na educação a ilusória tarefa de fazer com que readmitam esse jovem na sociedade; ele retorna, para o mesmo lugar de excluído, com os mesmos apelos consumistas, mas com um ponto diferente, carrega o peso de ser oficialmente um consumidor falho.

“Para ser eficaz, a tentação de consumir, e de consumir mais, deve ser transmitida em todas as direções e dirigida indiscriminadamente a todos que se disponham a ouvir. No entanto, o número de pessoas capazes de ouvir é maior do que aqueles que podem reagir da maneira pretendida pela mensagem sedutora. Os que não podem agir de acordo com os desejos induzidos são apresentados todos os dias ao olhar deslumbrado daqueles que podem. O consumo excessivo, aprendem eles, é sinal de sucesso, uma auto-estrada que conduz ao aplauso público e à

fama. Eles também aprendem que possuir e consumir certos objetos e praticar determinados estilos de vida são a condição necessária para a felicidade. E uma vez que “estar feliz” (...) transformou-se na marca da decência e na garantia do respeito humano, isso também tende a se tornar condição necessária para a dignidade e auto estima.”(BAUMAN, 2008, p.165)

Todo esse estímulo é suficiente para que o jovem encare as atividades ilegais como uma possibilidade de caminho, que o levará a valorização (já que é uma mercadoria) e lhe trará felicidade (por poder consumir).

Ainda segundo o autor, seria ingenuidade pensar que a criminalidade é uma surpresa à sociedade consumista. As condutas classificadas como criminosas são crescentes, e não devem ser vistas como um problema, pois são, na verdade, as acompanhantes deste modelo de sociedade, um pré-requisito natural, talvez até indispensável, porque é a única forma de “exorcizar” aquilo que há de ruim dentro da cultura consumista.

Bauman (2008) cita e critica a ideia de *subclasse* como forma que está sendo usada atualmente para denominar aqueles que não correspondem a cultura consumista. Argumenta que esta é uma forma pejorativa para tratar daqueles que sofrem os efeitos colaterais de uma sociedade consumista.

Esse termo, justamente criado a partir da sociedade consumista, para classificar aqueles que falham em seus deveres para consumo, deve ser questionado do ponto de vista ético, pois, com o termo, facilitou-se a ideia de responsabilização do indivíduo e não da sociedade.

É necessário pensar no que acarreta essa terminologia, como se as pessoas que optassem por não participar desse mundo consumista. Será realmente que tais pessoas escolhem permanecer à margem? Será de fato que o cidadão da subclasse é tão alienado que permanecer dentro dessa categoria social lhe é uma opção pela qual ele luta constantemente?

Esses apontamentos são fundamentais para entendermos também como são julgados os meninos da Fundação CASA: como aqueles que não querem melhorar de vida, não fazem esforços para mudar, etc. Além disso, ajuda a entender também o porquê da internação de Paulo, considerando as colocações de Bauman (2008) e de Luiz Eduardo Soares (2006): ele foi preso e

condenado por um crime que não cometeu, mas por ser negro e pobre, e pertencer à mal vista *subclasse*, é possível pensar na internação do jovem não como mero acaso ou a melhor conduta a ser tomada, mas como resultado de uma cultura de pensamento que enquadrou o jovem.

Bauman (2008) chama atenção para o fato de ser mais fácil para a cultura consumista criar um espaço para aqueles que “falham” do que questionar o porquê desta falha ou reconhecer as suas próprias no que tange a qualidade de vida dos sujeitos.

Para o autor, uma possibilidade de melhoria para a vida de todos os sujeitos da sociedade de consumo é viver em um “Estado Social”, porque somente esta forma de estado saberia reconhecer os problemas dessa sociedade e agir em prol daqueles enfraquecidos pela cultura consumista, deixando de excluí-los, dando-lhes condições para que permaneçam caminhando junto com a sociedade.

“Assim como o poder de sustentação de uma ponte não é medido pela força média de seus pilares, mas pela força de seu pilar mais fraco, e cresce junto com esta, a confiança e a engenhosidade de uma sociedade são medidas pela segurança, engenhosidade e autoconfiança de seus setores mais fracos, e cresce junto com estas.” (BAUMAN, 2008, p.179)

A ideia de “Estado Social” é resgatada por Bauman (2008), para ele a cultura de consumo fez declinar esta forma de Estado. O “Estado de Bem Estar Social”¹⁰ predominante nos países

¹⁰ O Estado de Bem-Estar Social é uma forma de organização em que o Estado passa a ser o principal protetor e defensor social, agindo de forma coesa com os direitos sociais a fim de possibilitar uma forma de vida mais igualitária. Esta forma de Governo se organizou depois da Depressão Econômica dos Estados Unidos, em 1929 e se espalhou pelo mundo ocidental, principalmente nos países europeus. No Brasil, as ideias do Estado de Bem-Estar Social foram sendo adaptadas pelos governos no final da década de 70 e nos anos 80, tendo como necessidade atender algumas demandas das camadas mais desfavorecidas da população, assumindo um caráter muito mais assistencialista do que de direito. Segundo Bauman (2008), o Estado de Bem-Estar Social britânico foi projetado por Lorde Beveridge, que acreditava ser condição necessária à democracia liberal a existência de um seguro abrangente e coletivo, como suporte as possíveis falhas dos sujeitos diante dos ideais de liberdade de escolha individual que se fazia presente na época. Pelos princípios do Estado de Bem-Estar Social, todos aqueles que compõem a sociedade têm direitos sociais que devem ser garantidos pelo Estado (é a compreensão dos sujeitos como cidadãos e não como consumidores). Citando o Programa Socialdemocrata sueco de 2004, Bauman (2008, p. 179) assinala as ideias do Estado de Bem-Estar Social: “Seremos mais ricos se todos pudermos participar e ninguém for deixado de fora. Seremos todos mais fortes se houver segurança para todo mundo e não apenas para uns poucos.” Segundo o autor, as agressões a essa forma de estado iniciaram-se na Grã-Bretanha a partir do governo de Margaret Thatcher.

ocidentais na segunda metade do séc. XX, foi sendo enfraquecido à medida que emergia o consumismo e em que as leis do mercado passavam a comandar a vida das pessoas em todas as instâncias.

Um Estado é social, segundo o autor, quando promove a segurança coletiva, elevando todos os seus membros à condição de cidadãos, protegendo-os da pobreza, buscando uma forma mais igualitária de vida, com políticas de seguros que auxiliem, em nome da comunidade, aqueles que possam vir a fracassar diante das exigências do consumo. Em poucas palavras, é a busca por uma sociedade mais igualitária.

“O significado do Estado Social na sociedade de consumidores (...), é defender a sociedade dos “danos colaterais” que o princípio orientador da vida social iria causar se não fosse monitorado, controlado e restringido. Seu propósito é proteger a sociedade da multiplicação das fileiras de “vítimas colaterais” do consumismo: os excluídos, os proscritos, a subclasse. Sua tarefa é evitar a erosão da solidariedade humana e o desaparecimento dos sentimentos de responsabilidade ética.”(BAUMAN, 2008, p. 181)

O autor cita os países da América Latina como Brasil, Venezuela, Bolívia e Chile, como exemplos de países que possuem vínculos com este caráter do Estado Social¹¹, deixando claro que não é necessário aguardar o fim da sociedade de consumidores para encontrar esta forma de agir do Estado.

“Para evitar incompreensões, é necessário ficar claro que o “Estado Social” na sociedade de consumidores não é projetado nem praticado como alternativa ao princípio da escolha do consumidor (...). Os países com os princípios e as instituições de um Estado social firmemente estabelecidos também são aqueles que apresentam níveis de consumo elevados (...).” (BAUMAN, 2008, p.180)

¹¹ A meu ver, o Programa Bolsa Família, apesar de todas as críticas feitas a ele, pode ser considerado como um projeto característico do Estado Social conforme entendido por Bauman.

Pretendo com esta reflexão, retirar dos ombros desses meninos, que talvez representem muitos outros, o peso de serem eles os incompetentes da história.

O efeito positivo do “Estado Social” seria maior se ele contasse com instituições que promovessem um avanço para além da sociedade consumista e não a conformidade para com seu mecanismo. Não seria esse o papel da escola?



O NÃO-LUGAR DA ESCOLA.

“A estória do Pinóquio, me parece, ensina que as crianças nascem de pau e só depois de passar pela escola viram crianças de verdade. Se não passarem pela escola, correm o risco de se tornar jumentinhos, com o rabo e as orelhas de burro, além de zurrar. Pensei então em escrever uma estória ao contrário: um menino que nasce de carne e osso e, à medida que estuda na escola, vai virando outra coisa...”

Esse trecho está na apresentação do livro “Pinóquio às avessas” de Rubem Alves. Quem nunca ouviu a história do Pinóquio? Em inúmeras versões, essa história é contada para crianças, jovens, adultos, enfim, para quem quiser ouvi-la ou lê-la. Rubem Alves se incomoda com a moral dessa história, tão perversa aos olhos do autor: pregar a escolarização como salvação para estar no mundo, para se tornar uma pessoa de verdade. Não sei dizer se as reflexões que seguirão aqui poderão aliviar ou angustiar ainda mais este autor.

A história do Pinóquio está presente nas entrelinhas das histórias dos colaboradores: nenhum deles acha que a escola é uma instituição inútil, sem serventia, que deve ser eliminada. Ao contrário disso, a escola aparece nessas histórias como uma importante instituição, porque lhes dará melhores condições de vida, lhes trará melhores oportunidades, tornará a todos, meninos de verdade!

Talvez possa parecer ingenuidade da parte deles, ou até mesmo que estão tentando me convencer de que já se reajustaram, como sabem que devem convencer a técnicas, juízes e promotores. No entanto essas falas repetidas, esse traço forte de todas as entrevistas, colocando a escola como possibilidade de ascensão social, e com isso, de mudança no modo como vivem suas vidas, tem um fundamento. Este discurso “pronto” que os jovens trazem para as entrevistas fala de um ideal que lhes foi impregnado ao longo de suas vidas: quanto mais escolarizado o sujeito for, melhores condições de vida ele terá.

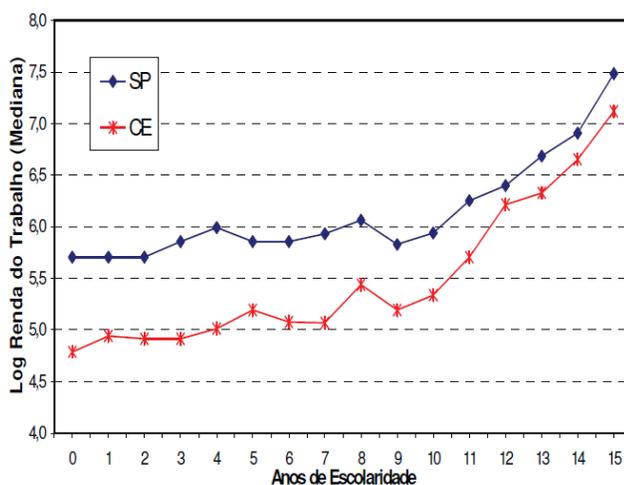
Eu fui em busca de dados quantitativos que dessem sustentação a esse ideal que permeia as histórias dos jovens. Há inúmeras reportagens nos jornais em circulação que podem servir como ponto de apoio ao discurso valorativo da escola pelos jovens.

Numa delas, publicada no jornal “Estado de São Paulo”, em 24 de julho de 2013, o jornalista Eduardo Zylberstaj fala da baixa criação de empregos no Brasil nos últimos anos e afirma, baseado em dados estatísticos, que os mais escolarizados estão sendo poupados por essa crise, ou por não estarem perdendo os seus empregos, ou pelas vagas que estão sendo abertas exigirem maior escolaridade.

Encontrei uma pesquisa de três economistas que relaciona a renda dos brasileiros com a escolaridade, fazendo comparações entre as regiões do Brasil e os Estados de São Paulo e do Ceará, a partir dos dados do Censo de 2000 e da PNAD de 1999.

O gráfico abaixo pode ser um exemplo claro das observações feitas na pesquisa:

Figura 1. Relação Renda e Escolaridade no Brasil



Fonte: SALVATO; FERREIRA e DUARTE, 2010.

Pelo estudo, os pesquisadores concluem que a desigualdade de renda e de escolaridade tem forte correlação, quanto menor a escolaridade do trabalhador, menor a sua renda, observando as devidas singularidades de cada região e Estados estudados.

Isso tudo quer dizer que não há dúvidas de que maiores salários e melhores condições de vida estão associados a maior nível de escolaridade. E é sob essa ideia que os jovens cresceram, não está só nos jornais, mas na fala de seus familiares, nas histórias infantis contadas ou não nas

escolas, nos discursos dos professores, na mídia, etc.: ir para a escola é importante porque é por ela que a vida melhora.

Há um problema nesse discurso, que faz com que todos que nele se fundamentem, estejam equivocados.

A escola está diretamente ligada ao mercado de trabalho, como um trampolim para o sucesso. No entanto, na prática, não dá garantias nenhuma de uma boa colocação ou mesmo de uma colocação nesse mercado. Além disso, seus resultados são lentos e nem sempre confiáveis; estudar exige um investimento alto e longos prazos, os quais nem sempre os jovens, mesmo acreditando num ideal de salvação pela educação escolar, estão dispostos ou possuem condições para esperar.

A escola, como a conhecemos hoje, pelo menos a grande parte das escolas públicas, é oriunda de uma sociedade que está passando por muitas mudanças. Estamos vivendo hoje uma transição transformando a sociedade disciplinar numa sociedade de controle.

Os autores que me ajudam a fazer essas reflexões, além de Bauman (2008) já citado no capítulo anterior, são Foucault (2008), Deleuze (2010) e Alfredo Veiga Neto, a partir de uma palestra proferida em 2010 na UNICAMP, disponibilizada pela Revista Aulas¹², entre outros.

Foucault (2011, p. 133) nos fala que a partir do século XVIII surgiram métodos que permitiram o controle minucioso das operações do corpo, ou seja, controle detalhado da vida dos indivíduos, manipulando seus gestos, seus comportamentos, seus espaços, seu tempo, suas atividades. Tal controle realiza a sujeição constante das forças do corpo e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. Esses métodos são o que o autor chama de “disciplinas”:

“Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer do século XVII e XVIII formulas gerais de dominação (...). O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa, não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tão pouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de

¹² <http://www.unicamp.br/~aulas/>

uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente.”

As disciplinas, segundo o autor, não estão presentes apenas em uma instituição, elas podem ser entendidas como um tipo de poder, o poder disciplinar, que perpassa as inúmeras instituições sociais:

“A “disciplina” não pode se identificar como uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições “especializadas” (as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX), seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder (...), seja de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior (...), seja enfim de aparelhos estatais que têm por função não exclusiva, mas principalmente, fazer reinar a disciplina na escala de uma sociedade.” (FOUCAULT, 2011, p. 204)

Esta forma de poder caracteriza-se por certos números de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos. (REVEL, 2005, p. 35).

O poder disciplinar foi muito útil ao crescimento do capitalismo. Com suas técnicas foi possível gerir os homens para a sujeição ao sistema e para uma maior acumulação de capital:

“Na verdade os dois processos, acumulação de homens e acumulação de capital, não podem ser separados; não teria sido possível resolver o problema da acumulação de homens sem o crescimento de um aparelho de produção capaz ao mesmo tempo de mantê-los e utilizá-los; inversamente, as técnicas que

tornam útil a multiplicidade cumulativa de homens, aceleram o movimento de acumulação de capital.” (FOUCAULT, 2011, p. 208)

É por esta razão que Foucault (2011), caracteriza a sociedade a partir do século XVIII como *sociedade disciplinar*. Esse modo de vida social, no qual impera o poder disciplinar, adestrou as pessoas a um padrão esperado de conduta, a um modelo de vida baseado na sujeição:

“De uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar ordenação das multiplicidades humanas. É verdade que não há nisso nada de excepcional, nem mesmo de característico: a qualquer sistema de poder. Mas o que é próprio das disciplinas é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível (...); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (...) em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e utilidade de todos os elementos do sistema.” (Ibid., p. 206)

Bauman (2008) observando as relações de consumo fala de uma *sociedade de produtores*. O autor não cita a sociedade disciplinar propriamente dita, mas dá indícios para que percebamos que o modo de vida disciplinar vingou por meio da criação de um tipo certo de desejo de consumo, ou seja, o padrão ideal de consumo ambientou a padronização de comportamentos por meio da disciplina.

“A sociedade de produtores, principal modelo societário da fase “sólida” da modernidade, foi basicamente orientada para a segurança. Nessa busca, apostou no desejo humano de um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente e, como prova disso, duradoura, resistente ao tempo e seguro. Esse desejo era de fato uma matéria-prima bastante conveniente para que fossem construídos os tipos de estratégias de vida e padrões comportamentais indispensáveis para atender à era do “tamanho

é poder” e do “grande é lindo”: uma era de fábricas e exército de massa, de regras obrigatórias e conformidade às mesmas, assim como de estratégias burocráticas e panópticas de dominação que, em seu esforço para evocar disciplina e subordinação, basearam-se na padronização e rotinização do comportamento individual.” (BAUMAN, 2008, p. 42)

Na sociedade de produtores, diferente da sociedade de consumidores, consumia-se para guardar, os bens deveriam ser duráveis, não era a satisfação imediata que importava. “A sociedade de produtores e soldados se concentrava na administração dos corpos a fim de tornar a maior parte de seus membros apta a morar e agir em seu pretense hábitat natural: o chão da fábrica e o campo de batalha.”(Ibid., p. 72)

A escola, assim como as prisões, como a conhecemos hoje, surgiu do poder disciplinar. Ambas instituições foram necessárias para disciplinar as sociedades:

“...somos herdeiros de uma escola como instituição disciplinar, moldada em paralelo às prisões, como lugar controlado e destinado ao controle de corpos e mentes, para usarmos uma expressão cara a Foucault. A reprodução dos saberes e a absorção de comportamentos regrados constituem elementos centrais da escola moderna, filha do Iluminismo e dos Estados nacionais, preocupados em criar cidadãos que compartilhassem valores e forjassem uma única identidade.” (FURNARI e ZARANKIN, 2005, p. 136)

Deleuze (2010) fala em máquinas energéticas como expressão da sociedade que as cria, lhes dá forma e utilidade. A escola seria uma importante máquina da sociedade disciplinar, uma instituição para adestrar os futuros produtores.

Assim a escola moderna se fez como um espaço panóptico para controlar comportamentos, além de enquadrar a todos que por ela passavam em um padrão ideal. É justamente por isso que a escola é tão parecida com as fábricas, prisões, hospitais: com sinais, percursos seriados, salas de aulas que isolam os indivíduos, carteiras uniformemente distribuídas, com gratificações meritocráticas e de longa duração, nada nela é imediato, para usufruir de seus

resultados é necessário uma longa espera, já que foi criada para alimentar uma sociedade de produtores em que os bens de consumo tinham de ser duráveis para passar confiança.

No entanto, esta forma de poder vêm perdendo cada vez mais espaço na sociedade. Deleuze (2010) observa que Foucault, ao falar da sociedade disciplinar notou que ela teria um tempo certo e não seria eterna. Esta sociedade disciplinar que falava Foucault está se transformando numa sociedade de controle.

Para Deleuze (2010), a sociedade com ênfase na disciplina viveu sua crise após a Segunda Guerra Mundial e vem sendo desde então substituída por novos modelos de controle que se instalam lentamente.

“É uma mutação já bem conhecida que pode ser resumida assim: o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. Por conseguinte, erige a fábrica como meio de confinamento, o capitalista sendo o proprietário dos meios de produção, mas também eventualmente proprietários de outros espaços concebidos por analogia (a casa familiar do operário, a escola). Quanto ao mercado, é conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção. Mas atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia e do petróleo. É um capitalismo de sobreprodução. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, o que ele quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa.”
(DELEUZE, 2010, p. 227)

Retomando as formas de poder e como elas foram se transformando conforme foram atingindo seu objetivo, Alfredo Veiga Neto (2010) explica que primeiro se tinha necessidade de espetacularizar a punição, havia necessidade de examinar e olhar o corpo, depois passou-se a uma

economia da vigilância, poucos corpos eram vigiados por muitos corpos, e estes foram aprendendo a se vigiar por si mesmos e pelos seus próprios olhares, chegando onde estamos hoje.

Bauman (2008, p. 90) afirma que "... o segredo de todo sistema social durável (...) bem-sucedido é fazer os indivíduos *desejarem realizar* o que é necessário para capacitar o sistema a se auto-reproduzir." Com isso, é possível perceber porque as relações de consumo foram se alterando também: se antes a sociedade prezava pela segurança, pelo consumo de bens duradouros (incluindo aí também o emprego), para corresponder ao modo disciplinar de se viver, a mudança na ênfase capitalista para o controle faz com que surja uma sociedade de consumidores, a qual transforma os sujeitos em mercadorias, e coloca nas relações de consumo a função vital de cada indivíduo.

Não cabe nessa análise feita pelos autores a avaliação qualitativa dos modos sociais de vida, pensar se se viveu melhor na sociedade disciplinar ou vivemos melhor agora não é a preocupação aqui. Há, na verdade, a necessidade de se observar essas transformações para refletir de que maneira nossas vidas são impactadas. "Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais notável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições." (DELEUZE, 2010, p. 224)

Alfredo Veiga Neto (2010), concordando com Deleuze (2010), pondera que as mudanças no modo social de se viver ainda estão acontecendo, não foram repentinas, linear, mecânica ou maciça, mas devem ser entendidas no sentido de estarem sendo criadas novas estratégias e novas ênfases na forma de vigilância e punição.

Todo esse processo afeta diretamente a escola: como instituição disciplinar tem em seus objetivos o adestramento dos alunos que, no entanto, vivem em um mundo de controle, eles são mercadorias e estão em busca de resultados rápidos para garantirem sua valorização no mercado, com isso, as instituições, como forma de disciplinamento, passam a ter um valor secundário.

"Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola e família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército,

a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam.” (DELEUZE, 2010, p. 224)

Ou seja, a crise da escola pertence a todas as outras instituições que foram criadas dentro de uma lógica que não faz mais sentido nessa sociedade atual.

Veiga Neto (2010) explica que há pelo menos duas realidades educacionais simultâneas coexistindo no Brasil atualmente: uma mais tradicional submetida à lógica disciplinar que a fundou, e a outra mais experimental, aberta a novas possibilidades, mas sujeitas à lógica do controle.

Estas novas possibilidades, seriam as reformas que os ministros vêm anunciando, como supôs Deleuze (2010). As escolas, afirma Veiga Neto (2010), como uma máquina energética, fechada, pontual, assim como as outras instituições disciplinares (prisão, hospitais, quartel, fábricas), estão sendo substituídas não em toda sua dimensão ou em todos os lugares, por máquinas que Deleuze chamou de cibernéticas que são abertas e difusas.

Como exemplo, cita a escola aberta e a educação à distância, ou seja, o desenclausuramento do aluno.

A realidade educacional que ainda está submetida à lógica da disciplina é a escola trazida nas entrevistas, esta escola que os jovens conhecem e que a maioria dos estudantes deste país conhece.

O acesso à educação escolar está assegurado por lei, tanto para os jovens que estão fora de instituições prisionais, como para os colaboradores dessa pesquisa, que mesmo reclusos, permanecem tendo acesso. Aparentemente isso é um grande ganho, se pensarmos nos benefícios da educação para a vida de um sujeito social. No entanto, o processo de escolarização que se oferece é disciplinar, busca a sujeição do sujeito. A escola que se difundiu e permanece se difundindo é a escola disciplinar, que não conversa mais com os alunos da sociedade atual.

Sposito (2005) e Dayrell (2007), olhando para a relação da juventude com a escola, referem-se às chamadas instituições socializadoras clássicas, por exemplo, a escola e a família, como principais e centrais na socialização do conhecimento dos jovens, mas que vêm perdendo

espaço para novos meios de socialização, desencadeando um processo que denominam de *desinstitucionalização social*.

Dentro do cotidiano escolar, as consequências dessa desinstitucionalização é a relação bastante conflituosa que pode existir entre alunos e professores ou alunos e funcionários em geral. Pais (2008) tratando desta relação traz o conceito da *violência da presunção*, gerada pelos professores e escolas ao criar pré-conceitos sobre os alunos que a frequentam. Avaliam os alunos em função de expectativas pré-concebidas.

Para o autor, os sistemas de ensino não se mostram capazes de se comunicar com as culturas diferentes do que é considerado “padrão normal”. Os jovens “chegam à escola diferentes, porque têm origens sociais e memórias culturais diferentes, mas a escola pretende, à força, torná-los iguais. Caindo na falácia de identificar democratização com massificação e homogeneização.” (PAIS, 2008, p.16)

As chamadas “escolas do diabo”, apresentadas pelo autor, onde encontram-se reunidos os alunos que carregam traços rejeitados pela maioria dos professores, são aquelas nas quais é mais comum o exercício de diferentes tipos de violência: a da estigmatização social e uma violência material, traduzida em roubos, agressões físicas, etc.

“...além do mais, predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e atores juvenis na sociedade (...) diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o jovem existente no ‘aluno’, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero, ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta.” (DAYRELL, 2007, p. 1117).

Desta maneira, tem-se a escola enquanto campo de conflitividade, que configura a interação entre jovens e instituições do mundo adulto, e que deve ser investigada e submetida à crítica (Sposito, 2005).

Uma das mudanças que fizeram com que a escola perdesse o monopólio na formação das novas gerações, observadas por Sposito (2005), e que considero como resultado da sociedade consumista é que a entrada na vida adulta está cada vez mais complexa e menos linear, alterando a relação do jovem com a escola, uma vez que a escolaridade já não se constitui mais como elemento que garante a entrada no mundo do trabalho, o que era a princípio uma ponte para a autonomia financeira e conseqüentemente à vida adulta.

Hoje a escola sobrevive do poder legal legitimado em nosso país que a torna obrigatória e de um ideal que a fez útil dentro da sociedade disciplinar: o de que pela escolarização sempre se terá acesso a melhores padrões de vida.

Como vimos no início deste capítulo, de fato ser escolarizado ainda é um atrativo para o mercado de trabalho, no entanto, segundo pesquisa desenvolvida pelo economista e pesquisador Marcio Pochman, citada por Gaudencio Frigotto (2004), os empregos criados no Brasil tem baixa remuneração quando comparado aos dos outros países e, quem mais perdeu renda com os empregos criados no período de 1998 a 2001 foram os mais escolarizados.

Ou seja, a escola é importante, por isso obrigatória e garantida em lei, no entanto sua importância está associada muito mais a um ideal do que a uma realidade, predominando em sua organização elementos da sociedade disciplinar. É por esta razão que, todos os jovens falam da importância da escola, eles realmente acreditam no que estão falando, mas não conseguem frequentá-la ou darem continuidade aos estudos, porque se deparam com uma estrutura que não está preparada para eles.

Dessa maneira, pensando no lugar da escola na vida dos jovens colaboradores, chego à hipótese do *não-lugar*: a escola tem lugar muito mais no plano simbólico do que real na sociedade atual, está presente como instituição com uma base legal e no imaginário dos alunos, como ponte para o sucesso; no entanto, na prática, ao permanecer sob a lógica da disciplina, como controle de comportamento, não se faz presente na vida dos jovens, não os afeta, não os conquista, ou seja, ocupa o *não-lugar*.

A ideia do "*não-lugar*", como uma expressão para significar aquilo que ocupa um lugar mais no plano simbólico do que no plano prático é desenvolvida por Bonilha (2012), ao tratar da exclusão do negro na sociedade brasileira. A autora faz referência ao *não-lugar* para defender a tese

de que o negro ocupou um lugar prático na sociedade escravocrata, e hoje, por vivermos um racismo não declarado, ocupa um *não-lugar*, pois no plano simbólico os negros não sofrem racismo, mas no plano prático são vítimas de uma exclusão não declarada.

Entendo o lugar da escola na sociedade de controle como um *não-lugar*, pensando que o lugar da escola está mais no plano simbólico do que no plano prático. As razões para que isso aconteça estão relacionadas a sua organização, que teve na sociedade disciplinar, um lugar de importância, mas que vem perdendo essa importância por não reagir as mudanças sociais, caracterizando muito mais uma instituição do século XIX, como a define Pacheco¹³, tentando sobreviver no século XXI.

Isso não significa é claro, que não reconheço na escola mudanças ocorridas ao longo de sua história. Ela passou por reformas, como observou Deleuze (2010), supostamente necessárias, mas que ainda não a fizeram sair das amarras da sociedade disciplinar. Muitas de suas práticas foram abolidas ou mudadas, como a palmatória, por exemplo, ou o ditado que agora foi substituído por lista de palavras.

É consenso entre os autores que estudam a juventude a ideia de que a expansão precária do ensino público, que significou a superação das barreiras que antes impediam as camadas populares de frequentarem a escola, gerou para a instituição a incapacidade de absorver a nova realidade escolar.

A ampliação do acesso à escola trouxe não só um novo público, mas uma nova maneira de relacionamento que as instituições abrigam. O aluno ideal, esperado pela escola, disciplinado, obediente, pontual, “estudioso”, foi também transformado e um novo jeito de “tornar-se aluno” surgiu dentro da escola.

O jovem que chega às escolas públicas hoje apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferencia e muito de outras gerações. Isso porque, como explica Sposito (2005), os jovens que estão hoje no sistema de ensino experimentam a condição juvenil não só em espaços escolares, levando para a instituição práticas e modos de vida

¹³ Em entrevista a repórter Lilian Primi (2013), da revista Caros Amigos, o pedagogo português José Pacheco afirmou que a escola que nos habituamos a ter é “... tributária das necessidades da sociedade do século 19. Não tem nada a ver com a sociedade do século 21”.

consolidados em outros lugares porque possuem alternativas e querem, certamente, preservá-las (Dayrell, 2007).

“A escola, sobretudo para a geração atual, desejosa de ter acesso aos padrões de consumo de massas, não aparece como canal seguro de mobilidade social ascendente para os mais pobres. Assim, uma profunda crise da edificação socializadora da educação escolar ocorre nesse processo de mutação da sociedade brasileira, que oferece caminhos desiguais para a conquista de direitos no interior da experiência democrática.” (SPOSITO, 1997, p. 99).

Ao pensar se a escola “faz” a juventude, Dayrell (2007) analisa que a escola pouco contribui ou em nada contribui na construção e na vivência da sua condição juvenil, principalmente para aqueles que foram excluídos antes de concluir o ensino básico.

O autor ressalta que mesmo com maior facilidade de acesso, a escola ainda é injusta, por não reconhecer “(...) que seus muros ruíram, que os alunos que ali chegam trazem experienciais sociais, demandas e necessidades próprias. Continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outros contextos.” (DAYRELL, 2007, p. 1125)

Num campo micro, a relação entre alguns professores e seus alunos dentro de sala de aula pode ter avançado, no sentido de se afastarem do modelo disciplinar. Os jovens falam da escola da Fundação CASA, por exemplo, como sendo melhor que a escola pública regular, porque a relação com os professores é diferente.

A princípio, pode soar contraditório, se pensarmos que as instituições de caráter prisional como a Fundação CASA pertencem a mesma lógica disciplinar que organizou a escola, com o agravante de serem ainda mais potentes no uso de técnicas de vigilância e punição, um “meio de confinamento por excelência”, segundo Deleuze (2010: 223), já que dentro de seus muros não há relações de poder e sim um estado de dominação. Como pode ser a relação professor aluno melhor dentro desta instituição?

Apesar das aulas serem mais uma forma de favorecer um estado de dominação, o que acontece entre os professores e os internos não pode ser totalmente controlado pela instituição.

Ou seja, os professores dentro da Fundação se despem da postura disciplinar que a escola regular possa exigir deles, e que, dentro da instituição prisional fica a cargo dos agentes de segurança, esta situação, paradoxalmente faz com que seja possível à maioria deles reinventar suas relações com os jovens, desenvolvendo uma relação mais afetiva, tratando os alunos com mais respeito, diferenciando-se daqueles profissionais que desenvolvem seu trabalho fora da Fundação e distanciando a escola do ideal disciplinador.

A escola mudou, vem mudando ao longo do tempo, mas não se transformou para ocupar um lugar na sociedade atual, caracterizando-se como um “não-lugar”.

Pais (apud Dayrell, 2007, p.1115) explica que há mutações no processo de socialização da juventude que fazem com que as instituições consideradas clássicas, como a escola, passem por um processo de re-institucionalização permanente, ou seja, estão em constante reconstrução. Na sociedade contemporânea, esta re-institucionalização ocasiona a perda de autonomia dessas instituições que não conseguem mais cumprir com o papel de “ordenadora” da sociedade.

Nesse sentido, ao pensar “o que pode a escola?”, acredito que ela possa muito pouco hoje, pois, ao inviabilizar a liberdade, a autonomia, o respeito, a escola só pode se dizer importante para a vida de seus alunos no plano simbólico, por meio do ideal de ascensão social pelo estudo, que ainda se faz segundo as demandas do mercado de trabalho, mas que não atinge todos os estudantes de maneira a fazer com que permaneçam estudando durante os, pelo menos, 14 anos como quer a legislação.



REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL



Fonte: Jornal Folha de São Paulo - 12/02/2007

O QUE ESTAMOS FAZENDO DE NÓS MESMOS?

“... no curso de sua história, os homens jamais deixam de constituir a si mesmos, quer dizer, de deslocar, continuamente, sua subjetividade, de se constituir em uma série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que jamais nos colocaram em face de alguma coisa que seria o homem.” (FOUCAULT, 2010. p. 325-326)

Inspirado em Foucault, Alfredo Veiga Neto coloca a mesma questão que intitula este capítulo para finalizar sua palestra. *O que estamos fazendo de nós mesmos* é uma dúvida que perseguiu esse trabalho também.

Contar a história dos jovens da Fundação CASA teve como propósito maior refletir sobre os processos de subjetivação que constituem os sujeitos de nossa sociedade, ou seja, pensar como os modos de objetivação estão nos compondo e como estamos resignificando isso em nós mesmos.

Segundo Vilella (2006, p. 116) Foucault analisa o poder a partir da identificação de três níveis distintos: - os estados de dominação; - as relações de poder, como jogos estratégicos de liberdade e – as técnicas de governo, “ou seja, as tecnologias governamentais que se situam entre as relações de poder e os estados de dominação.”

A partir disso, busquei pensar de que maneira as relações de poder e as técnicas de governo às quais estamos submetidos estão nos produzindo e estão sendo resignificadas por nós. É esse processo que a fala dos colaboradores revela.

A subjetividade¹⁴ de cada um foi exposta nas narrativas, elas dão conta de nos mostrar um jogo de verdade ao qual estamos imersos hoje: a sociedade de consumidores, conceituada por Bauman (2008), foi antes exposta nas falas dos jovens, localizando dentro deste jogo a escola e os ideais que lhes são associados, mas não cumpridos.

Falar de jogos da verdade, não significa descobrir a verdade, como se ela existisse pura e simples, mas entender as regras de verdadeiro ou falso pelas quais falam os sujeitos. A História Oral

¹⁴ Subjetividade é “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2006, p. 236)

chama nossa atenção para as experiências relatadas no conjunto das narrativas, justamente por nascer deste conjunto a possibilidade de se perceber os jogos de verdade que aí se constituem.

Os jogos de verdade de nossa sociedade colocam os jovens da Fundação CASA como bandidos, ladrões, marginais, traficantes, por ser mais simples condená-los do que questionar sobre os efeitos colaterais do consumismo. A ideia de que os jovens infratores apenas tem “vocação para o mal” é recorrente nesse jogo de verdade, permitindo se questionar a idade ideal para ser tachado como bandido, mas em nenhum momento se cobra uma maior reflexão dos sentidos de um ato infracional.

A reportagem com autoria de Marcelo Cipis, de 27 de dezembro de 2013, sob o título “*Menor bom e menor preso?*”, publicada na revista Carta Capital, revela que, se fosse feito um plebiscito para se decidir a redução da maioria penal no Brasil, 89% dos consultados seriam favorável à redução.

Como exposto na introdução dessa pesquisa, este trabalho busca demonstrar que ainda predomina em nossa sociedade a ideia de colocar na mão do sujeito a responsabilidade de não ter conseguido se tornar uma mercadoria valorosa e sim um consumidor falho.

Eliane Brum, em artigo publicado na Folha de São Paulo em 22 de abril de 2013, com o título “Pela ampliação da maioria moral”, escreve: “Se tivessem voz, os adolescentes que queremos encarcerar com ainda mais rigor e por mais tempo exigiriam - de nós, como sociedade, e daqueles que nos governam pelo voto – maioria moral”.

Esta pesquisa ouviu os jovens da Fundação CASA e, os ouvindo, amplificou suas vozes para ressoarem em diversos espaços educativos.

É uma proposta para pensar o que estamos fazendo de nos mesmos, o que estamos fazendo da juventude, da sociedade, das resistências que aí se manifestam.

A resistência, para Foucault, segundo Sampaio (2007, p. 2) é algo inerente ao poder. Como vimos no texto desta pesquisa, Foucault localiza a resistência onde há relações de poder.

“A resistência seria móvel prioritário, porque ativo; enquanto o poder agiria segundo uma estratégia reativa. ‘Antes’ – se não historicamente – pelo menos na ordem das condições de existência.”

Como foi dito no primeiro capítulo, onde houver resistência, haverá relações de poder, é a resistência que faz com que o poder seja relação de força e não estado de dominação. Enganam-se aqueles que veem as relações de poder como algo negativo, pois junto a elas está a liberdade do sujeito e sua possibilidade de resistência. Da mesma maneira, engana-se também aquele que coloca a resistência somente em termos de negação, como se apenas dizer não fosse resistir. A análise foucaultiana trazida por Sampaio (2007) e Vilella (2006) fala da resistência como processo de criação e possibilidade de transformação.

Para Foucault, na maior parte das vezes, os pontos de resistências são móveis e transitórios, não causam grandes rupturas, mas introduzem na sociedade fragmentações que deslocam e rompem unidades e geram novos agrupamentos.

“(...) os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos, de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis (Foucault, 1979, p. 92).

Segundo Sampaio (2007, p. 16,17) as lutas que se travam contra o poder são de três tipos: - contra a dominação (no seu aspecto étnico, social e religioso); - contra a exploração feita aos trabalhadores e, - contra os processos de assujeitamento que conformam subjetividades controladas. Desses três tipos de lutas, Foucault dá relevância a esta última como fundamental para o presente, porque no combate a essas subjetividade encontra-se o principal movimento de ataque ao poder estabelecido, ainda que as demais formas de luta não tenham perdido sua força.

Como travar essa luta? Do mesmo modo que o poder está espalhado em toda a sociedade, é necessário que se pulverize pontos de resistência, isso não significa uma afiliação

ideológica para resistir, como uma concentração partidária, mas que se deixe viver dentro da sociedade possibilidades de resistências, enquanto lutas locais, pontuais que se disseminam.

Essas possibilidades de resistências, numa luta contra os processos de assujeitamentos, espalhadas pelas redes criadas pelo poder, alteram modos de agir e provocam fragmentos na sociedade porque atingem os indivíduos, os grupos e principalmente a vida.

“Segundo ele (Foucault), a resistência não é uma imagem invertida do poder, ela deve partilhar as mesmas características do poder.” Que seria ser tão inventiva, tão produtiva e, como o poder, saber se organizar, que venha debaixo e se distribua estrategicamente. (VILELLA, 2006:118)

“Lutar contra um poder que é, ao mesmo tempo massificante e individualizante. Um poder invasivo que cuida não só da gestão dos corpos como também das mentes com o intuito de dirigi-los, governá-los como a um rebanho. E, ainda, constrói formas de vidas e de verdades. Um comando V: vida e verdade.” (SAMPAIO, 2007)

Identifico aqui, uma possibilidade para a escola encontrar o seu lugar na sociedade de controle, como um espaço de resistência. Quando falo do *não-lugar* da escola, percebo que há aí uma brecha importante para ela: não ser mais uma instituição disciplinar, não significa ter que se adaptar a uma realidade de controle, contribuindo para a auto-reprodução da cultura consumista, mas sim vislumbrar caminhos que pulverizem resistências junto aos sistemas de controle que o poder criou.

Se a resistência nasce das relações de poder existentes nas instituições, acredito que a transformação da escola deva acontecer a partir da sua realidade local. Dessa perspectiva, a escola apresenta aberturas não capturadas pela sociedade de controle, constituindo uma de suas tarefas propiciar, por meio das suas próprias relações de poder, experiências nas quais seja possível sentir novos modos de subjetivação.

Encontro nas escolas que não se destinam a disciplinar seus alunos e que não buscam adequar-se às novas formas de tecnologias governamentais, importantes centros de resistência, porque criam alternativas que a escola disciplinar não conhece.

Nesse sentido, ao pensar “o que pode a escola?”, acredito que ela possa duas coisas: continuar sendo uma instituição pautada no poder disciplinar ou caminhar para se tornar um espaço

viabilizador de autonomia, de respeito, criando e inventado modo de afetar os sujeitos que ali estudam e trabalham.

Não saberia dizer se esta escola afastaria os jovens da criminalidade, mas certamente proporcionaria a eles experiências muito distintas daquelas vividas enquanto indivíduos marginalizados pelo consumo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*. nº 05 Mai/Jun/Ago, nº 06 Set/Out/Nov/Dez, p. 25 – 36, 1997.

ABRAMOVAY, Miriam (Cord). *Gangues, gêneros e juventude: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos*. Brasília – DF. 2010.

ADORNO, Sérgio. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. In: *São Paulo em Perspectiva*, nº 13, out/dez, 1999.

ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. *A experiência da internação entre adolescentes: práticas punitivas e rotinas institucionais*. 2010. 177f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALVES, Rubem. *Pinóquio às avessas*. Campinas: Verus, 2010.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

BAUMAN, Zigmunt. *Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. *O menor e a ideologia de segurança nacional*. Belo Horizonte: Novo Espaço, 1985.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069. Brasília. 1991.

CALDAS, A. L. *Oralidade, texto e história: para ler a História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 100, 1105 – 1128, out, 2007.

_____. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 24, p. 40 – 52, set/out/nov/dez, 2003.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. 1984 – A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, Volume V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREITAS, Maria Virgínia (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FUNARI, Pedro P.; ZARANKIN, Andrés. Cultura Material Escolar: o papel da arquitetura. In: *Revista Proposições*, Campinas, v. 16, nº 1 (46), jan/abri 2005, p. 135 – 144.

FUTATA, Flavia Pimentel. *O imaginário da passagem: imagens e símbolos no encontro com adolescentes em privação de liberdade na Fundação CASA*. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, Áurea Maria. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas: Papirus, 2003.

_____. *Vidas de Jovens Militantes*. Tese (Livre Docência na área de Educação Escolar). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas/São Paulo. 2011.

LOPES, Juliana Silva. *A escola na FEBEM – SP: em busca do significado*. 2006, 149f, Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARZOCHI, Andréa. *Professores da Fundação CASA: condições e relações de trabalho*. 2009, Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2009.

MASSARO, Camila Marcondes. *Entre o formal e o real: representações acerca do modelo disciplinar da Fundação CASA de Araraquara*. 2008, 304f, Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

MEIHY, José C. S. B. *Canto de morte kaiowá: história oral de vida*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

OYAMA, Thais. *Aquilo é o inferno*. Revista VEJA, 10 de junho de 1999. Acessada pelo site: http://veja.abril.com.br/061099/p_011.html, em 29 de outubro de 2009.

PAIS, José M. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, jan/abr 2008, p. 07 – 21.

PRIMI, Lilian. O Novo Professor, por José Pacheco. In: *Revista Caros Amigos: especial educação*, São Paulo, ano XVII, nº 64, set 2013, p. 24 – 27.

SALVATO, Marcio A.; FERREIRA, Pedro C. G.; DUARTE, Angelo J. M. O impacto da escolaridade sobre a distribuição de renda. In: *Revista Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 40, nº 4, out – dez 2010, p. 753 – 791.

SAMPAIO, Simone Sobral. Resistência. In: RAGO, Margareth; MARTINS, Adilton Luis (org). *Revista aulas: Dossiê Foucault*, dez/mar, 2007.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina e VANUCCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

_____. O futuro como passado e o passado como futuro: armadilha do pensamento cínico e política da esperança. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas Juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 13, p. 73 – 94, Jan/Fev/Mar, 2000.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87 – 103, jan/jun. 2001, p. 87 – 103.

_____. Estudos sobre juventude em educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 37-52, nº 05, Mai/Jun/Jul/Ago, nº 06, Set/Out/Nov/Dez, 1997.

TEIXEIRA, Joana D'arc. *O sistema socioeducativo de internação para jovens autores de ato infracional do estado de São Paulo*. 2009, 177f, Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, São Carlos, 2009.

VILELA, Eugenia. *Resistência e acontecimento: as palavras sem centro*. In: KOHAN, Walter Omar. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2011: os jovens no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari; Ministério da Justiça: Brasília – DF, 2011.